

sexualidades e subjetivação

Onde se ancora a escuta do analista?

Organizadores: Iuri Ismael Pedroso de Oliveira Maíra Muhringer Volpe

CONSTRUÇÕES 9





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C765

Construções 9 – Sexualidade e subjetivação: onde se ancora a escuta do analista? / organizado por luri Ismael Pedroso de Oliveira, Maíra Muhringer Volp – 1. ed. – Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Candidatos, 2025. 240 p.; 16X23 cm.

Vários autores. ISBN 978-65-01-69864-9

1. Psicanálise - Coletânea 2. Sexualidade 3. Analistas. I. Oliveira, luri Ismael Pedroso de II. Volp, Maíra Muhringer III. Título.

CDD 150.195 CDU 159.964.2

Construções 9

Associação Brasileira de Candidatos, 2025

Organizadores: Iuri Ismael Pedroso de Oliveira e Maíra Muhringer Volpe

Diretoria da ABC e Equipe editorial

Ana Paula Basséggio Biondo Adachi – Presidente

Jeanne Beatriz de Brito Gouveia - Vice-Presidente

Rafaela Tetil Tibúrcio Maia - Tesoureira

Maíra Muhringer Volpe - Primeira Secretária

Heliana Luisa Guardiano Reis - Segunda Secretária

Iuri Ismael Pedroso de Oliveira - Diretor de Comunicação

Larissa Caroline Albertino dos Santos - Diretora de Sede

Conselheiras

May Guimarães Ferreira - Conselheira Região Nordeste

Renata Inneco Bittencourt de Carvalho – Conselheira Região Centro-Oeste

Bruno Profeta Guimarães Figueira - Conselheiro Região Sudeste I

William de Souza Vieira - Conselheiro Região Sudeste II

Karla Katlheen Pereira de Oliveira Aquino - Conselheira Região Sul

Ilustrações da capa e miolo: Paty Wolff

Capa: Glória Régia Sousa Guimarães

Produção gráfica: Mireille Bellelis | Bellelis Edições

Impressão: Lis Gráfica e Editora

Sumário

Editorial1
Diretoria da ABC
Introdução
Entrevista com Luiz Celso Toledo
Enquadre, metaenquadre, racismos e preconceitos
Do consultório à pólis 49 Maria Elizabeth Mori
Artigos
Recortes sobre os mecanismos de identificação no trabalho analítico
Caminhos para ser um corpo: transições
O desejo dissexualizado
Ela – teatros do corpo e da mente
Do estado de desamparo à integração do ego
O desejo não envelhece (mas nós sim!)
Quem escuta?
É difícil ser o que você não é
O encontro do par analítico

O que encerra uma análise	.185
Ana Cláudia S. Meira	
(Des)confiança no observador	.199
Cidiane Vaz Melo, Andressa da Conceição Bonet e	
Maria Izabel G. B. C. Varella	
Subjetividade, historicidade e singularidade no processo	
de formação do analista	.213
May Guimarães Ferreira	
Da bissexualidade em Freud à transicionalidade das sexualidades	
e identidades de gêneros	.223
Míriam Cristiane Alves e Ezequiel de Candido Amaral	
Agradecimentos aos pareceristas	.239

Editorial

Esta edição

Ao longo de nossa trajetória na diretoria da ABC, tornou-se impossível não refletirmos a respeito da própria história da psicanálise, tão marcada por rupturas, deslocamentos e pela coragem de escutar o que antes não encontrava lugar para ser dito e experimentado. Se Freud nos abriu as portas do inconsciente, Klein e Bion aprofundaram a compreensão da vida psíquica, hoje nos cabe sustentar, com igual rigor, as vozes que emergem das margens, sejam elas de sujeitos, afetos ou experiências historicamente silenciadas. Este gesto não é apenas político ou social: é fundamentalmente clínico, pois nos dá a confirmação de que a psicanálise permanece viva quando não se fecha em dogmas, mas se reinventa diante das complexidades e urgências que vão sendo apresentadas na atualidade.

A cada página escrita, sentimos que algo da formação psicanalítica também se reescreve. Como se a tradição, longe de ser um terreno inóspito, fosse fértil e a partir dela novas vozes pudessem germinar – e germinaram. As histórias e os conceitos se cruzam, e é nessa tessitura, feita de silêncios, dores e desejos, que a psicanálise segue respirando. Escutar aquilo que antes não podia ser dito talvez seja o modo mais fiel de honrar sua origem e, ao mesmo tempo, garantir seu futuro.

Escutar e registrar essas vozes plurais é um gesto ético. É reconhecer que a psicanálise, enquanto método e prática, não pode se isentar das transformações históricas, culturais e subjetivas de seu tempo. Ao contrário, é chamada a se implicar nelas, a revisitar suas certezas e a interrogar-se sobre os modos como constrói o saber. Se outrora deu nome ao inconsciente, hoje a psicanálise é convocada a dar lugar àquilo que foi sistematicamente marginalizado, ampliando sua potência de compreensão e acolhimento.

Desde o início da escolha do tema para este livro – *Construções 9* – nossas mentes se debruçaram sobre a tarefa de imaginar algo que fosse relevante e coerente com o tema do congresso contemporâneo da Febrapsi. Inúmeras reuniões nos levaram noite adentro para que pudéssemos captar e sintetizar o pensamento de um grupo de sete pessoas, cada uma trazendo suas histórias e vivências, permeadas tanto pelo amor quanto pela dor. Como diz a música do poeta Vinicius de Moraes: "Se não tivesse o amor, se não tivesse essa dor, e se não tivesse o chorar, melhor era tudo se acabar" – eis o processo de subjetivação.

A experiência de participar da diretoria da ABC é, sem dúvida, um percurso que traz uma nova compreensão, sobretudo, a respeito do que é e como se tornar psicanalista. Ao entrar em contato com colegas de diferentes regiões do país e do mundo, constatamos as particularidades dos percursos de formação e ouvimos relatos a respeito dessa diversidade, que muitas vezes não são bem acolhidas, gerando um verdadeiro tumulto das diferenças.

Diante disso, surge uma pergunta, especialmente para nós, psicanalistas em formação: como fica a escuta do analista frente a esses novos processos de subjetivação sexuada? Está o psicanalista contemporâneo disposto a abrir mão da posição de privilégio, constituída a partir de um dispositivo da sexualidade, como nos ensina Foucault?

O livro *Construções 9* traz reflexões criativas para essa pergunta. Nele, os artigos teórico-clínicos de vários analistas em formação espalhados por nosso país, refletem não só a importante tarefa de ampliar a escuta das dissidências, discutem os desafios e limites da psicanálise, como apontam o letramento sobre as temáticas de gênero

e sexualidade, aspecto tão necessário para a formação de todo analista comprometido com o entendimento do sofrimento de sua época.

Guiados por essa multiplicidade de sotaques e vozes que se entrelaçam em uníssono, foi aberta uma sessão no livro destinada a receber trabalhos de temas livres, ampliando, assim, os saberes que dialogam com a teoria, a prática clínica e o estilo de pensar de cada autor. Nesta sessão, somos presenteados com contribuições instigantes, que provocam a reflexão, abordam questões que nos atravessam, fomentam discussões relevantes e sustentam nosso ofício, evidenciando, sobretudo, a pluralidade do pensamento psicanalítico e sua potência como teoria e método. Reconhecer isso nos permite perceber que nosso fazer cotidiano se torna menos solitário e nos confere maior senso de pertencimento, pois, pelo exercício da escrita, também construímos, de próprio punho e em coletividade, a psicanálise brasileira.

Esse é o propósito da nossa diretoria, ABC em Rede, oportunizar aos mais de 600 analistas em formação em nosso país, a possibilidade de sentir que possuem um espaço de representatividade e voz ativa, sem que se sintam estranhos no ninho. Ao nos aproximarmos, promovendo espaços nos quais podemos expressar nossos pensamentos, sentimentos e ideias, construímos um campo mais fértil em que as diferenças passam a ser respeitadas como construções formativas do analista e do sujeito analítico. Analistas em formação falam e suas falas possuem efeito, são produtoras de vínculos, de identificações e de cura para o mal-estar social.

Assim, construindo nossas relações, aprendendo sobre o que circunda nossas intersubjetividades, reconhecemo-nos como sujeitos desejantes, que se encontram por afinidades, frutos dessa querência chamada psicanálise em nossas vidas. Ela nos move, motiva e impulsiona.

Desejamos a vocês, que este livro seja um reverberar de sentidos para sua experiência, contínua, de tornar-se psicanalista.

EQUIPE EDITORIAL

Ana Paula Basséggio Biondo Adachi
Jeanne Beatriz de
Brito Gouveia
Heliana Luisa Guardiano Reis
Iuri Ismael Pedroso de Oliveira
Larissa Caroline Albertino dos Santos
Maíra Muhringer Volpe
Rafaela Tetil Tibúrcio Maia



Entrevista com Luiz Celso Toledo ABC pergunta para a Febrapsi

Pensando em um panorama que contemple algumas inquietações do analista em formação, desde a sua inserção na vida institucional, até o desenvolvimento de um pensamento psicanalítico. Levantamos a seguir algumas questões.

- 1. No contexto da formação psicanalítica que segue o modelo IPA, é imprescindível a análise pessoal de alta frequência, a supervisão oficial e os seminários teórico-clínicos. Isso ocorre dentro dos Institutos das Sociedades Federadas à Febrapsi. A formação passa necessariamente pela vida institucional. Qual a sua opinião sobre a relevância da participação do analista em formação nesse quarto eixo?
- LT Penso que a vida institucional é um aspecto fundamental na nossa trajetória e na história da psicanálise. Após o período de "esplêndido isolamento", Freud sempre se empenhou em reunir colegas, organizar grupos e sociedades e realizar Congressos. É interessante que, mesmo quando eram apenas dois amigos ele e Fliess Freud já chamava os seus encontros de Congressos. O sonho de reunir pessoas para conversar, trocar experiências e fazer a psicanálise avançar já estava presente. Penso que já se desenhava algo que, em outro momento e com outros colegas, viria a ser o grupo que se reuniria para estudar e conversar na casa do Freud e, posteriormente, a primeira Sociedade de Psicanálise.

No meu caso, por razões familiares, acompanhei de perto o início da história da Sociedade em que fiz a minha formação, meu pai era psicanalista. Quando criança, via seus colegas reunidos de noite e aos finais de semana. Lembro-me deles organizando palestras

e indo colar cartazes nas faculdades, dando entrevistas nas rádios e na TV, recebendo em casa os analistas que vinham de outras cidades e países, viajando para fazer formação em grandes centros, como São Paulo e Rio, enfim, intensamente envolvidos num processo de construção coletiva. Foi um trabalho artesanal, bonito de se ver, todos com a mão na massa. Assistir a forma apaixonada como eles trabalharam para difundir e estabelecer a psicanálise em Ribeirão Preto foi marcante. Acredito que o impacto de ter presenciado parte do nascimento da SBPRP teria sido relevante mesmo que eu tivesse escolhido outro caminho, se tivesse me tornado advogado ou músico, por exemplo, porque sabemos que entusiasmo e paixão são contagiantes. Participar da vida institucional tem relação com isso, saber que a psicanálise e as nossas instituições dependem da nossa dedicação para se desenvolver, seguindo vivas e produtivas.

Freud sabia que as instituições e os grupos são trabalhosos, mas que também tem um enorme potencial de realização, por isso se empenhou tanto pela criação e pelo seu desenvolvimento. Particularmente, penso que essas experiências enriquecem a formação e, de forma mais ampla, a nossa vida.

- 2. Ao longo desses 30 anos a ABC tem crescido e ganhado cada vez mais espaço e voz na formação psicanalítica no Brasil. Como você pensa a relação entre a ABC e a Febrapsi?
- LT Penso que ela está cada vez mais próxima, como aliás me parece que os membros filiados são mais próximos e ativos nas suas Sociedades do que foram em outros tempos. Vejo isso com bons olhos, os colegas têm muito a contribuir e é importante que estejamos abertos e disponíveis para que isso aconteça efetivamente. A pergunta me fez lembrar de um fato. Tempos atrás fui convidado para um encontro com colegas que estavam começando a formação.

A ideia era justamente conversarmos e apresentarmos as funções de cada entidade. Dentre elas, a Febrapsi. Foi uma ótima conversa, um encontro muito interessante, e não só para os que iniciavam a formação. Eventualmente, percebo que surgem questões sobre as atribuições de cada ente institucional e sobre como se estabelecem as relações entre eles, mesmo quando converso com colegas mais experientes; então, parece-me oportuno que tenhamos, sempre que possível, eventos nos quais se converse a esse respeito. Apresentamse as instituições e, ao fazê-lo, abrem-se possibilidades de trocas de experiências. Os membros filiados e a ABC são o futuro da psicanálise brasileira, é fundamental que participem e tenham voz ativa.

3. No cenário atual observamos uma grande oferta de cursos de psicanálise, até mesmo sem a necessidade da análise pessoal. Como podemos trabalhar para difusão de uma psicanálise comprometida com as demandas atuais?

LT – Esse é um problema sério e complexo. O que vejo são entidades, faculdades ou pessoas que se utilizam do nome da psicanálise de forma deturpada e sem preocupações éticas para viabilizar projetos que não tem relação nenhuma com a história, a prática e a tradição psicanalíticas. Veja, não é algo que acontece apenas com a psicanálise, vivemos um tempo no qual pessoas que não têm experiência alguma em áreas complexas e que impactam diretamente a vida das pessoas – política, finanças, cuidados médicos... – se apresentam nas redes sociais ou na imprensa como especialistas e, eventualmente, conquistam um público que, de maneira ingênua, acredita verdadeiramente estar aprendendo alguma coisa de útil.

Sabemos que não existe analista sem análise pessoal. Não existem atalhos, a formação é um compromisso para a vida, ela não se encerra. É muito importante aproveitarmos as ocasiões disponíveis

para conversar, especialmente com os mais jovens e com pessoas de outras áreas, a respeito do compromisso, do tempo e do esforço necessário para se tornar psicanalista. Também é fundamental que falemos das nossas instituições e das especificidades de fazer uma formação em uma Sociedade ligada à IPA. No início deste ano dei uma aula para residentes de psiquiatria e, ao conversar com eles, ficou evidente o desconhecimento sobre a formação psicanalítica, o que a diferencia e caracteriza, os motivos de darmos tanta importância à análise pessoal, aos seminários e supervisões. Questões que também surgem quando converso com estudantes ou profissionais mais jovens, quando terminam os preparatórios e as pessoas se aproximam para trocar ideias. Penso que cabe a cada um nos fazermos presentes, estarmos disponíveis em ocasiões nas quais somos convidados a falar ou a participar de eventos, esclarecendo as pessoas que não tem proximidade com o que fazemos. O fato de a psicanálise ser reconhecida e respeitada no Brasil atrai interesses que não tem nenhuma relação com ela, de grupos que usam o nome de forma distorcida e oportunista. Cabe a nós falarmos a respeito e buscar a interlocução, até mesmo com órgãos governamentais, como temos feito, além de sempre mencionar publicamente e valorizar as nossas instituições e a qualidade da formação que elas oferecem.

- 4. A cada dois anos a Febrapsi realiza o Congresso Brasileiro de Psicanálise. Para este ano o tema escolhido foi: "Sexualidade: o tumulto das diferenças". Nos eventos preparatórios que estão acontecendo, desde o ano passado, já se observa um grande interesse pelo assunto. Como está a sua expectativa sobre isso?
- LT O período que antecede um Congresso é muito intenso. A quantidade de trabalho para viabilizar um evento como esse é enorme, então, para todos os que estão envolvidos diretamente na

organização, a expectativa é grande. Vou repetir algo que tenho mencionado em algumas ocasiões: com frequência, terminamos os preparatórios com os coordenadores das mesas lembrando os presentes sobre o limite de tempo - "temos que terminar porque já esgotamos o tempo permitido para o uso dessa sala" - e sob protestos. O tema mobiliza muito, oferece possibilidades variadas para se pensar e debater. Então, quando os preparatórios acabam, geralmente seguimos conversando noite adentro, quando saímos com os colegas da Sociedade anfitriã para jantar, por exemplo. Penso que isso é um sinal, é uma temática viva, contemporânea, estimulante e que nos põe para pensar sobre questões clínicas e teóricas atuais e difíceis. Vários preparatórios lotaram. Tivemos estudantes, jovens profissionais e pessoas de formações variadas participando. O que eu vejo é que teremos muito para conversar em Gramado. Então, respondendo à sua pergunta: a minha expectativa é que tenhamos um belo Congresso, com um público amplo e bastante variado, e com uma programação científica rica e interessante. É o que os preparatórios têm indicado.

- 5. Você poderia falar um pouco sobre a intrigante questão das múltiplas faces da sexualidade, na sociedade atual e na clínica?
- LT Essa é uma questão ampla. Inicialmente, seria importante diferenciar sexualidade, gênero e o Sexual, como Laplanche propôs. Quando falamos sobre sexualidade, frequentemente essas diferentes dimensões o sexual físico e dual, o gênero como construção múltipla e variada e o Sexual que caracteriza o pensamento psicanalítico, portanto, inconsciente, psíquico e muito mais amplo do que crê o senso comum se misturam. Há que se fazer certas distinções para que possamos conversar, caso contrário acabamos usando uma mesma palavra sexualidade ou palavras próximas para abordar questões distintas. Esse tem sido um tema recorrente em vários dos

preparatórios. Sexualidade é uma palavra polissêmica, é importante ter um certo rigor de definição para conversar sobre o assunto. Ou talvez esse cuidado seja só um resquício tardio do meu tempo como pesquisador na Universidade, mas para mim é um cuidado relevante.

Um exemplo sobre o Sexual: o par analista e analisando é fértil? O encontro produz algo criativo ou o que se dá é um aborto? Ou o analista se sente na posição de um estuprador ao perguntar algo a um determinado paciente? Eis aí uma dimensão do tema.

Outra dimensão, que talvez seja mais próxima da sua pergunta, seria pensarmos no seguinte: por que vivemos um momento no qual os adolescentes parecem estar mais confusos a respeito de suas orientações sexuais? Será que os conflitos a esse respeito cresceram ou estão apenas mais evidentes, em um mundo no qual (diferente do que ocorria em outras épocas) é possível para uma pessoa ter dúvidas, viver experiências variadas e se questionar abertamente a esse respeito?

Outra, ainda: algo mudou em nossos pacientes desde o momento em que as famílias homoparentais puderam ser reconhecidas socialmente e juridicamente? Depois que, por exemplo, a adoção se tornou mais frequente nessas famílias?

Ou, ainda: Qual é o papel das intervenções cirúrgicas nesse debate e na angústia de quem nos procura?

Por que estamos vendo essa epidemia terrível de violência contra as mulheres, de tal forma que semanalmente nos deparamos com notícias trágicas na imprensa sobre maridos e namorados que massacram ou matam suas parceiras?

São aspectos diferentes do tema. O que percebo é que hoje, e apesar de todas as violências que são noticiadas cotidianamente, é mais corriqueiro ter dúvidas em relação à própria sexualidade, não precisar se esconder, especialmente em grandes centros urbanos. Por

outro lado, vejo reações violentas a isso. Quanto maiores as liberdades, mais cresce a homofobia. Quem tem dificuldades com a própria sexualidade, dificilmente tolera a liberdade ou as dúvidas alheias. Evidentemente, não sou sociólogo, então minha experiência é caso a caso. Pensando na clínica, o que observo é um crescimento das questões sobre esses temas entre os pacientes, eventualmente associado ao desejo de realizar mudanças no próprio corpo, uma maior angústia especialmente masculina diante das mudanças que estão acontecendo e, eventualmente, a busca por fundamentalismos variados para aplacar sofrimentos. São assuntos recorrentes na minha clínica hoje, suponho que algo semelhante se dê entre os colegas.

6. A ABC, em sintonia com a Febrapsi, escolheu o seguinte tema para o livro Construções 9 e para o seu Congresso: "Sexualidades: onde se ancora a escuta do analista?" Essa pergunta sobre a escuta parece ser importante desde Freud. Na sua opinião, onde se ancora e o que sustenta a escuta do analista?

LT – Na própria análise. A sexualidade humana, em suas múltiplas dimensões, é conflituosa, mutante, não aceita regramentos. Acredito que um analista estará tanto mais apto a estar e acompanhar quem o procura para lidar com questões relacionadas à sexualidade, ou com outros temas, quanto mais ampla tiver sido a sua análise. Ler é importante, supervisão, também, estar atento às mudanças, inclusive fora do mundo psicanalítico (por exemplo, ler sobre estudos de gênero), faz diferença, ajuda, mas a análise é o essencial.

Vou me remeter a algo que tem acontecido nos preparatórios. Com alguma frequência, participantes questionam as teorias psicanalíticas – especialmente Freud – a respeito do que acreditam ser uma visão machista ou moralista a respeito de aspectos variados da sexualidade humana. De fato, é possível encontrar trechos e textos

inteiros que corroborem essa leitura na obra de Freud. No entanto, e isso não é menos relevante, também é possível encontrar textos e trechos que se antecipam em décadas o que Simone de Beauvoir escreveria em O segundo sexo, ou pontos nos quais Freud questiona firmemente a moral de seu tempo e momentos nos quais ele divide com o leitor, de forma muito verdadeira, a sua impressão de que o que ele acabara de afirmar sobre, por exemplo, a sexualidade feminina precisaria ser revisto e repensado por psicanalistas de outras gerações, que teriam uma visão mais ampla sobre os efeitos dos costumes e valores de uma determinada sociedade sobre o desenvolvimento e o psiquismo. Escrevi um texto a esse respeito para a Revista Brasileira de Psicanálise, em um volume que foi publicado no final do ano passado. Enxergar as marcas do tempo e o que ficou datado em Freud não é difícil, o desafiador é procurarmos em nós mesmos essas marcas. A questão não me parece ser discutirmos apenas Freud, ele escreveu com base nas condições disponíveis daquela época, as marcas e recorrências daquele tempo estão presentes nos seus textos, mas seria pensarmos o seguinte: quão disponíveis estamos hoje para nos questionarmos a respeito das nossas crenças, valores e conflitos quando o tema é sexualidade? Onde estão as marcas do nosso tempo naquilo que pensamos, escrevemos e fazemos atualmente? Para alguém que deseja ser psicanalista, acredito que a única via possível para afinar a escuta, não se pautar por moralismos e ter abertura para trabalhar com o paciente - seja ele quem for, venha como vier - é estar verdadeiramente engajado na sua análise pessoal, não apenas como parte da formação oficial, mas como parte da sua vida.

7. A escrita psicanalítica, é diferente da escrita acadêmica à medida que considera o inconsciente e suas vicissitudes. Podemos pensar que é uma escrita da vivência, da experiência compartilhada. Qual é a importância da escrita no percurso do analista?

LT – Para mim, a escrita sempre teve um papel importante, até mesmo antes de pensar em ser psicanalista. Quando era adolescente, eu escrevia crônicas para um jornal e uma revista da minha cidade. Segui escrevendo na faculdade e depois dela. Ou seja, continuei tentando, na vã esperança de um dia aprender a escrever bem. Ainda não aprendi, mas vou seguir em frente. Gosto de ler, então sou um admirador dos autores, mas não penso que é necessário ser um bom escritor para ser psicanalista. É importante ser um bom leitor, gostar de bons livros, mas conheço colegas que não se sentem à vontade escrevendo ou que tem grandes dificuldades e inibições, e que, não obstante, são grandes analistas.

O ato da escrita, apesar das dificuldades, costuma ser um momento de elaboração de situações, de ampliação da forma como a gente pensa sobre o que viveu em uma sessão ou de organização das emoções e pensamentos sobre algo relevante. Acho o processo de escrita útil e, acrescento, o processo de publicação também. Procuro incentivar os colegas que sei que são bons autores a publicar, a organizar seus textos de forma a não deixar que bons trabalhos se percam na gaveta ou no arquivo do computador. Sobre a escrita psicanalítica, especificamente, penso que a dificuldade é ainda maior. Há que se encontrar maneiras de falar de fatos, de vida mental, de reveries, de identificação projetiva, de transferência e de tantas outras questões complexas, em algum formato razoavelmente coerente para apresentar ao leitor as múltiplas dimensões do que se passa em uma sessão. Mesmo entre colegas que escrevem bem e são autores que todos admiramos – felizmente temos muitos entre nós – o que escuto é o

mesmo: a escrita psicanalítica costuma ser um trabalho difícil e, não obstante, fundamental.

8. Qual mensagem você deixaria para os futuros analistas que estão em busca de uma psicanálise mais atual, comprometida, ética e humana?

LT – Difícil dizer. Vou mencionar algumas coisas sobre a formação que me foram úteis, talvez elas possam ser também para outros colegas. O mergulho no período oficial da formação me parece fundamental. Vários aspectos das nossas vidas passam a se organizar em função dos compromissos da formação e da nossa análise. É um mergulho que precisa mesmo ser feito, mas também é importante ter um olhar para o que se passa em outros lugares. Pessoalmente, foi muito útil ter ido a eventos e Congressos em outras Sociedades e, eventualmente, países desde o começo da formação. Ver de perto as diferenças e as particularidades do trabalho psicanalítico em outras partes do mundo. Quais são os autores de referência, como se dá a relação dos psicanalistas com as suas comunidades, enfim, observar a variedade. Hoje temos mais acesso ao que acontece fora da nossa cidade. O Boletim da Febrapsi, por exemplo, permite que saibamos o que está acontecendo e os eventos que virão a ocorrer em outras Sociedades. É algo a ser aproveitado.

Outro aspecto que foi importante para mim foi o fato de, antes de uma formação oficial, ter trabalhado em outras áreas, feito um percurso universitário, atendido famílias de pacientes graves em hospitais, ter vivência de trabalho em escolas, entre outras coisas. Acredito que isso tenha me ajudado a ter referências variadas e isso é útil. Um exemplo concreto: estudei sobre gênero no meu doutorado e isso me ajuda a pensar e trabalhar quando me deparo com questões clínicas e teóricas hoje em dia. Dialoga, conflita, reitera ou não o que

aprendi com psicanalistas, mas geralmente me ajuda. Nossa formação é ampla, inclui o que foi vivido antes e o que será vivido após a formação psicanalítica oficial.

Tive a oportunidade de fazer análise com três analistas diferentes em períodos variados. Isso é interessante, a gente percebe como as pessoas podem ser muito diferentes e, ainda assim, se manter na função. Já ouvi vários colegas comentando algo parecido. Fazer análise com pessoas diferentes é algo que contribui para a nossa formação, para que ela não fique enrijecida, para que não fiquemos rígidos, como se só houvesse uma maneira de ser psicanalista.

Ler os clássicos da psicanálise também é fundamental, até os que não fazem parte do currículo oficial, mas sempre devemos lembrar que todo autor escreve a partir das condições de seu tempo e ler um autor não significa ter que estabelecer relações de fidelidade absoluta com ele. A psicanálise foi criada em um momento histórico, por analistas que estavam imersos em um dado contexto e manter isso em mente nos ajuda a pensar sobre o que se aprende de forma crítica, menos idealizada, sem fanatismos.

Para terminar, a psicanálise precisa dos psicanalistas para se desenvolver, para dialogar com outras áreas do conhecimento, para se fazer presente nas universidades, nos debates públicos, na imprensa e na vida cotidiana. Ou seja, a psicanálise brasileira precisa e conta com vocês. Abraços aos colegas da ABC e até Gramado.

Enquadre, metaenquadre, racismos e preconceitos¹

Ane Marlise Port Rodrigues,² Porto Alegre anemprodrigues@gmail.com

Resumo: O reconhecimento de um metaenquadre, que se acrescenta ao enquadre clássico dos tratamentos psicanalíticos, tem importância na medida em que a percepção dos racismos e preconceitos que nos habitam vai crescendo entre os psicanalistas. Na clínica, a escuta analítica pode encontrar falhas quando nos fechamos em grupos endogâmicos, sem a possibilidade de nos colocarmos na pele do outro diferente de nós ou do nosso grupo. Torna-se fundamental perceber como a cultura racista e preconceituosa na qual fomos criados impregna nosso inconsciente através dos Ideais do Eu, com a crença de que ser branco/a e heterossexual, seria a norma que representaria o universal, o belo, o civilizado e o desejável. Além dos vários tipos de racismo, temos de lidar com nossos preconceitos em relação à classe social, ao gênero, às sexualidades diversas, entre outros.

Palavras-chave: psicanálise, enquadre, metaenquadre, racismos, preconceitos

¹ Texto revisado e modificado com base no artigo publicado em *Psicanálise – Revista da sbpdepa*, 26(2), 2024.

² Membro titular com função didática, psicanalista de crianças e adolescentes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Atual coordenadora da Comissão Ubuntu da SBPdePA (2022-2026), ex-diretora do Instituto da SBPdePA (2018-2019), ex-presidente da SBPdePA (2020-2021).

Frame, metaframe, racisms and prejudices

Abstract: The acknowledgement of a metaframe that adds up to the classic frame of psychoanalytic treatment, has its relevance as far as the perception of racisms and prejudices that lives in us grows among the psychoanalysts. In the clinic, the analytic listening can find failures when we close ourselves off into endogamous groups with no possibility of putting ourselves in the skin of someone different from us or from our group. It is basic to notice how the racist or prejudiced culture where we were raised impregnates our unconscious through the Ego Ideals, with the belief that being white or heterossexual would be the rule that would represent the universal, the beauty, the civilized and the desirable. Besides the many kinds of racism, we have to deal with our own prejudices in relation to the social class, the gender, the diverse sexualities, among others.

Keywords: psychoanalysis, frame, metaframe, racisms, prejudices

Ao psicanalista cabe instituir o enquadre psicanalítico junto ao analisando para que o processo analítico possa se desenvolver. Os ataques ao enquadre podem vir de ambos os lados da dupla analítica e se constituem como formas de resistência ao acesso do inconsciente. O enquadre garante a presença do terceiro dentro da relação analista-analisando, balizando o desejo mais regressivo de uma relação dual. Temos ainda a presença de um metaenquadre que envolve e contém o enquadre propriamente dito, que opera nos bastidores através de nossos valores, ideologias, crenças e dos contextos familiares, sociais e culturais onde fomos criados. Desta maneira, todos as possibilidades e aberturas de nossa mente e de nossas vivências afetivas, juntamente com nossos preconceitos e racismos, farão parte inevitável do metaenquadre que acompanha o tratamento psicanalítico que oferecemos ao analisando.

Racismos que nos habitam

O psicanalista é, ele próprio, seu principal instrumento de trabalho: suas instâncias psíquicas, seu inconsciente, pré-consciente, consciente e sua pessoa como um todo são resultantes de sua constituição, de suas vivências infantis, dos desdobramentos posteriores e do meio familiar/transgeracional/cultural em que foi criado.

Na questão dos racismos, que no Brasil é predominantemente dirigido a pessoas negras e indígenas, os psicanalistas estarão, inevitavelmente, impregnados por preconceitos e discriminações seculares dirigidos a essas populações. Os ideais familiares e culturais vigentes atribuem superioridade ao branco brasileiro, principalmente ao homem branco. Esses ideais ficam alojados também em nível inconsciente nos Ideais do Eu, tanto em pessoas brancas quanto em pessoas negras ou de outras raças e etnias. A desconstrução desses ideais já está em andamento nas populações negra e indígena brasileiras, mas ainda encontra muitas resistências entre as pessoas brancas, inclusive entre os psicanalistas, em sua maioria homens e mulheres brancos(as) de classe média-alta, tendendo a uma recusa a se racializar (o branco perceber-se como mais uma raça entre as outras e não como medida do universal).

Dos 2,5 milhões de indígenas que viviam no Brasil, quando da chegada dos portugueses, temos que menos de 10% sobreviveram até os anos 1600. O genocídio segue na atualidade com a contínua desproteção e abandono dos povos indígenas da região amazônica (Genocídio, 2022) e de outras regiões pelo país. Sofrem discriminação ao serem vistos como não civilizados e descartáveis. Não são reconhecidos como guardiões das florestas e com uma sabedoria própria e preciosa no respeito à natureza, onde habitam os seres animados e inanimados.

A expectativa de extermínio da população negra (com a política de Estado de branqueamento através da vinda dos emigrantes europeus e da miscigenação – eugenismo social) segue vigente através de escassas políticas públicas para modificar a sua situação de pobreza, marginalização, segregação territorial, desassistência, violência, epistemicídio e desapropriação cultural. Segundo o Atlas da Violência de junho/2024, nos últimos 11 anos, uma pessoa negra foi assassinada a cada 12 minutos no Brasil, a maioria homens jovens (Zarur, 2024).

Dados do IBGE (2024) constatam que 56% da população brasileira se autodeclarou negra no censo de 2021, refletindo que as pessoas negras estão afirmando cada vez mais sua negritude (na direção oposta de se embranquecer). Portanto, somos um país de maioria negra, mas que recusa a olhar-se no espelho, buscando uma imagem idealizada de brancura europeia numa identificação com o colonizador.

A Lei das Cotas de 2012, que visa garantir vagas sociais e raciais nas universidades públicas brasileiras, vem se tornando importante estratégia de inclusão e avanço social no Brasil. Devido às cotas, temos muitas pessoas negras e indígenas que se graduam em psicologia e medicina, entre outras profissões, e que desejam fazer formação psicanalítica. Criado em 2020, o Projeto Ubuntu visa o ingresso destes profissionais no Instituto de Psicanálise da sbpdepa mediante bolsas em dinheiro e isenção da mensalidade e outras taxas. Em 2025, contamos com sete bolsistas negros/as, seis da psicologia e um da medicina.

Observa-se ainda o aumento do antissemitismo e de células neonazistas, principalmente na região sul do Brasil. Também a xenofobia e o trabalho análogo à escravidão seguem existindo pelo país.

Enquadre e metaenquadre do racismo

Além do clássico enquadre dos tratamentos psicanalíticos, é importante reconhecer a existência de um metaenquadre que adentra a sala de análise de forma inconsciente e, por vezes, consciente. Torna-se possível a presença de pontos de não percepção/falhas na escuta psicanalítica quando não se alcança perceber em si mesmo os racismos e a violência dos preconceitos que nos habitam. Somos todos criados em uma cultura altamente racista, machista, misógina, homotransfóbica, xenofóbica e preconceituosa em relação a pessoas diferentes de nós mesmos ou portadoras de deficiências (capacitismo) ou pobres (aporofobia). Cresce também em nosso país o antissemitismo e o número de células neonazistas. Inclusive, familiares ou amigos não toleram muitas vezes o pensamento discordante entre si, podendo haver rupturas, numa involução da democracia nos grupos.

A cultura nos impregna em nível inconsciente de forma categórica. No entanto, é possível iniciarmos um trabalho de desidentificação de alguns de seus aspectos deletérios e violentos ao reconhecermos essas dinâmicas em nossas subjetividades e ao nosso redor. A ética de nosso ofício requer que nos debrucemos sobre problemas tão urgentes e ainda assim negados ou desmentidos até os dias de hoje, seja a nível individual ou institucional. Nesse sentido, a instituição tem a responsabilidade de desenvolver entre seus membros a percepção da importância fundamental da cultura e do meio social/familiar sobre os modos de subjetivação do sujeito em sua singularidade, em consonância com o intrapsíquico pulsional.

Costa (2015) pontua que cada indivíduo se constitui através de processos subjetivos, socioculturais, histórico-políticos e é, conforme Kaës (2011), um sujeito do vínculo, do grupo e seu contexto.

Kaës destaca duas séries de organizadores para a relação que se estabelece entre sujeitos ao dizer que o sujeito do inconsciente é sujeito do vínculo: organizadores psíquicos inconscientes e organizadores socioculturais. Os organizadores psíquicos inconscientes podem ser uma fantasia comum delineada entre os membros de um grupo, uma identificação, uma aliança, um medo ou um desejo que são comuns a todos os sujeitos do grupo. Os organizadores socioculturais são os elementos construídos socialmente por meio do trabalho da cultura e que fornecem modelos normativos para os organizadores psíquicos inconscientes. Constituem suporte para a construção de uma origem e uma identificação para o grupo, as quais o tornam diferente de outros grupos. Consequentemente, o grupo e o sujeito do grupo são determinados por arranjos inconscientes que os membros do grupo traçam, bem como pelos organizadores socioculturais.

Costa ainda destaca que leis, enunciados ideológicos, entre outros, podem se tornar ou tornam-se matéria de arranjos internos dos grupos. Em grande parte, essa moldura ampla determina as relações entre os sujeitos e sua vida psíquica, ao que Kaës chama de metaenquadre, a partir do conceito de enquadre de Bleger (1967).

Bleger diz que o enquadre abarca uma série de constantes para que o processo analítico com sua série de variáveis possa se desenvolver, ou seja, para que o processo possa se desenvolver necessita de um enquadre que o contenha. Dentre as constantes do enquadre, lista as constantes teóricas, funcionais, temporais, espaciais e da pessoa real do analista (sua personalidade, suas atitudes internas e externas, seu aspecto e aparência, sua ideologia e ética, suas instituições de pertencimento científico e social). O analista cumpre vários papéis e se constitui como continente e depositário das identificações projetivas do analisando, bem como a pessoa real do analista se torna uma expressão da realidade externa.

O enquadre opera como um terceiro na dupla analítica (da relação dual ao edípico), regido pelo princípio da realidade.

Ao caracterizar o enquadre, Zac (1968) descreve que a situação analítica compreende e abarca o conjunto de fatos, propriedades e relações que são denominadas processo analítico e enquadre, sendo que o processo corresponde ao plano das variações e o enquadre ao plano das constantes que vão ser estipuladas pela dupla.

A função essencial do enquadre é atingir a estabilidade para que haja processo, movimentação e criatividade, mas nenhum enquadre é perfeitamente estável. Além do enquadre se constituir a partir da identidade do sujeito singular, todo enquadre possui um metaenquadre, ou seja, um enquadre de fundo, preexistente e que o determina, podendo conter, sustentar, atrapalhar ou entravar o processo analítico (Kaës, 2011).

Costa (2015) pretende pensar o enquadre numa configuração para fora da sala de análise, onde a identidade do analista se relaciona com sua identificação com um determinado grupo, uma instituição ou uma ideologia. Descreve que os enquadres mais amplos e que funcionam como metaenquadres para a vida psíquica dizem respeito aos modelos, às regras e normas sociais, jurídicas, políticas, culturais, religiosas, ideológicas, entre outros, e que regem a todos e dão o alicerce para o estabelecimento das organizações, dos grupos, das famílias e casais e do próprio sujeito. Considera que no Brasil o racismo é um dos metaenquadres ideológicos que estruturam os mais variados âmbitos da vida de todos que aqui habitam. Acrescenta que a ideologia do racismo estabelece um desequilíbrio entre os grupos sociais, consolidando a manutenção da vida e dos privilégios do grupo racial branco dominante em detrimento da devastação e da morte daqueles considerados inferiores. Conclui que o racismo opera como um metaenquadre violento contra o negro (e o indígena) e como um metaenquadre facilitador para o branco e como tal funciona como antiprocesso. Traz Bleger (1967) quando ressalta que conservar insistentemente certas constantes, certos enquadres (e metaenquadres) em situações em que se fazem necessárias transformações, indica um não movimento, um antiprocesso, uma tentativa de perpetuação de uma mesma configuração e uma tendência à estereotipia, à burocracia, ao um engessamento que trava qualquer mudança ou evolução.

Considera ainda que o posicionamento ético do antirracismo funciona como ataque ao metaenquadre do racismo. Desta maneira, poderia ir trincando, furando e esgarçando essa estrutura fixa e possibilitaria o estabelecimento processual de outro metaenquadre (como um processo que evolui), com campos de empatia à dignidade humana, com fortalecimento de novos laços sociais e mais aliados para novas labutas e lutas.

Instituições psicanalíticas e seus posicionamentos

A questão dos posicionamentos institucionais aqui colocada não se refere a posições políticas partidárias (partidos políticos) ou a instituição ser de direita, centro, esquerda ou outras linhas. Trata-se da política em seu sentido de equacionamento de conflitos e escolhas que envolvem desde quais escolas e autores serão estudados no Instituto de Psicanálise, ou seu formato, até a eleição de suas diretorias e suas formas de exercer o poder na instituição.

Em "Psicologia das massas e análise do eu", Freud (1920/2010) já declarava ser impossível nos voltarmos para o sujeito excluindo o meio em que vive, sua cultura e seu ambiente social e político. Ferenczi (1919-1926/1999), ao comentar o texto de Freud, destaca a importância do Ideal-do-Eu e do papel das identificações quando são introjetados propriedades e atributos do objeto ao próprio ego.

Agrega que fatores da psicologia coletiva sempre estarão implicados nas análises individuais, e o analista também será percebido como um representante de toda a sociedade humana.

Ayouch e Charafeddine (2013) contam que frente às reivindicações de colegas homossexuais de que fossem aceitos nas formações psicanalíticas, vários psicanalistas europeus afirmavam que esses eram assuntos políticos que não diziam respeito à psicanálise, sendo assuntos de ordem social. Os autores consideram que ao normatizar a sexualidade como cisgênero e heterossexual, a psicanálise, longe de ser uma libertação da sexualidade antes reprimida, tornou-se um agente de controle social e disciplinador da norma e um dispositivo de poder usado nas instituições psicanalíticas. Também agregam que quando, com arrogância e onipotência, em nome da psicanálise, vários analistas pretendem definir as condições de subjetivação correta e normal, abandonam o processo analítico em favor de suas próprias condições históricas. Temos aqui a presença do metaenquadre, carregado de preconceitos, que impede o processo analítico com qualquer analisando fora da norma estabelecida. Num outro contexto, uma mulher que não deseja ter filhos ou que praticou algum aborto pode também sofrer pressão e censura, mesmo que sutis e disfarçadas em interpretações, de um/a psicanalista que idealize a maternidade, seja contra o aborto ou, atravessado por moralismos, queira definir como uma mulher deve se comportar e quais seus papeis na sociedade.

Garcia (2022) considera importante que os psicanalistas sejam ativos em dispor de políticas internas em suas instituições para diminuir as exclusões vigentes de colegas negros e outros. Além de ser justo, pondera que nossa integração institucional condiciona a psicanálise que praticamos e os psicanalistas que formamos. Podemos acrescentar que mesmo com os avanços, quando colegas podem se

assumir como homossexuais em nossas instituições, não significa que não sofram preconceitos como, por exemplo, na escolha de encaminhamentos de pacientes ou para assumir cargos. Pessoas transexuais podem ser vistas como psicóticas ou borderline, além de perversas, sem o reconhecimento de que no grupo trans temos também os neuróticos, sendo que muito de seu adoecimento e altas taxas de suicídio advêm dos traumas perpetrados pela não aceitação de sua condição, pelo constante risco de serem assassinadas e falta de acesso a serviços de saúde e direitos básicos (sua média de vida é de 35 anos no Brasil).

Falhas na escuta psicanalítica

A manutenção de pontos de não percepção/falhas na escuta psicanalítica, no contexto ao qual me refiro, passa não somente pelo que não foi possível acessar do inconsciente recalcado ou cindido de cada psicanalista em suas experiências analíticas pessoais, mas também pelo alcance de sua escuta e percepção consciente e inconsciente para o sofrimento que advém do campo social/coletivo e político. Sabemos que toda análise deixará restos inalcançáveis, sendo interminável, como já nos apontava Freud (1937/2016). Mas quando o analista não alcançou desenvolver sua sensibilização ao traumático que os racismos e os preconceitos provocam, como poderá escutar esses aspectos em si mesmo ou em seus analisandos?

Desde 2020, a psicanálise brasileira e muitos psicanalistas vêm inaugurando ou ampliando a escuta sobre práticas racistas até então negadas ou desmentidas.

Por vezes, analisandos negros contam sobre as razões de interrupção da análise com seu psicanalista branco/a: ao relatarem os sofrimentos advindos do preconceito, da discriminação racial e da

desigualdade social, o psicanalista tendia a interpretar no sentido de ser um exagero, algo paranoico ou vitimismo. O analista dava a entender que no Brasil não haveria racismo como em outros países (mito da democracia racial brasileira).

Nesse momento, percebem-se pontos falhos da escuta do analista ao não conseguir colocar-se na pele da pessoa negra, negando e desmentindo essa realidade traumática como se não existisse, ou quando insiste na sexualidade hetero e cisgênero como a norma aceitável, negando o polimorfismo sexual e suas múltiplas apresentações.

Maia, Santos e Okamoto (2023) consideram que é um imperativo ético da psicanálise não desviar o olhar quando se trata de propor uma escuta para os traumatismos sociais e sua desmentida, pois tal estratégia defensiva impede a elaboração das feridas psíquicas e se revela tão violenta como as forças traumáticas, além de atentatória aos direitos fundamentais da pessoa humana. Defendem a oferta de uma escuta interessada e atenta ao sofrimento social que vá na contramão do desmentido para que as pessoas se tornem narradoras de suas próprias histórias ao nomear as dores vividas. Trata-se de um trabalho vincular reparatório que permita a travessia do traumático. O trabalho vincular referido tem base nos conceitos de Berenstein e Puget sobre os efeitos da presença dos sujeitos do vínculo no espaço do *entre dois*.

O contexto social/cultural/político onde somos criados deixa suas marcas no inconsciente, podendo não alcançar a consciência. Os brancos brasileiros, incluindo a imensa maioria dos psicanalistas, têm resistências seculares (inconscientes e conscientes) em renunciar a uma situação de privilégio onde os lugares de poder, prestígio e conhecimento só poderiam ser ocupados por brancos, formando o pacto narcísico da branquitude (Bento, 2002). Ao serem racializados na denominação branquitude, podem sentir como ofensa, pois

não se percebem como mais uma raça entre outras (o branco seria o universal do humano; supremacia branca). A identificação com o agressor colonizador opera em pessoas brancas e negras. O desejo de silenciar essa pauta ou tornar invisível o problema é frequente. Uma das formas de defesa no racismo antinegro é dizer que o problema é dos negros e que os brancos nada têm a ver com isso, delegando a eles soluções de um problema criado pelos brancos.

O ingresso de colegas negros e indígenas em nossos Institutos de Psicanálise põe em xeque a lógica do Um (todos brancos; uma episteme eurocêntrica). Ter e manter a percentagem de 98% de brancos entre os psicanalistas brasileiros nas sociedades ligadas à IPA reforça a crença de que o branco é o todo e o desejável, como um universal na psicanálise ou em suas instituições.

A presença em corpo (o Real) e alma desses colegas faz trabalhar de forma mais radical o espaço do *entre dois* da psicanálise vincular, com o assimilável e o *ajeno* do outro atualizado em presença e sua imposição (diferente da lógica da ausência e sua representação), trazendo o mal-estar racial/étnico/social para dentro da instituição. Um dos desafios com a diferença e o infamiliar é conseguir não os eliminar e dar espaço a um trabalho entre iguais (sem a hierarquia de superioridade racial), respeitando as singularidades e não semelhanças, o dissemelhante. A própria discussão sobre a questão gera, muitas vezes, uma posição defensiva do tipo "estão dizendo que sou racista, mas não sou". Mas, poder falar sobre o que se sente já é um avanço por tirar a palavra do silêncio e importa nos perguntarmos que tipo de racista somos, pois todos somos, na medida em que os ideais de brancura atingem brancos e negros.

Estamos no trabalho psíquico que se coloca a partir do *quarto eixo* da formação psicanalítica (Rodrigues, Klöchner, Puiatti & Skowronsky, 2006), no que diz respeito às vivências a partir da

instituição à qual se pertence (além do clássico tripé: análise pessoal, teoria e supervisões clínicas). Através destas vivências, em seus vários âmbitos, a identidade psicanalítica também vai sendo construída. O trabalho psíquico sobre os racismos e preconceitos passa necessariamente pelo campo das relações entre colegas, onde vão se revelar mais diretamente.

No campo das sexualidades homo, é somente a partir de 2001 que a IPA reconhece oficialmente que a orientação sexual não é um critério válido para a recusa dos candidatos. Colegas homossexuais tinham de omitir/mentir, dizendo-se heterossexuais para serem aceitos. A violência social sobre os homossexuais era exercida por psiquiatras e psicanalistas na busca da cura gay e sua patologização (perversão). Foi sob ameaça de processo judicial que o Instituto Psicanalítico de Boston, pertencente à Associação Psicanalítica Americana (APSAA), declarou, em 1991, que a orientação sexual não poderia ser critério de exclusão entre os postulantes à formação psicanalítica (Ayouch e Charafeddine, 2013). Neste contexto, o metaenquadre diz respeito aos preconceitos (heterocisnormatividade) e dificuldades subjetivas/sexuais dos próprios psicanalistas, invadindo sua contratransferência e impossibilitando uma escuta ao sujeito homossexual. Percebemos aqui a inexistência da neutralidade e o não exercício da regra da abstinência do analista, pois quer impor ao analisando suas crenças e sua visão de mundo (calcada no preconceito e defesas intrapsíquicas). Acrescente-se o aspecto iatrogênico de um reforço negativo sobre a autoestima e autoimagem do sujeito homossexual, que já pode estar sofrendo a violência da não aceitação na família e na sociedade.

A sigla LGBTQIAPN+ tenta dar conta da potencialidade sexual humana em suas múltiplas apresentações. O Brasil, pelo décimo sexto ano consecutivo, ocupa o ranking mundial de país que mais

mata pessoas transexuais e travestis (gov.br, 2025). Frente a essa violência gigante, muitos acabam se suicidando. Com dez mulheres assassinadas por dia, o número de feminicídios segue aumentando (*Atlas da Violência*, 2025). Somos um país gigante pela própria natureza também no exercício da violência, tão negada/desmentida na ideia de democracia racial e cordialidade.

Voltando ao racismo, temos o risco de adotar uma postura arrogante de colonizadores frente a colonizados quando do ingresso dos colegas negros e indígenas, numa atitude de "ensinar aos que não sabem" ou de desvalorização de seus saberes e cultura. É preciso correr o risco de nossos possíveis ou inevitáveis equívocos e nos interrogarmos sobre os porquês de nosso desejo de sua presença ou de sua ausência. É profundo e doloroso o trabalho de desidentificação com o agressor colonizador, escravocrata ou anti-indígena que nos habita e a ruptura com ideais da branquitude e seus pactos de exclusão. Eticamente, os psicanalistas não podem usar a psicanálise como um território de exclusão e violência, também no campo das sexualidades diversas.

Criar outros mundos e metaenquadres

Tememos o outro por nos devolver o projetado, o negado, o desmentido e nos confrontar com nossas semelhanças e diferenças, acionando nossa violência no desejo de sua eliminação. Tememos ainda pelo *ajeno* do outro, onde nos convoca ao não assimilável, sua diferença radical, o que nos exige um trabalho psíquico vincular interminável ao lidar com o real de sua presença, sua imposição. Por meio do interminável trabalho psíquico interno/externo e vincular, vamos nos encontrando com nossa humanidade possível (permeada por conflitos de amor/ódio e o risco da indiferença/alienação) e com a esperança de criar outros mundos e novas formas de estarmos com o outro semelhante/dessemelhante.

Todo esse caldo de cultura nos envolve e impregna nosso psiquismo. Quando adentramos a sala de análise somos exigidos na tarefa de construir o enquadre que dá sustentação ao processo analítico. O metaenquadre é o enquadre que contém e influencia o enquadre propriamente dito, com aspectos positivos e negativos, criado a partir de nosso meio social, cultural, institucional, ideológico, e que inclui nossos racismos e preconceitos. Reconhecer o metaenquadre nos instrumenta melhor para evitar o antiprocesso ou não processo, ou seja, um processo que se estanca ou se interrompe a partir de nossas resistências a mudanças em relação aos próprios preconceitos e racismos.

A presença corporificada, em nossos institutos de psicanálise, de colegas negros, indígenas, homossexuais, transexuais e outros, tensiona a estrutura excludente, seja individual ou do grupo institucional, exigindo a mobilização de defesas, de resistências e de pactos inconscientes e conscientes mantidos até então. Considera-se, em geral, que as gerações mais antigas têm grande resistência a mudanças. Mas, mesmo assim, muitos não estão fugindo dos tensionamentos atuais ou blindando-se a mudanças. Às jovens gerações de psicanalistas cabe o desafio e a tarefa de tornar a psicanálise praticada na IPA mais humanizada, democrática, inclusiva e ética. As mudanças já estão em curso e trazem renovação e enriquecimento para a psicanálise, os psicanalistas e suas instituições, mediante a diversidade de corpos, sexualidades, saberes e culturas.

Referências

Atlas da Violência. (2025, maio 12). Notícias. https://noticias.uol.com.br
Ayouch, T., & Charafaddine, L. B. (2013). A homossexualidade dos analistas: história, política e metapsicologia. Revista Percurso, 51, 92-109.

Bento, M. A. S. (2002). Branqueamento e branquitude no Brasil. In I. Carone & M. A. S. Bento (Orgs.), *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (pp. 5-58, 2ª ed.). Vozes.

- Bleger, J. (1967). Psicoanálisis del encuadre psicoanalítico. *Revista de Psicoanálisis*, 24(2), 237-250.
- Costa, E. S. (2015). Racismo como metaenquadre. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (62), 146-163.
- Ferenczi, S. (1999). "Psicologia de grupo e análise do ego" de Freud. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 3, pp. 177-181). Martins Fontes. (Trabalho original publicado entre 1919-1926)
- Freud, S. (2010). Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2016). Análise terminável e interminável. Moisés e o monoteísmo. Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 274-326). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Garcia, J. (2022, fevereiro 26). Comunicação pessoal.
- Genocídio dos povos indígenas no Brasil: discussão. (2022, setembro 26). https://pt.wikipedia.org/wiki/Genoc%C3%ADdio_dos_povos_ind%C3%ADgenas_no_Brasil
- gov.br. (2025). Visibilidade Trans. Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. https://www.gov.br
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). (2024). https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html
- Kaës, R. (2011). Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo. Loyola.
- Maia, B. B., Santos, M. A., & Okamoto, M. Y. (2023). Memória, desmentida e traumatismo social sob a ótica da psicanálise das configurações vinculares. *Psicologia USP*, 34.
- Rodrigues, A. M. P., Klöchner, L. M. S., Puiatti, R. I. & Skowronski, S. B. (2006). O candidato e a instituição psicanalítica: um quarto eixo na formação psicanalítica? *Psicanálise Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 9(1), 47-75.
- Zac, J. (1968). Encuadre y acting out: Relación semana-fin de semana. *Revista de Psicoanálisis de APA*, 25(1), 29-64.
- Zarur, C. (2024, junho 18). Uma pessoa negra é morta a cada 12 minutos, diz Atlas da Violência. *Valor Econômico*.

Do consultório à pólis

A escuta como pulsão de vida no Observatório Psicanalítico e no Podcast Mirante

Maria Elizabeth Mori,¹ Brasília beth.mori@gmail.com

Resumo: O artigo parte da pergunta "onde se ancora a escuta do analista?" para pensar os modos pelos quais o Observatório Psicanalítico Febrapsi (OP) e o Podcast Mirante se constituem como dispositivos clínico-institucionais que respondem aos acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais contemporâneos. Propõe-se que esses espaços sustentam uma escuta analítica implicada e engajada, acrescentando dois novos eixos à formação do psicanalista – o mundo interno das instituições psicanalíticas e a pólis que habitamos. A criação e a continuidade desses agenciamentos coletivos podem ser compreendidas como expressões de uma pulsão de vida instituinte, apostando em Eros para contrapor-se aos aspectos destrutivos da cultura atual.

Palavras-chave: psicanálise, engajamento, implicação, agenciamento, Observatório Psicanalítico, Podcast Mirante

Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (spb.). Doutora em psicologia clínica e cultura, mestre e graduada em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora do Observatório Psicanalítico Febrapsi e apresentadora do podcast Mirante.

From the consulting room to the polis: listening as a life drive in the Psychoanalytic Observatory and in the Mirante Podcast

Abstract: This article begins with the question, "Where is the analyst's listening anchored?" in order to reflect on the ways in which the Febrapsi Psychoanalytic Observatory (op) and the Mirante Podcast are constituted as clinical-institutional devices that respond to contemporary sociopolitical, cultural, and institutional events. It is proposed that these spaces sustain an implicated and engaged analytic listening, adding two new axes to the psychoanalyst's training – the internal world of psychoanalytic institutions and the polis we inhabit. The creation and continuity of these collective arrangements may be understood as expressions of an instituting life drive, placing a wager on Eros as a counterforce to the destructive aspects of today's culture.

Keywords: psychoanalysis, engagement, implication, assemblage, Psychoanalytic Observatory, Mirante Podcast

"De onde escutamos?" – essa pergunta, que organiza a presente coletânea, ressoa como interrogação ética central em tempos em que a clínica, a linguagem e o laço social são abalados por forças destrutivas produzindo traumas coletivos. O sujeito contemporâneo é atravessado por paradoxos: ao mesmo tempo em que assiste à multiplicação das expressões da sexualidade, observa-se o recrudescimento de normatividades violentas: misoginia, feminicídio, adultização das crianças nas redes, racismo, polarização afetiva na vida coletiva, guerras contínuas. A escuta do analista, ancorada no inconsciente, não está fora dessas tramas: ela se dá na cultura, com a cultura, contra algumas de suas formas de mortificação.

Se, para Freud, o Eros é a força de união e construção de laços, sustentar um espaço de escuta hoje é um gesto erótico – um gesto de aposta no laço social por meio da elaboração da palavra pública. Em tempos marcados pela pulsão de morte em sua face mais banal, a

escuta analítica precisa reinventar dispositivos de atuação, abrindo-se a práticas que, sem abandonar a ética do inconsciente, se implicam no mundo por meio da escuta dos acontecimentos que nos atravessam.

A escuta, a sexualidade e o trauma

A concepção freudiana da sexualidade como pulsional, perversa e polimorfa, em 1905, nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", nos ensina que a sexualidade humana não é determinada pela finalidade biológica da reprodução, nem tampouco se organiza de forma linear ou progressiva. Ao contrário, ela se manifesta como campo de excitação e satisfação parcial, ligada ao corpo fragmentado, à fantasia e ao desejo. Essa concepção subverte qualquer ideal de normalidade sexual, mostrando que o sujeito é constituído por um emaranhado de pulsões parciais, desvios, fixações e substituições. A escuta analítica, nesse sentido, não se ancora em modelos, mas sim no singular do percurso pulsional de cada sujeito – com suas formações inconscientes, suas cenas fundadoras e seus modos de lidar com a alteridade e o prazer.

Jean Laplanche (2015) retoma e radicaliza essa concepção freudiana ao propor que o sexual não é um dado biológico nem tampouco um instinto natural, mas sim o efeito de um enigma que irrompe no psiquismo da criança a partir da relação com o adulto. Em sua teoria da sedução generalizada, ele afirma que a sexualidade surge de uma assimetria estrutural: o adulto dirige à criança mensagens enigmáticas – mensagens sexualizadas que o adulto não domina inteiramente – e que a criança tenta traduzir com os recursos psíquicos de que dispõe. Essa "tradução" nunca é completa, e justamente aí se instala o inconsciente, como resto, como excesso, como campo pulsional. Ao enfatizar que o sexual é intraduzível em sua origem, Laplanche

recoloca a sexualidade como o núcleo traumático do processo de subjetivação. A escuta do analista, nessa perspectiva, deve acolher o que resta fora da tradução – o que retorna como sintoma, fantasia, repetição, silêncio ou excesso. É esse campo enigmático e sem garantias, constitutivamente atravessado pelo outro, que a clínica analítica se propõe a escutar – tanto no divã quanto na pólis.

Durante a Primeira Guerra Mundial, em "Além do princípio do prazer" (1920/2010, p. 168), Freud retoma o tema das "neuroses traumáticas" com base na observação das neuroses de guerra. Ele define o trauma como uma "efração das para-excitações" – um rompimento das barreiras protetoras do aparelho psíquico provocado por uma excitação excessiva, cuja marca se inscreve de forma imediata e irrepresentável. Amplia esse quadro ao introduzir a noção de "pulsão de morte", descrita como "um traço demoníaco em seu viver" (p. 181), deslocando sua teoria para além do princípio do prazer. Nesse movimento, o funcionamento psíquico não se reduz à busca de prazer, mas inclui forças disruptivas, como a "compulsão à repetição" (p. 178). O trauma, então, passa a ser entendido como uma ruptura das defesas, que impede o psiquismo de metabolizar a excitação e impõe um trabalho posterior de reconstrução e de criação de novos laços de sentido. O trauma não se confunde mais com o recalcado: ele corresponde ao que não pôde ser integrado ao inconsciente, em razão da ação desagregadora da pulsão de morte, apontando para uma falha estrutural que excede a simples repressão. O trauma diz respeito, portanto, ao que não pôde ser integrado, ao irrepresentável que escapa à simbolização.

Hoje, como observa Seligman-Silva (2018), vivemos em um estado de "pós-catástrofe": os traumas não se encerram, mas se reatualizam continuamente pela exposição midiática de guerras, terrorismo e violências cotidianas. Nossas catástrofes não se concluem –

repetem-se e se reinscrevem no presente. Para o autor, esse cenário contemporâneo se caracteriza por cinco aspectos principais: excesso e repetição do trauma, intensificados pela mídia; dificuldade de simbolização, que leva a silêncios e sintomas compulsivos; desorganização psíquica, marcada por angústia e desamparo; regressão social, visível na busca por líderes autoritários e discursos simplistas; e dimensão coletiva do trauma, que ultrapassa o indivíduo e exige do psicanalista uma escuta ampliada – implicada e engajada –, atenta também ao contexto que habitamos.

Ética e política: engajamento e implicação

A distinção entre psicanálise implicada e psicanálise engajada aparece no debate contemporâneo sobre o lugar ético, político e clínico da psicanálise no mundo, especialmente nos atuais contextos marcados por crises sociais, políticas e subjetivas. A diferença entre os dois termos não é apenas semântica, mas aponta para modos distintos de conceber a relação da psicanálise com a cultura e com o político, ajudando a nomear dois eixos de articulação entre a clínica e o mundo.

O termo "engajamento" tem forte vínculo com o pensamento de Jean-Paul Sartre em "O que é literatura? (1949/2015) ao defender o compromisso do intelectual com as causas políticas e sociais do seu tempo. Essa ideia influenciou o debate sobre o papel da psicanálise na esfera pública. Ou seja, diz respeito à responsabilidade do analista enquanto sujeito ético-político, capaz de atuar para fora, tomando posições públicas diante de eventos que convocam o laço e o trauma coletivo. Conecta-se ao compromisso político e ético do sujeito do analista. O foco é a responsabilidade social, diante de acontecimentos políticos e sociais, muitas vezes de forma explícita e pública.

Relaciona-se com o ativismo, no sentido de que o psicanalista, como cidadão, atua no espaço público com sua escuta e seu saber. O engajamento é frequentemente associado a uma intervenção fora do setting analítico (em escolas, hospitais, comunidades, mídias, espaços políticos). Exemplos: atuação de psicanalistas em situações de ditaduras, denúncias de tortura, defesa de direitos de populações marginalizadas, por meio de manifestações orais e assinaturas em manifestos e cartas abertas.

Já a expressão "psicanálise implicada" é inspirada no conceito de implicação institucional de René Lourau em A análise institucional (1993), e nos desdobramentos de Félix Guattari (1974/2004) que desenvolve o conceito de implicação na prática clínica institucional, cuja noção propõe uma reflexividade radical sobre os lugares, práticas e dispositivos onde o analista atua desde dentro, analisando como o analista está atravessado pelas instituições, ideologias, discursos. Assim, a implicação diz respeito a uma compreensão ampliada do lugar do analista, não neutro, que reconhece suas inscrições históricas, sociais e institucionais. Entende-se que o analista não está fora da cena - está implicado nela. Conecta-se à reflexividade crítica do lugar do analista nos dispositivos que atua. Para não correr o risco de introspecção institucional sem ação, o foco de uma psicanálise implicada é na análise das determinações (sociais, institucionais e transferenciais), isso é, assumindo a responsabilidade de tomar posição diante da pulsão de morte atuante na cultura.

Assim, essas dimensões não se excluem: ao contrário, se encontram e se contaminam. Trata-se de sustentar a transferência (e suas impasses) mesmo fora da situação clássica, deslocando o saber analítico para os interstícios entre clínica, arte, política e cultura.

Formação psicanalítica: do quarto ao quinto eixo

A formação plena do psicanalista não se esgota na tríade clássica: análise, supervisão e participação em seminários clínicos e teóricos, indispensáveis, mas não suficientes. Penso que já é um consenso entre muitos colegas sobre a necessária inclusão de um quarto eixo - envolvimento institucional, experiência coletiva e intersubjetiva da vida institucional (Rodrigues, Klöchner, Puiatti, e Skowronsky, 2007; Rodrigues, 2016; Luz, 2019; Nick, 2024). Trata-se de tudo aquilo que ocorre na vida associativa da pessoa em formação e que marca profundamente a subjetividade e a ética do analista, mesmo que não esteja formalmente previsto nos currículos oficiais. Isso inclui: as experiências nos grupos de pares; com os analistas de treinamento, fora da situação de supervisão; as vivências institucionais (conflitos, alianças, perturbações, pertencimento, exclusão); a transmissão informal do estilo clínico, da escuta, da ética, da política e da cultura da instituição; o que se aprende por identificação com figuras analíticas relevantes e pelo convívio coletivo com os impasses, silêncios, hierarquias, mal--entendidos e sintomas da própria instituição.

Assim, a formação do analista não se dá apenas na solidão do divã e da escuta, mas também no entrelaçamento de transferências múltiplas que a vida institucional engendra. Esta concepção de quarto eixo se aproxima muito da ideia de formação implicada, pois situa os membros em formação em seu campo transferencial ampliado, ao se perceberem participantes dos sintomas, desejos, identificações e sonhos da Instituição que atravessam a clínica. Como espaço coletivo de elaboração e criação, em que o analista se forma em meio ao acontecimento e não apenas em torno de casos e conceitos, esse pilar desafia as instituições psicanalíticas a se pensarem como espaços vivos, afetados por Eros e Tânatos.

Se a pulsão de morte está ativa nas formas contemporâneas de sofrimento – no individualismo radical, na lógica do cancelamento, no silenciamento do outro, na destruição do ambiente e da democracia –, o que seria hoje uma prática analítica implicada e engajada movida por Eros? As instituições psicanalíticas teriam como responder a tanta destrutividade, além de se posicionar publicamente por meio de cartas abertas e manifestos contra a qualquer forma de exclusão social?

Em uma perspectiva engajada, a experiência da psicanálise em territórios fora dos muros institucionais tradicionais, em conexão com a pólis e o sofrimento coletivo, vem sendo reconhecida e incentivada pela IPA (Internacional Psychoanlytical Association), por meio dos prêmios "In the Comunnunity and the World Awards" que destacam práticas inovadoras de psicanalistas em diálogo com a sociedade civil, em diferentes áreas (educação, saúde, justiça, cultura, direitos humanos, entre outras).

Nesse contexto, essas premiações reconhecem não apenas a qualidade técnica e reflexiva dos trabalhos, mas principalmente sua dimensão formativa e ética, ao oferecerem espaços de elaboração coletiva do sofrimento contemporâneo, em que psicanalistas – até mesmo analistas em formação – exercitam uma escuta atravessada pelo social, pela arte, pela política e pela experiência viva do mal-estar da cultura. Um quinto eixo de formação, por meio das Diretorias de Comunidade e Cultura (DCC) das sociedades psicanalíticas em parceria com os Institutos de Formação?

Em síntese, a IPA, ao premiar ações na comunidade, legitima uma psicanálise que não se limita ao setting clássico, mas que se arrisca na pólis, em contato com a dor e a linguagem dos tempos. Participar de dispositivos clínicos-políticos – escrevendo, debatendo, escutando, agindo publicamente – forma o analista de modo

singular: permite a ele desenvolver uma escuta afinada ao acontecimento (muitas vezes, traumático), abrir-se à alteridade radical, lidar com as tensões éticas e transferenciais que surgem fora da moldura do consultório. É uma formação na pólis, em que a clínica e a cultura se entrelaçam. Uma formação ética e política, que inclui experiências comunitárias, participação e intervenções públicas, escuta em territórios vulnerabilizados, produção de linguagem sobre o indizível, convocando os analistas a escutarem com o corpo inteiro, com responsabilidade institucional e desejo de laço.

Observatório Psicanalítico Febrapsi (OP) e o Mirante: práticas institucionais vivas

O Observatório Psicanalítico (OP), criado em 2017 no âmbito da Febrapsi, nasceu como resposta institucional da Diretoria de Comunidade e Cultura (DCC) ao cenário sócio-político do país marcado por violências simbólicas, jurídicas e de gênero, desde a destituição da então presidenta do Brasil, ocorrido em 2016. Esse acontecimento instalou a ruptura da normalidade democrática no país, semelhante a outros processos de "lawfare", em que instrumentos jurídicos são usados para fins políticos. A ausência de posicionamento das instituições psicanalíticas diante de eventos traumáticos anteriores – como no caso da colaboração de psicanalistas com práticas de tortura durante a ditadura militar 1964-1981 – operava como marca e limite ético da escuta analítica em sua dimensão institucional (Mori, 2018).

Nesse sentido, objetivamos operar um deslocamento de nossas instituições, direcionando o olhar psicanalítico para dois eixos: um para fora, voltado para os acontecimentos sociopolíticos e culturais do Brasil e do Mundo, e outro para dentro, sobre os acontecimentos institucionais, ao modo como nos instituímos. Uma escuta engajada

e implicada. Engajada, ao assumirmos a responsabilidade social de tomar posição diante da pulsão de morte atuante na cultura e, também, implicada, ao buscarmos analisadores das determinações institucionais, afetivas e transferenciais que atravessam o lugar dos analistas em nossas sociedades de psicanálise. E, dessa maneira, ampliando a tríade da formação, em um quarto eixo – a vida institucional – e um quinto eixo – ação psicanalítica na comunidade.

O OP, ao longo desses anos, tem se configurado como um agenciamento coletivo de enunciação nos termos de Deleuze e Guattari (1995): um espaço onde a escuta se articula ao político, ao social, ao institucional e ao subjetivo. Por meio da escrita de ensaios sobre os acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais, psicanalistas de diferentes sociedades vinculadas inicialmente à Febrapsi passaram a construir uma escuta pública, buscando sustentar um lugar de elaboração associativa do traumático (Mori & Gui, 2021).

Os ensaios – publicados no site da Febrapsi, no Facebook e Instagram, são classificados em categorias que versam sobre *Cultura*, *Emergência Climática*, *Instituição Psicanalítica*, *Política e Sociedade*, *Tempos Pandêmicos*, *Vidas Negras Importam e Homenagens* – sustentam uma escuta pública dos acontecimentos. A curadoria, com os editoriais *SóDepois*, reforça esse trabalho de elaboração coletiva. O neologismo Sódepois, é uma expressão brasileira para dar sentido ao termo alemão *nachträglich* utilizado por Freud (1893-1899/2023) para se referir ao processo de reorganização ou reinscrição, pelo qual os acontecimentos traumáticos adquirem significação para o sujeito apenas *a posteriori*, isto é, num contexto histórico e subjetivo posterior que lhes confere uma nova significação. O primeiro editorial do Observatório Psicanalítico, publicado em maio 2020, marcou uma aposta em uma psicanálise implicada com o tempo presente expressando seu desejo de sustentar o espaço do op onde se possa falar,

ouvir, escrever e construir sentidos em meio aos acontecimentos do mês, afirmando o compromisso com a pluralidade, a coletividade e a ética da escuta. O Sódepois tem revelado, ainda, a necessidade das curadoras de realizar suas elaborações sobre a atualidade em que estão inseridas, considerando os acontecimentos que as atravessam e as elaborações dos colegas em seus ensaios. O espaço do editorial consiste em um canal próprio de escrita da Curadoria (Mori, 2025).

Como desdobramento do OP, o podcast Mirante inaugura, em 2022, um novo modo de escutar e dialogar. Sua proposta é a de oferecer, em linguagem acessível, reflexões psicanalíticas em conversa com outros campos do conhecimento sobre os impasses do presente. A atual temporada, intitulada "O sexual na pólis", dá testemunho da centralidade da sexualidade como campo de disputa simbólica. Ao tratar de temas acontecimentais, os episódios constroem uma paisagem sonora onde a sexualidade não é reduzida à genitalidade nem à identidade, mas pensada como força transbordante, tensionada entre Eros e Tânatos, laço e destruição, alteridade e repetição. Assim, escutar o sexual na pólis é escutar também o ruído, o excesso, o que insiste – é escutar o inassimilável do sujeito em sua relação com a cultura.

Sabemos que o op e Mirante têm demonstrado enorme interesse dos colegas psicanalistas que deles participam. A cada dia aumenta o número dos participantes no grupo de e-mails Google, no qual discutimos os ensaios e os programas do Mirante. Desde 2023, a rede participativa e de trocas no op cresceu com o ingresso de colegas de outras sociedades vinculadas à IPA, rompendo assim o isolamento dos psicanalistas, ao oferecer um ambiente horizontal de trocas. Tem sido expressiva a participação de colegas da América Latina. Em pesquisa qualitativa realizada, baseada em questionário e análise temática, identificou seis núcleos de sentido principais: grupalidade e pertencimento;

comunicação e expressão de ideias; democratização e fortalecimento da instituição psicanalítica; espaço de formação; articulação entre psicanálise, cultura e política; e articulação entre psicanálise e sociedade. Os resultados indicam que o op se tornou um *agenciamento coletivo transversal* dentro da Febrapsi, ampliando significativamente seu propósito inicial (Mori, 2025; Mori, Seidl & Lazzarini, 2025).

Foi nesse contexto, que o Observatório Psicanalítico e o Mirante receberam o prêmio na Comunidade e no Mundo, na categoria Cultura, concedido pela IPA: O OP em 2023, durante o congresso realizado em Cartagena das Índias (Colômbia), e o Mirante em 2025, no congresso de Lisboa (Portugal).

Conclusão

A escuta do analista, diante do sexual e da subjetivação contemporânea, ancorada no inconsciente, não prescinde do tempo presente. Ela precisa reinventar-se, implicar-se e engajar-se – não por modismo, mas por ética. Por isso, torna-se urgente que os Institutos de Formação ampliem sua grade curricular, incorporando cinco eixos: análise pessoal, supervisão, seminários teóricos-clínicos, vida institucional e ação comunitária. O op e o Mirante demonstram, de forma concreta, que é possível criar dispositivos de escuta que sustentem o acontecimento, transformem a dor em palavra e afirmem a aposta em Eros. Nesses espaços, o analista escuta o mundo, mas também se escuta no mundo.

Escutar é, assim, resistir. É transformar sofrimento em matéria viva de pensamento. É agenciar vida, mesmo diante do impensável. Mas é também afirmar que a psicanálise, quando se deixa atravessar pela pólis e pela história, não se empobrece: ao contrário, reencontra sua força instituidora. Se o trauma insiste e retorna, cabe-nos insistir

na invenção de lugares coletivos que não cedam à pulsão de morte. Essa é também a aposta erótica do OP e do Mirante: sustentar o laço, criar linguagem compartilhada e, ao mesmo tempo, transmitir uma psicanálise que se renova na vida institucional e na cena pública.

É nesse horizonte que se abre a possibilidade de uma psicanálise que, ao mesmo tempo, escuta o inconsciente e resiste à barbárie de nosso tempo.

Referências

- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Ed. 34.
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 6). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2023). A etiologia da histeria. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 3, pp. 191-231). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1899)
- Guattari, F. (2004). *Psicanálise e transversalidade: Ensaios de análise institucional* (A. U. Sobral, Trad.). Ideias e Letras. (Trabalho original publicado em 1974)
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Dublinense.
- Lourau, R. (1993). A análise institucional. Vozes.
- Luz, A. B. (2019, 1 de abril). Envolvimento Institucional: o quarto eixo. *Observatório Psicanalítico Febrapsi*, 100. https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/envolvimento-institucional-o-quarto-eixo/
- Mori, M. E. (2018). A clínica psicanalítica: Uma prática política. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(3), 91-105.
- Mori, M. E. (2025). *O agenciamento Observatório Psicanalítico Febrapsi: Um acontecimento na psicanálise brasileira* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília].

- Mori, M. E., & Gui, R. T. (2021). A escrita psicanalítica na pandemia do coronavírus: Tempos de elaboração no observatório psicanalítico Febrapsi. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(3), 695-718.
- Mori, M. E., Seidl, E. M. F., & Lazzarini, E. R. (2025). Observatório Psicanalítico Febrapsi: Estudo com os integrantes do op. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 59(1), 215-232.
- Nick, S. E. (2024). O quarto eixo da formação psicanalítica e suas implicações. *Observatório Psicanalítico Febrapsi*, 540. https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-op-540-2024/
- Rodrigues, A. M. P. (2016). O quarto eixo: uma expansão necessária? *Psicanálise Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 18(2), 43-51.
- Rodrigues, A. M. P., Klöchner, L. M. S., Puiatti, R. I., & Skowronsky, S. B. (2007). O candidato e a instituição psicanalítica: um quarto eixo na formação analítica? *Psicanálise Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, *9*(1), 47-75.
- Sartre, J.-P. (2015). *Que é literatura?* Vozes. (Trabalho original publicado em 1949)
- Seligmann-Silva, M. (2018). O local da diferença. Editora 34.



Recortes sobre os mecanismos de identificação no trabalho analítico

Letícia Oliveira Campos de Farias,¹ Pelotas leticiafarias_27@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho trata de uma breve e introdutória revisão teórica do conceito de identificação a partir de Freud. As reflexões propõem pensar como e o quanto esse mecanismo psíquico, onipresente na dinâmica do processo analítico e fundamental para a constituição psíquica e subjetiva do sujeito, merece ser alvo da crítica do analista, considerando os seus próprios processos identificatórios, durante o trabalho analítico.

Palavras-chave: identificação, luto, simbolização, subjetivação

Notes on the mechanisms of identification in the analytic work

Abstract: This paper is a brief and introductory theoretical review of the concept of Identification, based on Freud. The reflections propose to think about how and to what extent this psychic mechanism, omnipresent in the dynamics of the analytical process and fundamental to the subject's psychic and subjective constitution, deserves to be criticized by the analyst, considering his own identificatory processes during the analytical work.

Keywords: identification, mourning, symbolization, subjectivation

1 Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPP).

Foi no trabalho escrito em 1921, "Psicologia de grupo e a análise do ego", que Freud enunciou uma definição para o conceito de *identificação*, na psicanálise. Introduziu o capítulo 7, dedicado ao tema, assim: "A *identificação* é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo" (Freud, 1921/1969c, p. 133, grifo meu).

A palavra "remota", na assertiva supracitada de Freud, me remete à ideia de princípio e, na sequência, a palavra "expressão" me remete à ideia de ação. Ou seja, é sobre o princípio e é sobre ação. No princípio, o que busca este ser que chamamos bebê? Diante do desamparo, o bebê encontra um outro (materno) que responde à sua necessidade de sair do "caos das origens"² (Mas de quem é o "caos das origens" nessa cena?). Este primeiro movimento de ação do objeto que une necessidade e gratificação, Freud chamou de "ação específica", quando ainda esboçava a teoria psicanalítica no trabalho que intitulou de "Projeto para uma psicologia científica" (Freud, 1995/1969a). Esse trabalho, que pretendia explicar a psicologia que vinha sendo por ele pensada a partir das ciências naturais, foi mais tarde dispensado pelo próprio autor. Freud, enquanto médico neurologista, pensava um modelo de funcionamento mental, inicialmente, partindo de suas bases neurofisiológicas. Portanto, isso que Freud chamou de "ação específica" se refere a um movimento desse primeiro objeto externo (outro materno) que atende à demanda biológica do bebê. Pôde-se pensar, mais tarde, que seria na experiência vivida

A expressão "caos das origens" ou "chaos of origins" é um termo intrinsicamente ligado ao pensamento de Melanie Klein, em suas teorias da mente primitiva e das relações objetais. Refere-se a um estado primordial, uma confusão inicial e uma sensação de falta de estrutura que o bebê experimenta antes de desenvolver uma compreensão mais organizada do mundo e de si mesmo (Petot, 2016).

nessa "ação específica" que se inaugurariam os primeiros processos identificatórios. Esse tempo das origens é produto da nova ação psíquica, concebida como a identificação primária³ – que se verifica mais cedo que qualquer catexia objetal (Freud, 1917/1969b, p. 247). Seria a identificação do objeto com o desamparo do bebê que induziria a sua "resposta", neste princípio da vida? O desamparo, por sua vez, anunciaria o apelo para sobreviver (conhecido/reconhecido pelo objeto, agente da ação específica)?

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna (grito, choro...). Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. (*Freud*, 1895/1969a, p. 431)

Freud deixa claro que o organismo humano depende de um outro para manter sua existência. Ao se manifestar a fome (necessidade biológica), dar o leite para saciar a fome, é o sabido. Seja por instinto, seja por tudo que é transmitido de geração a geração. Essa informação, incorporamos. Mas como dar o leite é o acidente⁴ que irá gerar o germe mnêmico da experiência, no inconsciente, compondo e tecendo, então, os complexos identificatórios que constituirão o sujeito.

³ Identificação primária é um conceito freudiano que se refere à primeira e mais fundamental forma de identificação (Freud, 1923/1996).

⁴ O termo acidente, na obra de Freud (1895/1969a), refere-se à qualidade da experiência emocional que ocorre entre sujeito e objeto (outro) e que produz registro mnêmico no psiquismo.

Ora, com o reaparecimento do estado de urgência ou de desejo, a catexia também passa para as duas lembranças, reativando-as. É provável que a imagem mnêmica do objeto será a primeira a ser afetada pela ativação do desejo. Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma alucinação. Quando uma ação reflexa é introduzida em seguida a esta, a consequência inevitável é o desapontamento (Freud, 1895/1969a, p. 433).

Trago uma ilustração clínica que me ocorre para pensar o que a teoria me sugere. Chamarei de Flávia uma paciente que quando chegou a mim para tratamento, comia e bebia compulsivamente.

- Eu não tenho fim, não tenho fundo, não tenho limite. Paro de comer ou porque acabou mesmo ou porque tem que parar. Mas sei que se eu seguir assim eu não vou passar pelas portas. (sic).

Era assim que ela se referia à sua compulsão: uma força incontrolável que só estava podendo ser pensada depois de se manifestar e deixar seus desapontamentos. Ela era filha de um pai alcoolista e de uma mãe dona de casa, cozinheira, doceira, cumpridora impecável de suas rotinas domésticas. O pai dirigia o carro e a vida alcoolizado; e a mãe, submissa (sic), não fazia nada a respeito. Ambos os pais presentes/ausentes⁵ na vida de Flávia. A fome de Flávia parecia estar além do que era possível para aqueles pais. Não tinha a ver com comida. A mãe não faltava na hora de alimentá-la. Flávia cresceu assombrada (sic) pelo sentimento de vulnerabilidade, escassez e desamparo. A

5 Aqui refiro-me à qualidade da presença e da ausência em questão. Entendendo que tanto a presença quanto a ausência podem representar aspectos favoráveis e desfavoráveis na relação.

fome (emocional) era sem fim, sem fundo e sem limite. E o seio que tinha disponível era cheio de vazio. Vazio de sentido, afeto e significado. Ela buscou por muito tempo e ainda busca, sem sucesso, no ato de comer (hoje, mais do que beber) o encontro da necessidade e satisfação que alucinou um dia. Flávia se casou cedo para sair de casa, constituiu família e teve êxito na carreira, mas ainda digere mais desapontamentos que gratificações. A identificação com um pai que não oferecia garantias (emocionais e financeiras) e com a mãe, que resolvia as demandas emocionais no ato concreto de comer, ainda prevalece quando a urgência do desamparo se manifesta. Uma realidade psíquica que impede Flávia de investir confiança nas relações e encontrar nelas a experiência de satisfação/encontro que não viveu. E que, a meu ver, traz auxílio na compreensão da voracidade investida no ato de comer/beber sem limites; trabalhar e adquirir sem nunca alcançar satisfação. E na relação comigo, entendo que há sentimentos contratransferenciais ainda não simbolizados com essa paciente. Creio ainda não estar captando o que ela me entrega, sendo capaz de dar um retorno que a satisfaça. Mas suponho que como simbolização possível, até o momento, poderia apontar o desejo de comer/beber que representa a experiência de falta/escassez. O desejo de comer substituiria a vulnerabilidade e a falta do pai sóbrio e interessado nela? A simbolização possível que referi acima seria um arranjo mental, por ora, organizador para Flávia? Questões ainda em processo.

Segal (1952) nos diz que a simbolização é um ato criativo que envolve a dor e todo o trabalho de luto. Essa autora se refere a um trabalho contínuo no esforço de reunir e integrar o interno e o externo; assim como o sujeito com o objeto e, as experiências anteriores com as posteriores. Penso, então, que no caso de Flávia, na impossibilidade do trabalho de luto e de um pensamento simbólico apropriado

(que inclua processos identificatórios que promovam expansão egoica), o ego mantém um funcionamento concreto, não simbólico e empobrecido. Segundo Segal (1957), uma renúncia bem sucedida de um objeto instintivo só pode acontecer por meio de um processo de luto. Além disso, o prejuízo na capacidade de diferenciar o ego do objeto mantém o sujeito em uma posição narcísica que o impede de investir e viver escolhas objetais satisfatórias. O caso de Flávia me interroga, portanto, se a simbolização poderia ser pensada como um processo identificatório bem sucedido ao ego? Os lutos mal sucedidos de Flávia a estariam limitando a sonhar e investir em novos laços.

Voltando a pensar com Freud, no abandono de um objeto sexual ocorre uma alteração no ego decorrida da instalação do objeto nesse ego, conforme é descrito na melancolia. Seria essa introjeção, que corresponde a uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, que, segundo Freud, tornaria possível ao ego esse processo de o objeto ser abandonado. "Pode ser que essa identificação seja a única condição em que o id pode abandonar os seus objetos" (Freud, 1923/1996, p. 44).

A identificação é um mecanismo fundamental para a constituição psíquica do sujeito. Flávia tem podido experimentar, na relação comigo, outras formas de encontrar amparo para suas demandas emocionais. No entanto, a força investida nessa organização oral da pulsão, esse "modo de ser" incorporado pela paciente, ainda é bastante expressivo. Freud, ainda em seu trabalho "O ego e o id" (1996), nos diz que independente da capacidade do caráter para resistir as influências das catexias objetais abandonadas, os efeitos das primeiras identificações vividas na infância mais primitiva serão gerais e duradouros. Então: "Isso nos conduz de volta à origem do ideal do ego; por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o(s) seu (s) pai (s) em sua própria pré-história pessoal" (Freud, 1923/1996, p. 46).

Para Freud, o caráter estrutural das identificações as quais estão assentadas no pressuposto que remete para a ideia de tomar o outro como modelo (modo de ser) de forma passiva e/ou ativa, chama atenção sobre a identificação primária, com sua passividade intrínseca. Sendo, portanto, um convite para revisitar o território do narcisismo primário com sua convergência para o eu ideal. Quando o sujeito internaliza e, logo, incorpora as expectativas e os ideais dos outros a sua própria imagem, isso pode levar a diferentes destinos: uma autoimagem autêntica ou à formação de um eu baseado, somente, em padrões externos. Na sua investigação, Freud propôs uma ampliação sobre o entendimento do conceito de identificação:

O que aprendemos dessas três fontes pode ser assim resumido: primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, *terceiro* (grifo meu), pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço. (Freud, 1921/1969c, p. 111)

Portanto, a identificação⁶ (e incluo aqui, tanto a kleiniana: função mental; quanto a freudiana: modo de ser) é mecanismo

O conceito de identificação para Melanie Klein (1991) difere do conceito de identificação para Freud. A identificação para Freud (1969c) é um processo de formação de identidade e do ego; a apropriação de um modo de ser. Parte de um idêntico para um semelhante, outro. A identificação para Klein é um mecanismo essencial para organização psíquica desde a infância primordial, que inclui a identificação projetiva (projeção de partes internas do sujeito no objeto).

presente o tempo todo, em suas diferentes formas, no trabalho analítico. O que convida a interrogações importantes. Como e o quanto estamos atentos, na clínica, aos processos identificatórios enquanto matéria-prima essencial na constituição do sujeito? Como pensamos as vicissitudes dos processos identificatórios naquilo que o paciente nos traz como fracasso ou queixa?

Considerando a qualidade inconsciente da identificação, só é possível ao analista discriminar uma situação e outra depois da ação desse mecanismo e de seus efeitos. Como saber e se entender ativo ou passivo no processo identificatório, na cena analítica? Quero me referir a uma influência consciente sobre o paciente, partindo das próprias convições/paixões do analista. No caso de Flávia, por exemplo, o analista censurar (analista identificado com um objeto moralista) o ato de comer e ou beber em excesso, interferindo na livre manifestação da pulsão. Será que avaliar e refletir esses riscos do processo analítico, somado à análise pessoal do analista, é suficiente? Ou a questão é tão ampla e complexa que merece mais atenção? Um ofício solitário e isolado como esse, prospera até que ponto sem a partilha entre pares?

Quero me referir aqui, especialmente, à terceira forma de identificação descrita por Freud (1921/1969c) que parece iluminar a possibilidade, na clínica, e em nossos grupos de trabalho, do que vou chamar de um processo de "desidentificação". Incluo neste termo não só o abandono de interesse em determinados objetos, mas sobretudo, a consciência de um reinvestimento em novos objetos. Seria essa terceira forma de identificação, também, que abriria a possibilidade de, entre paciente e analista, e analistas entre analistas, a partir de novos enlaçamentos e reinvestimentos libidinais, rumarem para arranjos mentais, quem sabe, mais satisfatórios. O sujeito analista inserido no grupo (nosso quarto eixo, por exemplo) se expõe

às possibilidades de visitar padrões e contra-padrões que expandem a percepção e consciência dos próprios modelos identificatórios. A análise pessoal do analista, somada às vivências institucionais, nutrem com robustez uma mente analítica.

Essa rede complexa das emoções/afetos sempre presentes, investindo, reinvestindo ou desinvestindo dos vínculos, numa dinamicidade desafiadora, mas especialmente fascinante, são para mim, a matéria prima dos processos identificatórios. Entendo que essas vivências capacitam o analista a *viver junto* (ser a cena com o paciente) sendo capaz de retirar-se para compreender a cena e *viver com* (função analítica: existir sendo, podendo pensar consigo e com seu paciente). São vivências que implicam forças que, movidas pelas paixões mais primitivas dos sujeitos envolvidos e formadas por intensos investimentos libidinais – geradores de identificações – orquestram o tumulto dos caminhos e descaminhos de uma análise.

Recai, portanto, ao analista, o compromisso de se entender apto a discriminar em si, os sensíveis limites que constituem os complexos identificatórios que nutrem a transferência e contratransferência psicanalítica. Parece claro o quanto a teoria de Freud pôde evoluir e apontar os efeitos da esfera relacional sobre o pulsional, ao que compete os fenômenos identificatórios, porém as interrogações que cercam esse tema não cessam. A clínica atual tem nos trazido, por exemplo, os desafios para a escuta das nomeadas neosexualidades que convocam ainda mais o analista a uma escuta atenta e abstinente de padrões e pré-concepções ditadas pela cultura. Uma escuta dedicada ao sujeito e ao seu mundo, ao sujeito e à sua dor, ao sujeito e aos seus desejos. E, a meu ver, acrescento, uma cara escuta ao sujeito e aos seus modelos identificatórios, bem como aos do analista também.

Encerro aqui as minhas reflexões com ainda mais perguntas que a clínica nos apresenta. E que nos convoca a um olhar cuidado-

so para o trabalho que empenhamos a cada um de nossos pacientes e, principalmente, a nós mesmos, analistas. Interrogações que desafiam nosso trabalho em um limiar delicado que faz uma ponte entre aquilo que somos e o que o outro vive, nos capacitando a pensar/sentir outra vida mental em plena subjetivação.

Referências

- Freud, S. (1969a). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1). Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1969b). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1969c). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição* standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 18). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1996). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Klein, M. (1991). Inveja e gratidão e outros trabalhos. Imago.
- Petot, J.-M. (2016). *Melanie Klein II: O ego e o bom objeto (1932–1960)*. Perspectiva.
- Segal, H. (1952). A psycho-analytical approach to aesthetics. *The International Journal of Psychoanalysis*, *33*, 196–207. https://pep-web.org/browse/document/IJP.033.0196A
- Segal, H. (1957). Notes on symbol formation. *The International Journal of Psychoanalysis*, 38, 391–397. https://pep-web.org/browse/document/ijp.038.0391a

Caminhos para ser um corpo Transições

Mayarê Leal Ferreira Baldini,¹ Brasília mayarebaldini@gmail.com

Resumo: Neste texto, a autora mergulha no trabalho psicanalítico com uma adolescente e, com base em recortes de seus sonhos, discute o impacto do olhar do outro na constituição corporal e subjetiva, bem como a importância da bissexualidade psíquica na teoria freudiana e seus limites normativos diante das experiências contemporâneas de gênero. Articula sua análise com as críticas de autores como Butler e Preciado à cisheteronormatividade na psicanálise, destacando a necessidade de uma escuta permeável às dissidências. Defende a compreensão da identidade como uma construção instável, situada entre o inconsciente e a cultura. A adolescência é tratada como um tempo de potência, de reinvenção do corpo e da identidade, convocando psicanalistas à revisão constante de seus referenciais e à sustentação do desconforto. A autora propõe um trabalho clínico radicalmente ético em sua sensibilidade à multiplicidade e às urgências sociopolíticas das adolescências atuais, movimento que se fortalece quando o saber analítico dialoga com saberes marginais e coletivos. Palavras-chave: adolescência, psicanálise, transidentidades, gênero, subjetivação

1 Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSb).

Paths to becoming a body: transitions

Abstract: In this text, the author delves into psychoanalytic work with an adolescent and based on fragments of her dreams discusses the impact of the other's gaze on bodily and subjective constitution, as well as the importance of psychic bisexuality in Freudian theory and its normative limits when confronted with contemporary gender experiences. The discussion engages with critiques by authors such as Butler and Preciado on cisheteronormativity in psychoanalysis, emphasizing the need for a listening that is permeable to dissidence. Identity is understood as an unstable construction, situated between the unconscious and culture. Adolescence is approached as a time of potential, of reinvention of the body and identity, calling psychoanalysts to constantly review their frameworks and sustain discomfort. The author proposes a radically ethical clinical practice, one that is sensitive to multiplicity and the sociopolitical urgencies of contemporary adolescence – an approach that is strengthened when psychoanalytic knowledge engages in dialogue with marginal and collective knowledges.

Keywords: adolescence, psychoanalysis, trans identities, gender, subjectivation

Ter um dorso é muito. Uma linha que contorna o corpo, sua forma, as dimensões que alcança, sua textura. Tudo isso custa ao rigor do olhar, à severidade do toque, ao que revela a roupa quando se sobrepõe à pele.

Um corpo é visto e, então, existe. O olhar do outro enquadra, sustenta, envolve, demarca... Vitaliza, massacra. A cada olhar se produz um corpo e cada corpo posto no mundo traz consigo suas batalhas, porque uma linha o contorna, mas não limita. A forma, as dimensões e a textura desse corpo são vivas e estão em constante transformação.

Abro a porta da sala de espera. Luiza começa seu rito: tira das orelhas seus grandes headphones vermelhos, uma blindagem abafadora de mundo externo (que sempre me leva a repensar a qualidade

da música que escolho para minha sala de espera). Ajeita os cabelos cuidadosamente bagunçados, veste sua grande mochila e entra.

Seus passos são lentos, mais para calmos do que para cansados. Ao passar por mim, dou-me conta pela primeira vez de que ela está mais alta do que eu. Aquele susto que os adultos levam quando notam os efeitos implacáveis do tempo sobre um corpo adolescente que amadurece.

Ver um dorso também é muito.

Senta-se de frente para mim e estamos prontas. Estava feita nossa condição de sonhadoras em par. Ela traz três sonhos cujos cenários eram jogos de videogame nos quais ela podia escolher seus avatares e caracterizá-los conforme desejasse.

L – No primeiro, eu era eu mesma, com esse corpo. No segundo, eu era do gênero oposto...

A – Um homem...

L – Sim – responde com um sorriso tímido.

L – E, no terceiro, eu tinha um corpo de mulher bem estereotipado, bem padrão, magro, mas forte, com muitas curvas. Em cada sonho, era natural ter aqueles corpos, era a minha imagem mesmo, eu era aquela pessoa. Dentro do sonho, eu me sentia bem. Nada era estranho nas formas diferentes.

Nas aventuras que a transferência permite, Luiza e eu nos debruçamos juntas sobre sua feitura onírica: amalgamar afetos e sentidos, estranhar-se, temer o próprio desconhecido. Procuramos nos haver juntas com o não-saber. De tudo, e na intenção de preservar a intimidade da clínica, trago apenas o momento em que digo a ela:

A – Fico me perguntando como terá sido para você se sentir confortável em três corpos tão diferentes...

L – Essa foi a parte mais difícil. Se eu tivesse me sentido desconfortável em algum deles, tornaria mais fácil saber quem eu sou, afinal.

Ter um dorso é muito e é também muito deixar de reconhecêlo. Vê-lo se transformar, ter outros odores, outros impulsos, outras linhas. Um corpo adolescente é palco de ensaios incertos, misteriosos, assustadoramente prazerosos. Num campo tão inventivo, as métricas socialmente estabelecidas podem ser devoradoras de gente, de sonho, de conforto.

Côncavo, convexo, reto. Demais. Áspero, lisinho. Longo, curto. De menos. Grande, pequeno, alto, baixo, demais, de menos? Homem, mulher. Demais. De menos. Ser um corpo é muito.

Se somos psicanalistas, estamos com Freud (1905/2016) na teoria de que nosso processo de subjetivação se dá a partir de elementos psíquicos masculinos e femininos, em disposições plurais, perversas e polivalentes. No curso do amadurecimento, tais tendências se afunilam rumo à predominância de uma delas. Ou umas delas, como os novos dispositivos de gênero nos favorecem supor.

Ainda que tenha afirmado o papel da fundante da anatomia da criança em seu percurso de constituir-se e identificar-se, Freud também defendeu que os destinos possíveis para se tornar pessoa são incontáveis. A bissexualidade, também, é um anteparo importante oferecido pela teoria freudiana para o pensamento clínico contemporâneo sobre gênero: é descrita como originária, anatômica, psíquica e como nossa condição humana universal. Em nossos começos, elementos masculinos e femininos coexistem e se tensionam no campo psíquico, permeados por um enorme esforço rumo à constituição das nossas subjetividades.

Eis um dos desassossegos que nos provoca a Teoria da Sexualidade: a bissexualidade psíquica favorece pensarmos, anacronicamente, a subjetividade como uma multiplicidade de elementos de gênero que se complementam, rivalizam, sobrepõem, atacam e alinham desde as etapas iniciais da constituição do psiquismo. Hoje, podemos olhar para as identidades de gênero como um campo de tensão, conflito e elaboração constantes. Aqui, o fenótipo sai da função condicionante e abre espaço para cada pessoa transformar-se rumo a ser um corpo, mais do que tê-lo (Ambra, 2021).

O aparato corporal norteia, mas não é sozinho um definidor de sujeitos. A ferocidade das censuras compõe tal processo e não dá trégua: encontra lastro na cultura, que embebe nossas existências e age como silenciadora de inclinações sexuais, enquanto fazemos um esforço para nos definirmos e para definir o outro a partir do jogo social (Ambra, 2021).

Ainda na Teoria da Sexualidade, Freud (1905/2016) dispõe elementos que nos permitem pensar a tarefa adolescente de reorganização subjetiva: a sexualidade infantil é recalcada e, posteriormente, é reinscrita sob o primado genital e em direção à escolha de objeto. Nesse movimento, a pessoa adolescente se vê confrontada com os restos infantis de sua bissexualidade psíquica e das identificações cruzadas com as figuras parentais (por exemplo, a menina identificada com o pai ou o menino com a mãe), o que gera um novo momento de crise e conflito psíquico.

Sob os ângulos de diversas teorias contemporâneas sobre gênero, há um ponto de crítica importante nesse recorte da teoria freudiana. Ele se sustenta em uma matriz vista, na atualidade, como normativa e genitalista, ao tomar a heterossexualidade como desfecho bem-sucedido do Complexo de Édipo e a cisgeneridade como pressuposto. A compreensão freudiana é de que se alcança uma estabilidade psíquica nessa eleição de objeto, fruto de um trabalho atravessado por conflitos, resistências e rearranjos diante da castração. Os protótipos de gênero (menino, menina, pai, mãe) funcionam

como coordenadas fundamentais de um destino edípico que, se tudo correr bem, culminará na escolha heterossexual de objeto.

É confortável, e por isso necessária, a posição de criticarmos os escritos de 1905 com nosso olhar contemporâneo: estamos nutridos por um arcabouço teórico enorme da própria psicanálise e pelo que nos encorajam diversos pensadores e teóricos sobre gênero da atualidade. É bom lembrar: o próprio Freud nos encorajou a isso ao ter zelado, durante toda sua vida de clínica e escrita, para não se encerrar nas suas próprias afirmações. Ele repensou, reescreveu, reelaborou, acrescentou notas criticando a si mesmo e chamou seus discípulos a uma criatividade responsável no fazer psicanalítico.

A fartura da contribuição de Freud nos convida a olhar para a metapsicologia e a repensá-la. Estamos diante do urgente esforço para produzirmos ângulos teórico-clínicos que contemplem outras formas de vivência subjetiva e afetiva, como aquelas que escapam à cisheteronormatividade. Um trabalho de transformação, de extrapolação de bordas. De transição.

Como condição para estarmos vivos, nossos corpos estão sempre em transformação. Todos nós reformamos nossos dispositivos corporais: aumentamos, diminuímos, medicamos, entorpecemos, pintamos, vestimos, ferimos, perfumamos, maculamos, enfeitamos, operamos. Mas, para alguns de nós, a percepção do próprio corpo diante do gênero é questão de vida ou morte. Em se tratando de descompassos, dissonâncias e disforias, transicionar² pode ser

No contexto contemporâneo dos estudos de gênero e sexualidade, o termo "transicionar" se refere ao processo de mudança vivido por pessoas trans para alinhar sua identidade de gênero com sua expressão ou corpo. Transicionar, nesse sentido, é um caminho singular. O processo inclui mudanças subjetivas profundas e pode incluir mudanças sociais (nome, pronomes, vestuário, modo de se apresentar), mudanças legais (retificação de nome e gênero em documentos) e mudanças corporais (uso de hormônios, cirurgias, etc.).

a única possibilidade de sobrevivência, ao construir para si outra forma de identificar-se (Gherovici, 2023).

Ter um dorso, ter pernas, ter rosto. Ter seios. Genitais. Um trabalho sem fim.

A palavra identidade³ suscita uma ampla discussão e frequentemente encontra resistências no campo da psicanálise, já que remete a uma concepção de sujeito unificado, rígido, estável, o que contrapõe a própria concepção psicanalítica de inconsciente. Ainda que a crítica tenha lastro e permita ampla discussão, a ideia de identificarse é largamente utilizada entre grupos de gêneros e de sexualidades minoritárias. Isso porque remete à identificação e ao pertencimento a um coletivo, ou seja, demarca aspectos sociopolíticos de resistência ao apagamento histórico e ao silenciamento.

Em psicanálise, a identidade é dinâmica e derivada de identificações inconscientes sempre em transformação e movimento (Freud, 1905/2016; 1921/1976). Na adolescência, rearticulam-se as identificações precoces, frequentemente ambivalentes e múltiplas, com os novos imperativos sociais e pulsionais, que exigem uma posição estável e inteligível no binarismo de gênero. Green (1993) defende, de forma semelhante a Pontalis (2005), que a identidade opera, também, como uma ficção necessária: suporte simbólico para que o indivíduo tenha uma referência de si, apesar de sua construção instável e mutativa.

Se a interlocução com grupos minoritários é um dos caminhos para que nós psicanalistas não permaneçamos encastelados e distantes de quem nos dispomos a escutar, temos de nos aproximar também de como se referem a si próprios e de sua terminologia. Em respeito à eleição de uso que faz a comunidade LGBTQIAP+, opto por identidade termo para me referir às expressões de gênero. Por essa razão, trago algumas perspectivas sobre a ideia de identidade, combinando a Teoria Psicanalítica com autores de outras áreas do conhecimento.

Ao passearmos por territórios além da psicanálise, encontramos uma diversidade de concepções oferecidas por campos como a sociologia, a teoria crítica, a filosofia política e os estudos feministas. Judith Butler (1990/2003) traz confrontos importantes diante da ideia de identidade conforme proposta pela psicanálise: em sua compreensão, trata-se não de uma produção intrapsíquica, mas de um efeito performativo. Identificar-se é, portanto, um resultado reiterado de atos, normas e discursos que produzem a ilusão de um "eu" coeso e estável. Para a autora, gênero não é uma expressão de uma identidade prévia, mas uma repetição regulada de normas que constituem o sujeito ao mesmo tempo em que o limitam.

Bastam essas breves pinceladas conceituais para entendermos que identidade é um conceito complexo e multifacetado, que se situa na interseção entre o inconsciente, a cultura, a sociedade e a necessidade psíquica de continuidade. Ao mesmo tempo, pode ser uma imposição regulatória e um recurso defensivo contra a angústia da fragmentação.

A identidade de gênero, em particular, é pensada por Pereda (2023) como um ato de autopercepção voluntário, o que contraria qualquer determinismo biológico ou inconsciente. Uma vez que a sexualidade é marcada pela ambiguidade e pelo enigma, é também ilusória a ideia de gênero como certeza ou completude da identidade sexual. Identificar-se um homem, uma mulher, uma pessoa não-binária, ou mesmo não poder identificar-se, é ressignificar conscientemente o próprio corpo em consonância com sua constituição psíquica.

A história da humanidade não é binária. Muito antes de qualquer nomeação científica ou jurídica, múltiplas formas de viver o gênero para além do masculino e do feminino estavam manifestas. Há rastros nas cosmovisões indígenas americanas, nas mitologias sul-asiáticas, até nos cultos europeus pré-modernos: afirmações de corpos e existências que se movimentam entre gêneros, ou que simplesmente refutam uma lógica de oposição (Tempero Drag, 2020).

Da trajetória da dinamarquesa Lili Elbe, uma das primeiras pessoas a se submeter a uma cirurgia de redesignação sexual, à divindade Oxumaré, orixá do Candomblé que vive seis meses como homem e seis meses como mulher; das figuras mitológicas da Índia, como Ardhanarishvara e Lakshmi Narayana – fusões simbólicas entre divindades masculinas e femininas – às cosmologias indígenas norte-americanas, que legitimavam a existência de três a cinco gêneros distintos. Nomes, histórias e imagens que não falam de exceções, mas de possibilidades de existência. Afirmar que as transidentidades são novas ou anômalas é apagamento, gesto violento que separa corpos dissidentes da própria história que ajudaram a escrever (Tempero Drag, 2020).

Ao mesmo tempo, para muitos de nós, psicanalistas, tais expressões de gênero estão no campo da novidade, do estranhamento, do mistério, até da doença. Isso porque, precisamente pelo histórico de silenciamento e de exclusão, ainda é incomum recebermos em nossos consultórios e espaços de saúde pessoas cuja identidade de gênero é dissidente. É também raro compartilharmos nossas instituições com colegas psicanalistas que assim se identifiquem.

Estamos diante do que nossas clínicas têm convocado: darmos voz às pessoas minorizadas sem encaixá-las em categorias rígidas, especialmente aquelas das ortodoxias psicanalíticas, que classificam o desejo e a identidade de formas pré-fabricadas. Tomamos distância da normatividade se pensamos corpos e prazeres como elementos estratégicos no discurso, ao invés de focarmos apenas na "diferença entre os sexos", que não existe de forma pura, nem biologicamente, nem simbolicamente (Ayouch, 2023).

Felizmente, é característica de algumas psicanálises a inquietação com aquilo que não lhes é familiar. Disso surgiram os "novos pacientes": aqueles que desafiam a extensão da prática clínica, que já foram representados pelos adultos neuróticos de Freud, pelas crianças pequenas neuróticas e psicóticas de Klein, pelos traumatizados precocemente de Ferenczi e pelos psicóticos de Bion. Cada grupo trouxe consigo desafios únicos e perspectivas distintas para a psicanálise (Figueiredo, 2024).

Os novos pacientes de nossos tempos são os marginalizados, os desamparados e negligenciados pelo Estado, as minorias étnicas historicamente massacradas e silenciadas. Vivemos, hoje, o tempo do trauma das diferenças (Figueiredo, 2024).

Corpo jovem, corpo gordo, corpo preto, corpo trans. Viado, sapatão, mulherzinha, travesti. São esses os "estranhos" que, aos poucos, vão chegando aos nossos consultórios apostando em nosso ofício como um anteparo para se haverem com seus sofrimentos. E adolescentes, de certa maneira, sempre são os novos pacientes: nos levam ao contato com as possibilidades inaugurais de ser, com os contrastes geracionais e com os novos horizontes de nossas clínicas.

Quando adolescemos, sentimos o exílio da infância, do corpo, das antigas emoções. Os fluxogramas que descrevem o trânsito dos hormônios não contemplam o que é sentir-se estrangeiro frente à própria identidade (Moraes, 2022). A angústia se apresenta também como força de criação: música, jogo, maquiagens, roupas, animes, madrugadas. Há também os cortes, os furos, os rabiscos na pele; sexualidades, violências, liberdades, os outros, as drogas.

Não raro, há o diagnóstico. Com sorte, há a palavra, há testemunho, há escuta. Movimentos de vida e de morte coexistem no esforço de inscrever-se psiquicamente no próprio corpo, de reconhecer-se parte e autor da borda em que habita.

Inaugurei meu ofício clínico quando ainda era muito jovem, pouco depois de sair da adolescência. Por força do acaso, a primeira pessoa que escutei na clínica-escola foi um adolescente. Havia entre nós um sentimento de proximidade geracional que favorecia o encontro a despeito das resistências dele. Juntos, estávamos cada um experimentando começos e isso nutria um vínculo nascente.

Cerca de 15 anos depois, tal sentimento de universo compartilhado deu lugar a outras sensações: disponho-me às análises de adolescentes, mas não compartilho mais das mesmas gírias. Não conheço muito de Taylor Swift, nem de κ-ρορ, nem da cultura emo, que já foi motivo de chacota e hoje é objeto de fetiche. Os games não fazem muito sentido para mim, não sei bem como funciona a moeda do Roblox e tampouco compreendo as trends sobre perfumes no TikTok.

Não compartilhamos mais do mesmo universo.

"Mayarê, hoje tô 'pôcas", "Isso eu não sei se eu tanko", "Eu não quero ficar lá parecendo NPC". Às vezes é difícil compreender o que estão dizendo. Por sorte, posso contar com a companhia de adolescentes generosos. São eles que viabilizam a minha compreensão e não se impacientam com a lacuna que o tempo abriu entre nós. Dentro de nosso encontro transferencial, rimos juntos do buraco geracional e sou presenteada com pontes de glossários que vão tecendo entre nós um campo comum, de onde vemos brotar belas surpresas.

Estamos em risco de desistirmos das adolescências, que são tantas, quando recorremos ao estatuto da jovem pessoa problemática,

4 As expressões "tô pôcas", "não sei se eu tanko" e "não quero parecer NPC" fazem parte da linguagem usada por adolescentes nas redes sociais e nos jogos online. "Tô pôcas" indica estar irritado ou com pouca paciência, com poucas ideias; "não sei se eu tanko" expressa dúvida sobre conseguir suportar algo emocionalmente; e "NPC" (sigla para *non-playable character*, ou personagem não jogável) é usada para se referir a alguém visto como passivo, apagado ou sem protagonismo.

ou ainda ao olharmos de forma adultocêntrica para possibilidades de subjetivação que performam, inventam, apresentam. Com a sensibilidade justa, poderemos reconhecer que há nessa etapa do amadurecimento uma força transformadora das próprias pessoas adolescentes e de quem se dispõe a acompanhá-las (Moraes, 2022).

Talvez nosso medo (adulto) seja precisamente da novidade que nos trazem os jovens, de sua capacidade de chacoalhar nossas tão arraigadas referências, as compreensões que já construímos e com as quais estamos resignados. A normatividade está em nossas escutas e reconhecê-la não se dá sem esforço – requer um trabalho contínuo de se abrir à desestabilização. Trabalho de nos fazermos permeáveis a outras perspectivas, que desloquem nosso olhar analítico dos padrões dominantes e das supremacias discursivas.

Por ser um saber clínico-teórico forjado no seio de culturas e saberes hegemônicos, a psicanálise não está livre de reproduzir os mesmos gestos de exclusão e os preconceitos que tantas vezes se propõe a denunciar ou transcender. Em tempos de fanatismos e de intolerâncias, é imperativo nos questionarmos: temos contemplado as nuances de sofrimento na adolescência para além do intrapsíquico e do ambiente familiar imediato, vendo-os como sujeitos na polis?

Quão permeáveis estamos para as análises de jovens que nos colocam diante do campo sociopolítico de nossa escuta? Estamos dispostos a reconhecermos nossa posição de assimetria, nosso risco de sermos agressores dentro de nosso próprio setting? De que maneira nossos consultórios se tornam espaços de retraumatização? (Preciado, 2020; Tucci, 2024).

As críticas que recebemos de outros campos do saber nos chamam a esticar nossos horizontes. Exemplifico com Butler (1990/2003), com sua afirmação de que, ao partir da bissexualidade psíquica e conduzir o sujeito à heterossexualidade como desfecho

esperado do desenvolvimento, a teoria freudiana reproduz uma lógica normativa que exclui vivências dissidentes e as afirma como desviantes e abjetas. Preciado (2020) vai além da crítica epistemológica: denuncia a psicanálise como um dispositivo de gestão biopolítica dos corpos, ancorado em um paradigma patologizante, cisheteronormativo e colonial.

Somos convocados por esses e tantos outros autores à urgência de tensionarmos silêncios e limites estruturais do nosso campo do saber para abrirmos espaço a uma clínica e a pensamentos que reconheçam a multiplicidade das formas de subjetivação e a potência política das dissidências de gênero.

Aquilo que conseguimos acessar via inconscientes – nossos e dos analisandos – depende de nossa disposição para sermos interpelados por dinâmicas psíquicas e sociais que nos são estranhas, incômodas ou desconhecidas (Ferenczi, 2011). A possibilidade de uma escuta não-hegemônica exige, portanto, nos expormos com radicalidade ao contato com aquilo que está à margem de nós mesmos.

Somos frutos de nossa cultura, centrada em modos de existência cis, binárias, padrões. O convencimento tácito de que, enquanto analistas, estamos preparados para escutar qualquer pessoa que busca análise decorre da suposição, inconsciente ou não, de que nosso lugar de escuta está pronto para qualquer experiência de alteridade.

A clínica com adolescentes exige sustentarmos o desconforto, entregar-nos ao risco da desorganização, revisarmos continuamente os próprios pontos de vista e, sobretudo, abdicarmos da ilusão de que o saber psicanalítico sozinho dá conta da complexidade da experiência humana. Isso implica contar com nossos espaços de análise pessoal e supervisão, mas também estender nossa disposição teórica na direção dos conhecimentos enraizados nas experiências

coletivas: nos saberes das margens, nas epistemologias dissidentes e subalternizadas.

Adolescentes têm pedido por análise. Já não chegam a mim obrigados pelos responsáveis, mas responsáveis sobre si, interessados no encontro com uma analista. Para cumprirmos com nosso dever diante da polifonia de suas vozes, da multiplicidade de existências e de subjetividades possíveis, estamos convocados a pensarmos criticamente a partir de qual lugar escutamos, e de qual lugar somos escutados.

Tirar os headphones para ser escutada, para escutar. Sair do envelope que tão exaustivamente tenta blindar o mundo interno. Aqui já está um gesto que deveria nos inspirar: nós também estamos diante do compromisso ético de remover o abafamento das nossas escutas e oferecer espaço para as novidades que trazem as adolescências – diversas, singulares, fortes.

Referências

- Ambra, P. (2021). Introdução. In P. Ambra (Org.), *Cartografias da masculinidade* (pp. 9-23). Cult Editora.
- Ayouch, T. (2023). "Os corpos e os prazeres" contra-atacam: Dispositivo de sexualidade, dispositivo de raça e queer colonial em psicanálise. *Calibán Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21(1), 14-35.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (M. A. Louro, Trad., 10ª ed.). Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990)
- Figueiredo, L. C. (2024). Intertextualidade e parasitismo em psicanálise: Consequências para a formação do analista. Comunicação oral apresentada em plenária na 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi.
- Ferenczi, S. (2011). Adaptação da família à criança. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, 2ª ed., pp. 1-15). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (1976). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 6, pp. 173-320). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Gherovici, P. (2023). Tempo ao tempo: O gênero em psicanálise. *Calibán Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21(1), 48-63.
- Green, A. (1993). O trabalho do negativo. Imago.
- Moraes, M. A. R. (2022). Os adolescentes e a questão trans: "Apenas uma rebeldia"? In *A Topologia e a Nova Economia Psíquica* (n. 318). https://appoa.org.br/correio/edicao/318/os_adolescentes_e_a_questao_trans apenas uma rebeldia/1080
- Pereda, L. C. (2023). A psicanálise é um saber sobre a sexualidade? *Calibán Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21(1), 36-47.
- Pontalis, J.-B. (2005). Entre o sonho e a dor. Ideias e Letras.
- Preciado, P. B. (2020). Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas. Zahar.
- Tempero Drag. (2020, 14 de janeiro). *Um banheiro para trans?* [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=t_5O4AbzBZk
- Tucci, F. (2024). Um ensaio sobre Ferenczi em 2024. Comunicação oral apresentada em mesa de debate na 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi.

O desejo dissexualizado

Sexualidade masculina e o caminho para o silêncio do corpo

Ségismar de Andrade Pereira,¹ Brasília segismarbergasse@gmail.com

Resumo: Este artigo aborda a trajetória vacilante do desejo masculino contemporâneo a partir do conceito clínico de dissexualização: um processo subjetivo de retraimento erótico, muitas vezes silencioso, progressivo e doloroso. Com inspiração em Freud, Winnicott e outros autores, e com base na escuta analítica de homens jovens que vivem impasses sexuais, verifica-se como a exigência performática, os ideais internalizados e as frustrações recorrentes contribuem para o apagamento do desejo. A clínica mostra que não se trata da ausência de desejo, mas de um desejo entristecido, que vacila diante do outro e de si. Distingue-se ainda a dissexualização do fenômeno "incel" e propõe-se uma escuta que não reative a performance, mas sustente o desejo em sua fragilidade.

Palavras-chave: sexualidade masculina, desejo, escuta analítica, dissexualização

The desexualized desire: male sexuality and the path to the silence of the body

Abstract: This article explores the wavering trajectory of contemporary male desire through the clinical concept of dissexualization: a subjective process of erotic withdrawal, often silent, progressive, and painful. Drawing on Freud, Winnicott and other authors, and

1 Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSb).

based on psychoanalytic listening to young men facing sexual impasses, it examines how performative demands, internalized ideals, and recurring frustrations contribute to the fading of desire. Clinical experience shows that this is not the absence of desire, but a saddened desire, faltering before the other and the self. The paper also distinguishes dissexualization from the "incel" phenomenon and proposes an analytic listening that does not reactivate performance but sustains desire in its fragility.

Keywords: male sexuality, desire, psychoanalytic listening, dissexualization

O desejo não morre de falta, mas do peso de ser perfeito.

1. Introdução

Este artigo nasce da escuta. Uma escuta atravessada por silêncios constrangedores, por falas apressadas, por risos que disfarçam angústias e por pausas em que a "verdade" finalmente escapa. A sexualidade que chega hoje ao meu consultório não é exuberante, tampouco transgressora. É uma sexualidade tímida, às vezes colapsada, muitas vezes ansiosa.

Atendo, em sua maioria, homens jovens, geralmente na faixa dos 30 e poucos anos, que me procuram com uma queixa recorrente: disfunções sexuais, um desejo inibido e mal simbolizado. Mas o que se apresenta como "disfunção" revela, na escuta, uma outra gramática: a de um homem sem lugar. Um sujeito perdido entre o que esperam dele e o que ele mesmo já não consegue esperar de si. Um homem que deseja ser o ápice da potência, mas não consegue sustentar a presença. Por querer ser o máximo, trava, falha e se anula. E, por conta disso, entra em *dissexualização*, ou seja, esse homem

entra em um processo emocional de esvaziamento da experiência erótica, pois desenvolveu a premissa de que a satisfação sexual não é algo para ele. Esse é o homem que chega para análise. E essa é a sexualidade que chega com ele.

O presente trabalho é uma tentativa de pensar esse fenômeno à luz da psicanálise, não como diagnóstico ou adaptação ao social, mas como um convite à escuta do sofrimento singular que emerge quando o desejo colapsa sob o peso do ideal. Pergunto-me: seria essa angústia parte da chamada diversidade contemporânea? Estaríamos diante de uma nova forma de subjetivação masculina? E mais: como é que a escuta do analista pode oferecer algum lugar simbólico a esse homem? Como essa escuta pode operar como continente possível para uma sexualidade que perdeu seu eixo, dissexualizou-se?

É sobre isso que desejo escrever: sobre uma escuta que não julga, não corrige, não ensina, mas que sustenta o sujeito enquanto ele tenta, entre tropeços e silêncios, inventar uma forma possível de desejar.

2. O homem sem lugar: o colapso da performance

Há um tipo de angústia que não se inscreve com clareza nas grandes categorias diagnósticas, mas que pulsa com força crescente na clínica com homens. Não se trata de uma neurose clássica, tampouco de um quadro de impotência orgânica. Trata-se de uma aflição subjetiva marcada por uma espécie de exílio: o homem que não se reconhece mais como homem desejante. O homem que se perdeu entre o ideal de potência e a impossibilidade de habitá-lo.

Esses pacientes carregam em si uma exigência silenciosa: ser um parceiro perfeito. A sexualidade deixa de ser encontro e vira campo de prova. Não é espaço para o gozo, mas cenário para uma performance impecável.

E é justamente aí que o corpo começa a falhar. Porque o corpo que deveria desejar passa a obedecer. E o desejo, quando convocado a servir ao ideal, se retrai. O pênis, transformado em símbolo absoluto da virilidade, se torna também seu ponto mais frágil, colapsa, recusa, denuncia o sintoma.

Há, nesse quadro, uma espécie de sofrimento narcísico, em consonância com a leitura freudiana (1914), como se a falha sexual não fosse apenas um impedimento relacional, mas uma ferida na própria imagem do eu, um eco do narcisismo primário ferido. A autoestima é, na realidade, uma manifestação do narcisismo. O sentimento de inferioridade e de humilhação resultam de uma lesão nesse narcisismo primário (Freud, 1914/2011, p. 100).

Esse homem, que chega muitas vezes calado, constrangido, vem buscar ajuda para "resolver" sua falha. Mas logo se revela algo mais profundo: a perda de confiança no próprio tempo do desejo. Como se não houvesse mais espaço psíquico para esperar de si. Como se a sexualidade tivesse se tornado uma tarefa inglória, um dever sempre adiado, uma dívida impossível de quitar.

Não é à toa que esses homens cheguem carregando vergonha. Uma vergonha sem nome, que escapa da esfera moral e se instala na estrutura do sujeito, desorganizando sua relação com o corpo, com o outro e com o próprio desejo.

Esse é o solo clínico em que nasce, adiante, a ideia que venho trabalhando com frequência: a de uma dissexualização do sujeito.

3. O conceito de dissexualização: uma formulação clínica

O termo *dissexualização*, tal como é proposto neste trabalho, não deve ser confundido com *dessexualização*. Enquanto o segundo remete à ideia de repressão ou neutralização da sexualidade, seja

por injunções sociais, morais ou mesmo discursivas, o primeiro aponta para um processo interno, subjetivo, de esvaziamento da experiência erótica.

Trata-se de um conceito autoral, originado na prática clínica, para nomear uma experiência subjetiva ainda não reconhecida no campo psicanalítico. Sua formulação nasce da escuta de homens jovens que vivem impasses sexuais marcados por vergonha, frustração e retraimento do desejo, não como ausência libidinal, mas como um luto pulsional lento e progressivo.

No campo psicanalítico, Freud (1923), em "O ego e o id", emprega o termo *dessexualização* para designar a transformação da libido objetal em libido narcísica, ou seja, a retirada da finalidade sexual da energia libidinal, permitindo que ela seja utilizada pelo ego para outras funções psíquicas: "A transformação de libido objetal em libido narcísica implica o abandono dos fins sexuais, uma dessexualização" (Freud, 1923/1996, p. 42).

Essa diferenciação é fundamental, pois enquanto a dessexualização freudiana se refere a um processo de neutralização da libido para fins não eróticos, a dissexualização, tal como proposta aqui, descreve um movimento psíquico em que o sujeito, diante de frustrações e ideais superegoicos severos, retraia progressivamente seu investimento erótico, silenciando o desejo no corpo.

Na dissexualização, muitas vezes, o que sustenta o recuo do desejo é justamente a presença de um superego idealizante, marcado por imagos parentais severas ou potentes demais, que funcionam como parâmetros inatingíveis. Esse homem, ao se comparar com o pai, ou com a ideia de um homem que nunca falha, sente-se inadequado. E é nesse terreno que o desejo começa a vacilar.

A dissexualização, portanto, não é uma renúncia voluntária, nem apenas uma censura. É um luto pulsional, silencioso e

progressivo. O desejo não desaparece bruscamente, ele vai se apagando, em consequência de falhas repetidas e experiências de vergonha que minam a confiança do sujeito.

A dissexualização não nega o desejo, ela o entristece. Ela não recalca, ela desinveste. E é justamente por sua natureza lenta, entrópica e muitas vezes inominada, que exige uma escuta clínica sutil, capaz de sustentar o sujeito nesse percurso sem conduzi-lo a uma mera atuação performática.

3.1 A dissexualização como defesa psíquica

A dissexualização não é apenas efeito de fracassos sexuais isolados. Ela funciona como uma defesa psíquica que visa proteger o sujeito de algo ainda mais insuportável do que o próprio fracasso: o reencontro com o desamparo. A sexualidade, em sua essência, convoca o sujeito a lidar com o outro, com o enigma do desejo do outro, com a própria vulnerabilidade do corpo. O sujeito dissexualizado, ao abrir mão da sexualidade, está tentando, à sua maneira, evitar esse encontro.

Ele evita o encontro porque, para ele, o encontro carrega o peso de uma promessa e o compromete com algo que ele teme não ser capaz de cumprir. Buscar o outro implica desejar. Desejar implica compromissos que ele teme não cumprir, porque implica entregar algo que ele sente não ter mais. Por isso, muitas vezes, evita-se não apenas o outro, mas também o próprio desejo. Pois desejar convoca o sujeito à responsabilidade de sustentar a busca que, marcada por falhas passadas, torna-se aversiva. Daí o entristecimento que o toma quando uma fagulha de desejo lhe escapa, distraidamente, como um resto de vitalidade que ele já tentava sepultar.

Esse funcionamento é profundamente próximo do que Winnicott (1965/1983) chamava de falso self, uma adaptação tão

rígida às expectativas externas, que o self verdadeiro se recolhe. E se o desejo faz parte do self verdadeiro, então a sexualidade também se recolhe junto com ele. Nesse ponto, o analista precisa escutar não apenas o sintoma da falha sexual, mas o silêncio do desejo. A ausência de vitalidade. O embotamento erótico.

Como escreveu Winnicott: "A base da saúde mental está em poder estar só na presença do outro" (1971/1975, p. 36). O homem dissexualizado é, antes de tudo, um sujeito que perdeu essa capacidade de estar só, de estar com o outro, de estar consigo mesmo na cena erótica. Sua sexualidade não foi reprimida, foi abandonada, recuada, desinvestida. E cabe à escuta analítica criar um espaço onde essa vitalidade possa reencontrar seu caminho.

3.2 Nomeando a desistência: o conceito clínico de dissexualização

A experiência clínica tem me levado a entender que a dissexualização não é ausência de desejo. Trata-se de um processo lento de abandono subjetivo da experiência erótica.

O homem que se dissexualiza não é aquele que nunca desejou, é aquele que desejou, tentou, fracassou e, diante do acúmulo de frustrações, construiu uma crença corrosiva que, aos poucos, vai se firmando: "sexo não é pra mim". Essa frase, aparentemente simples, não surge de uma constatação repentina. Ela é o ponto de chegada de um percurso doloroso, marcado por episódios repetidos de insucesso sexual, seja por ejaculação precoce ou tardia, seja por perda de ereção, seja por não conseguir sustentar o próprio desejo diante do olhar do outro.

Esse homem que se dissexualiza entristece ao pensar no sexo. Ele sente uma espécie de melancolia libidinal, uma antecipação de frustração que paralisa. A cada tentativa frustrada, constrói-se uma narrativa interna que o afasta da experiência erótica. O corpo, que

deveria ser lugar de encontro, torna-se campo de verificação ansiosa, de falha iminente.

É importante ressaltar que, nesse processo, não se trata da morte do desejo. Há, muitas vezes, o desejo de desejar. O que entra em colapso é o direito simbólico de ocupar o lugar do desejante. Há um conflito no próprio direito de desejar. O desejo aparece como risco, como promessa que não se poderá cumprir, como dívida prestes a ser cobrada. Daí o retraimento. Daí a desistência.

4. Entre o sujeito e o mundo: fatores socioambientais e a clínica do colapso masculino

Antes de avançarmos, é preciso estabelecer um cuidado ético e político fundamental. Este texto não se propõe a lamentar a crise da masculinidade, nem a defender uma idealização do homem em sofrimento. O que se busca aqui é escutar, com a seriedade clínica que a psicanálise exige, os efeitos subjetivos de um tempo histórico em que os referenciais simbólicos do masculino estão sendo deslocados. A escuta desses homens não se opõe, de modo algum, às conquistas do feminismo. Ao contrário: é justamente porque essas conquistas foram possíveis que novos sintomas emergem, novos lugares subjetivos se configuram e novas angústias emergem.

O homem que chega hoje ao consultório carrega também a sombra de seus antepassados. Figuras paternas associadas a um gozo centrado em si, desinteressados do prazer da mulher. Ele tenta evitar repetir essa história, fugindo de qualquer acusação de egoísmo. E nessa tentativa, muitas vezes desesperada, de provar que é diferente, que é atento, que é cuidadoso, ele se perde de si. Torna-se um homem que quer agradar, que quer funcionar, que quer performar bem, para não ser abandonado. Mas ao tentar evitar a repetição do

pai, ele se lança numa outra prisão: a de ser constantemente avaliado, sobretudo, pelo ideal de si mesmo.

Como observa Ceccarelli (2010), a identidade masculina hoje se constitui num terreno instável, entre o desejo de corresponder a novos padrões relacionais e o medo de repetir antigas negligências afetivas, o que frequentemente paralisa o sujeito diante do próprio desejo.

Nesse processo a sexualidade se dissolve. O desejo vira expectativa e teste. A cultura da performance e o bombardeio de imagens potentes criam hipervigilância que inviabiliza a espontaneidade.

Por trás da agressividade masculina, há uma sexualidade profundamente envergonhada, tensionada entre o ideal fálico e a falha vivida como castração. Não raro, os homens que se mostram mais violentos ou dominadores são também aqueles que carregam maior fragilidade psíquica diante da experiência do desejo.

O efeito acumulativo dessas vivências cria uma fissura entre desejo e prazer. O homem dissexualizado quando pensa em sexo se entristece. Fantasia e se frustra. O erótico, que deveria ser vitalidade, torna-se lembrança de fracasso.

Nesse ponto, o sujeito começa a se interditar. Nem mesmo se autoriza a viver uma experiência sexual consigo mesmo, seja por meio da masturbação, seja por meio do simples gesto de desejar alguém. O desejo, quando começa a despontar, é logo recoberto por um mal-estar que o recalca não por interdito moral, mas por uma espécie de luto pulsional: desejar dói, portanto é melhor não desejar.

Nesse sentido, essa é a aposta da escuta clínica: que ainda seja possível desejar, mesmo quando o desejo vacila e dói, mesmo quando o corpo se cala, mesmo quando tudo parece ter recuado. Sustentar esse intervalo é sustentar o humano no sujeito.

Como destaca Barcellos (2001), essa fragilidade não contradiz a agressividade, ela a funda. A violência pode ser, muitas vezes, a expressão desesperada de uma impotência simbólica diante do feminino e do próprio corpo falho.

Simone de Beauvoir acusava esse mecanismo quando escreveu:

Ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso, do que o homem que duvida de sua virilidade. Ao não suportar sua própria vulnerabilidade sexual, esse homem recorre ao exercício do poder como defesa. A desconstrução do machismo, nesse sentido, não é apenas uma pauta ética, é uma necessidade clínica urgente. (1949/1960, p. 44)

Como ressalta Safatle (2015), a lógica contemporânea exige do sujeito uma coerência absoluta, um funcionamento constante, e nesse circuito afetivo exaustivo o homem se vê desamparado frente à própria falha. A potência se torna obrigação e a fragilidade, um interdito.

Essas leituras nos permitem articular diferentes autores, numa ponte que une crítica social e escuta subjetiva: o recalque cultural da sexualidade masculina não gera apenas sofrimento nas mulheres, ele implode também o próprio sujeito homem, dividindo-o entre a exigência de potência e a impossibilidade de suportá-la.

4.1 A dissexualização e o incel: distinções necessárias

O termo incel – abreviação de "involuntary celibate", ou celibatário involuntário – surgiu em comunidades virtuais para descrever pessoas que não conseguem estabelecer relações sexuais apesar do desejo. Com o tempo, passou a designar um grupo específico de homens, muitas vezes jovens e heterossexuais, que transformaram sua frustração sexual em ressentimento, misoginia e, em alguns casos, ideologias violentas contra mulheres. O incel talvez

esteja mais aproximado do homem citado por Barcellos (2001) e por Beauvoir (1949/1960).

É importante diferenciar esse fenômeno da experiência do homem que se dissexualiza. Suas posições subjetivas são radicalmente distintas. O incel típico é um sujeito que deseja intensamente, mas se percebe barrado por fatores externos – e, por isso, desloca a culpa para o outro, especialmente para as mulheres. Já o homem que se dissexualiza, nesse processo de retraimento libidinal, não culpa o outro, ele se desinveste. Melancoliza o próprio desejo. Ataca a própria autoestima. Não se trata de um celibato involuntário, mas de uma desistência subjetiva do erótico.

O incel muitas vezes, vive em uma posição acompanhada de ressentimento ou hostilidade. Já o sujeito que chega ao consultório em processo de dissexualização não está em guerra com o mundo, mas em conflito silencioso consigo mesmo. Não culpa o outro: envergonha-se e acredita não ter mais o direito de desejar. Seu recuo não é raivoso, mas entristecido. O celibato do sujeito dissexualizado não é militante, nem deliberado, é melancólico. E, por isso mesmo, precisa de escuta e não de julgamento. Essa distinção é crucial para o manejo clínico.

5. Um mito que ecoa na clínica: Orfeu e a falha diante do desejo

Há um mito que pode iluminar, com tentativa poética e precisão clínica, a experiência desses homens que se encontram às voltas com o apagamento do desejo: o mito de Orfeu. Segundo a mitologia grega, Orfeu, após perder sua amada Eurídice, desce ao mundo dos mortos e convence Hades a devolvê-la. O deus do submundo aceitou, com uma única condição: que ele caminhasse à frente dela e não olhasse para trás até estarem ambos fora do submundo. Mas

Orfeu vacilou. No último instante, tomado pela dúvida, pela ansiedade, pelo medo de que ela não o estivesse seguindo, ele olhou – e, nesse gesto, perdeu Eurídice para sempre.

5.1 O olhar que rompe o pacto: corpo ansioso, desejo em colapso

Algo semelhante acontece com os orfeus que atendo. Eles não estão alheios ao desejo. Eles desejam. Mas no instante em que o desejo se aproxima de se realizar, quando o encontro se torna possível, eles olham para trás. Olham para o próprio corpo, e sobretudo para o pênis, com angústia e desconfiança, tentando confirmar se ele responderá. E esse olhar ansioso e desconfiado, que deveria afirmar a potência, a dissolve. Tal como Orfeu, esses homens rompem o pacto com o desejo ao tentar garanti-lo com os olhos. O desejo, como Eurídice, escapa justamente quando é vigiado demais.

6. A escuta clínica e a sustentação do desejo vacilante

Se há algo que a clínica com orfeus exige, é uma escuta que não se apresse. Uma escuta que contenha, que suporte os silêncios, as piadas descontextualizadas e outras defesas. Esses homens não chegam pedindo interpretação imediata. Eles querem "resolver o problema". Eles chegam com um histórico: a maioria já procurou ajuda médica, já fez exames hormonais, já investigou com um urologista ou endocrinologista se "há algo de errado com o corpo". Muitos já buscaram alternativas farmacológicas e, ao final do processo, ouviram a frase que parece encerrar e ao mesmo tempo abrir um novo ciclo: "isso é psicológico".

É então que, com receio e cautela, esses homens chegam à análise. Não porque confiem plenamente no processo, mas porque esgotaram as vias orgânicas. A escuta que se oferece nesse momento

precisa, antes de qualquer coisa, acolher a dúvida do sujeito sobre si mesmo: será que é mesmo na alma que falha o sexo?

6.1 A escuta como continente: sustentar o desejo que vacila

Como propõe Kehl (2009), a clínica da depressão também é a clínica da desistência, uma clínica em que o tempo interno do sujeito parece suspenso, esvaziado, e onde o desejo precisa ser sustentado antes de poder ser reativado.

A escuta analítica não é saber, mas espaço onde o sujeito pode se ouvir e dar palavra ao que se apresenta como corpo tenso e angústia muda. Como nos lembra Birman (2006), o mal-estar contemporâneo se inscreve menos como neurose clássica e mais como colapso de representações, exigindo do analista uma escuta que acolha o desalento como modo de existência.

Não se trata de leva-lo a seguir regras de um "manual" sobre o funcionamento da sexualidade. Trata-se de oferecer um campo transferencial onde o desejo possa, pouco a pouco, emergir sem ser convocado a performar. Onde o sujeito possa desejar sem ter que provar nada a ninguém. Onde o homem possa ser homem sem ter que ser potente.

Como escreveu Bion (1970/1991): é preciso oferecer ao paciente uma presença capaz de sustentar o "não-saber". E como propôs Winnicott (1971/1975), é preciso criar um espaço no qual seja possível brincar e, portanto, criar. Até porque o exercício da sexualidade é uma brincadeira de gente grande, conduzida pelo desejo de brincar. A escuta do analista se torna, assim, o campo onde esse homem, tomado pela vergonha e pela desistência, possa reencontrar uma relação viva com o próprio desejo.

7. Considerações finais

Assim como no mito de Orfeu, o que está em jogo nesses casos clínicos não é a ausência de amor ou desejo, mas o medo de não conseguir sustentá-los. Orfeu falha não porque não ama, mas porque olha antes da hora, tomado pela insegurança. Seu gesto é um gesto de ansiedade, e é isso que o condena à perda. Esses homens, em suas trajetórias de dissexualização, revivem a cena de Orfeu cada vez que, no momento do encontro, desviam o olhar de si para o pênis, tomados pela dúvida sobre sua própria potência. E, como no mito, essa olhada os condena a perder o que mais querem sustentar.

A clínica contemporânea exige do analista escuta afinada com os modos silenciosos do sofrimento. O homem que se dissexualiza não grita nem acusa. Chega, envergonhado, com um pedido frágil: 'Tem algo errado comigo'. Esse 'errado' não está nos hormônios, mas em uma cisão entre desejo e corpo, imagem e presença.

Este artigo procurou lançar luz sobre um processo recorrente: a dissexualização não é ausência de desejo, mas recuo subjetivo, retração do erótico diante de um ideal que oprime. Uma desistência que não é escolha, mas sintoma.

A escuta do analista, nesses casos, não oferece respostas, não promete curas, nem restituição de performances. Propõe-se a ser continente para o desejo vacilante, espaço para que o sujeito reencontre uma relação viva com corpo e outro.

Se a sexualidade é tumulto, que a escuta do analista não tente pacificá-la, mas acolha seu movimento, mesmo em colapso. Escutar a dissexualização é escutar cultura, herança e promessa. E sustentar o sujeito quando ele acredita que já não pode mais sustentar-se.

Referências

- Barcellos, G. (2001). Homem: o sexo frágil? Ágora.
- Beauvoir, S. de. (1960). *O segundo sexo: a experiência vivida* (S. Milliet, Trad.). Difusão Europeia do Livro. (Trabalho original publicado em 1949)
- Bion, W. R. (1991). *Atenção e interpretação* (P. C. Souza, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1970)
- Birman, J. (2006). *O sujeito na contemporaneidade: Espaço, dor e desalento.* Civilização Brasileira.
- Ceccarelli, P. (2010). Masculinidades: uma psicanálise. Autêntica.
- Freud, S. (1996). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 13-82). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 13-46). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 6, pp, 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Kehl, M. R. (2009). O tempo e o cão: a atualidade das depressões. Boitempo.
- Safatle, V. (2015). O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Cosac Naify.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (Á. Cabral, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D. W. (1983). *Processos de maturação e o ambiente facilitador* (L. S. Rosenfeld, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)

Ela – teatros do corpo e da mente

Giuliana Gnatos João Lima,¹ Campinas giulianalima.psico@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo aborda a questão da sexualidade por meio da análise de um caso de abuso sexual infantil incestuoso. A autora expõe seus pensamentos em cinco eixos norteadores da experiência vivida em análise, explorando como o trauma pode ser transformado na presença de um outro – a analista – que testemunha essa experiência. Com base em autores como Freud, Bion, Ogden e Winnicott, utiliza conceitos como elaboração, sublimação, brincadeira e transformação para teorizar e aprender com a experiência.

Palavras-chave: abuso infantil, incesto, psicanálise, arte

Ela: theaters of body and mind

Abstract: This article addresses the question of sexuality through the analysis of a case of incestuous child sexual abuse. The author presents her reflections in five guiding axes of the analytic experience, exploring how trauma can be transformed in the presence of an other – the analyst – who bears witness to this experience. Drawing on authors such as Freud, Bion, Ogden, and Winnicott, she employs concepts such as elaboration, sublimation, play, and transformation to theorize and to learn from the experience.

Keywords: child sexual abuse, incest, psychoanalysis, art

1 Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (sbpcamp).

Quem roubou nossa coragem?

Tudo é dor

E toda dor vem do desejo

De não sentirmos dor

(Renato Russo)

Cena 1 – O grito interrompido e o sonho não sonhado²

Ela³ foi abusada pelo tio materno quando criança. A mãe nada falou. O pai nunca soube. Exilou-se na Austrália, foi para a vida e para o teatro, sozinha. Muitos amigos, trabalhos interessantes, mas um vazio a acompanhava. Não criava raízes onde vivia há anos, mas a vida lá fora era sempre agitada e nômade, o que lhe dava a sensação de estar em todos os lugares sem que precisasse de nenhum deles. Esse era seu modo de estar no mundo, viva.

Foram décadas de família abolida dentro dela. Poucas interações, sempre difíceis. Ela falava A, a mãe entendia B. O pai, um pouco mais perto, mas longe.

Sua família eram os amigos e o trabalho. Sua arte, seu sustento e sustentação. Até prêmio ganhou. Nos palcos, cenas violentas, sexualidade explícita, personagens intensas e morte. A família de origem não lhe interessava mais. Criou outra, na impossibilidade de sustentar a primeira.

Eu sentia sua solidão, a impossibilidade de estar em família, seu afastamento e mágoa. Ela me transmitia uma delicadeza, sofrida, mas serena. O agito estava em seu fazer. Não havia desespero em sua fala. Em sessão, olhava para o lado enquanto pensava e, às vezes, para o teto, procurando descrever com precisão o que sentia. Eu acolhia, ela sempre iniciava e terminava as sessões com um sorriso.

- 2 Tomando emprestadas as palavras de Thomas Ogden (2010).
- 3 Os nomes, lugares e outros dados foram devidamente alterados para preservar a identidade dos pacientes.

E pensando no trauma e seus desdobramentos, vale considerar que

o comportamento de adultos em relação à criança que sofreu o traumatismo faz parte do modo de ação psíquica do trauma. Eles dão, em geral e num elevado grau, prova de incompreensão aparente. A criança é punida, o que, entre outras coisas, age também sobre a criança pela enorme injustiça que representa. A expressão "húngara" que serve para as crianças, "katonadolog", (a sorte do soldado), exige do soldado um grau de heroísmo de que ela ainda não é capaz. Ou então os adultos reagem com um silêncio de morte que torna a criança tão ignorante quanto se lhe pede que seja. (Ferenczi, 1931/2011, p. 127)

Nesse caso em questão, a reação da mãe – e a não reação do pai por ignorância ou omissão – impediram que aquela experiência tão marcante pudesse ser elaborada. Ela não sentiu, em nenhum momento, apoio da família. Viveu sua dor em segredo por décadas.

No entanto, a dor clamava por expressão e transformação. Em sua arte, seus personagens e roteiro gritavam o grito interrompido do abuso. Sexualidade, violência e morte. Na vida, seu grito foi abafado: "não conte nada para o papai". Em sua vida pessoal, antes de uma relação sexual, havia uma preliminar que apresentava verbalmente o abuso. Ela podia – e queria – contar. Re-contar a história trágica do sexo em sua vida. Talvez por medo de pisar no campo minado ou talvez, ainda, houvesse o anseio de ser compreendida e transformar o que havia sido o sexo até então. Ademais, pareceu-me que, por vezes, essa "apresentação" do abuso era uma forma de se proteger e pedir cuidado ao parceiro: por favor, cuidado ao pisar nesse terreno frágil.

De alguma forma, ela precisava encenar e nomear o trauma, seja contando a história vivida a amigos e namorados, seja encenando nos palcos. Era sua forma de recordar, repetir e elaborar, remontando aqui o texto de Freud de 1914. Era preciso encontrar uma via de expressão para o vivido traumático, fazê-lo inserir-se numa teia coerente de significações passíveis de compreensão e aceitação. Ela, de fato, lembrava de poucas cenas específicas do abuso, mencionava-as raramente. Como analista, eu não podia saber em que nível outras recordações estavam impedidas de virem à consciência por meio do recalque, mas, de qualquer forma, sua mente me parecia muito produtiva e seu trabalho mental se misturava a seu trabalho criativo e profissional propriamente dito. Íamos modelando essa matéria-prima que estava disponível, aos poucos vinham lembranças, ressentimentos em relação aos pais, alegrias e tristezas da vida.

Com certeza, quando criança, ela não teve condições de elaborar sozinha essa trama de sensações, percepções e a violência contra si mesma exercida por um ente amado por ela. E não houve adulto que lhe emprestasse alguma condição psíquica para processar tudo isso. Desamparo. Solidão. Interrupção.

Mas agora, adulta e em análise, talvez pudéssemos reconstruir sua história, juntas. Talvez fosse possível entrar nos recônditos daquela experiência e viver, tanto quanto possível, o que não pode ser vivido antes, por impossibilidade do ego de dar conta desse vivido. Eu estava ali, interessada e atenta, sendo a testemunha do segredo e seus desdobramentos. Agora era possível chegar mais perto, escutar, viver e legitimar sua experiência vivida junto da analista.⁴

A ideia de pensar para além da recordação e elaboração surgiu em conversa pessoal com Adriana Nagalli de Oliveira, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp). Minha visão se amplia no sentido de perceber que a questão não é tanto a elaboração em si, mas poder viver, com minha analisanda, toda uma experiência emocional encapsulada e densa, que ainda não tinha sido elaborada com o outro.

Ela, sem opção, precisou exilar-se de si mesma e buscava se reencontrar. Talvez, agora fosse possível juntar as experiências não processadas (elementos-beta, conforme Bion diria) em uma rede de significados possível de fazer sentido. No passado, fez-se silêncio. Ela foi punida. E não havia heroísmo possível. Sorte do soldado? Azar, isso sim. Tínhamos que resgatar o soldado ferido.

Ela tentava sonhar e elaborar psiquicamente sensações, representações, percepções. Ocorre-me pensar que sua arte não é propriamente uma tentativa de sublimação, mas, antes, uma repetição do trauma para torná-lo passível de ser um sonho. Ela não pode sonhar, nem como pesadelo, esse vivido. Ela atua esse vivido traumático, tentando fazê-lo passível, ainda, de ser sonhado. O sofrimento, tão doído, passa a ser belo na obra de arte, pode-se apreciar, modificar, transcender ao acontecimento traumático. Esse aspecto de transcendência em relação ao conflito por meio da arte foi explorado e publicado por mim em um livro que sintetiza minha dissertação de mestrado (Bilbao, 2004)

É evidente que ela ama o que faz e parece não poder viver sem sua arte. Faz grandes esforços, mas extrai da sua arte, seu maior prazer. E ali, também, busca transformar seu sofrimento, integrando as experiências.

Ferenczi (1931/2011) afirma que quando crianças têm pesadelos, elas falam com seus pais e conseguem descrever o que estavam sonhando, já quando têm terrores noturnos, o terror não entra na cadeia representacional, a criança nada lembra do que foi "sonhado", o terror se mantém fora de sua experiência vivida. Com ela acontecia isso: um terror a acometia há anos e não podia acomodá-lo em si. Sinto que estávamos tentando alçar as experiências e as integrar como partes dela mesma. Ela teve seu grito interrompido e seu sonho não foi sonhado. Segundo Ogden (2010), cabe ao analista ajudar seus pacientes a sonhar e gritar seus gritos interrompidos e sonhos não sonhados, sinto que tenho feito isso com ela:

Uma pessoa consulta um psicanalista porque está sofrendo emocionalmente; sem saber, ela é incapaz de sonhar (isto é, incapaz de elaboração psicológica inconsciente) ou fica tão perturbada com o que está sonhando que seu sonho é interrompido. À medida que é incapaz de sonhar sua experiência emocional, o indivíduo é incapaz de mudar; ou de crescer, ou de torna-se diferente de quem ele tem sido. (ogden, 2010, p. 21)

Ela não teve nem uma mãe continente, nem um pai protetor. E não acredita nos investimentos amorosos, pois não pôde nem sentir ódio. Eu me pergunto: como ela pode viver uma liberdade criativa se ela está atracada a uma família de inverdades? Quem ela é afinal? Quem pode ser?

Cena 2 – A arte como sublimação ou mera repetição do trauma?

Freud (1914/2010) diz que a sublimação seria uma forma de conduzir a libido para uma meta não sexual; assim, para evitar repressão, a pessoa desviaria parte de seus impulsos a uma meta socialmente aceita. Escritores, pintores, estariam sublimando seus impulsos, os seja, direcionando-os para uma meta socialmente aceita: a arte. No entanto, minha sensação ao ouvi-la falar de suas peças teatrais, era a de que não ocorria ali, de fato, uma sublimação. A meu ver, pelo menos com base em sua narrativa, as peças eram uma tentativa de elaboração de um pesadelo e ela sempre estava presa ao mesmo

trauma, repetindo-o como que numa tentativa de se compreender, de fazer caber em si o vivido traumático e não elaborado.

Não me parecia que sua arte era sublimatória o suficiente, como se parte dos impulsos estivessem sendo atuados, como um jorro. Como se a arte, ao ser representada, não pudesse dar uma moldura, um lugar outro, um destino eficiente para a pulsão. Como se ela contivesse, em parte, o jorro, mas este, por ser de natureza traumática, talvez um quantum insuportável para o aparelho psíquico, ocasionava um transbordamento. A arte era necessária, mas não suficiente.

Sua arte me parecia, a essa altura da análise, um recompor de si, ela pendurava nas personagens partes suas, splitadas e projetadas para fora de si. Personagens sofredoras, terrores, mas fechadas as cortinas do palco, lá estava ela levando todas as partes de seu sofrimento para casa.

Como diria Uchitel, "O acontecimento traumático não fecha nem cicatriza, para o trauma não há passado, só presente" (2001, p. 26). Penso que com a análise poderíamos tornar esse presente, passado.

Usando uma linguagem de Bion (Ogden, 2010), minha sensação era a de que aqueles elementos-beta, não processados, nunca estavam satisfatoriamente transformados em elementos-alfa, não entravam numa cadeia associativa que permitisse a ela elaborar, de uma vez por todas, a experiência traumática (Ogden, 2010).

Ela – Eu queria muito falar de outro tema, encenar outras coisas, mas não consigo.

Eu – Esse tema é a sua vida e esse nó está aí, você se ocupa dele o tempo todo, não só quando trabalha, ou melhor dizendo, você não para de trabalhar esse tema em sua mente.

Ela – Eu queria que isso acabasse de uma vez, não tem espaço para outras coisas.

Eu – Acho que não, por enquanto.

Ela – Eu estava revisando textos antigos e eles são tão atuais, mas velhos ao mesmo tempo. Aos 19 anos eu li um livro de abuso e fez muito sentido pra uma peça que encenei, naquela época nem fazia ligação com o que eu vivi, hoje em dia eu vejo mais claramente que tudo o que faço, tem a mim mesma e por isso mesmo, é mais difícil.

Eu sentia que ela buscava a si mesma, buscava a integração de si. Ao brincar em cena, como diria Winnicott (1975), tínhamos um fenômeno transicional que é, ao mesmo tempo, realidade externa e interna. Faz os roteiros e cria personagens, que são ela mesma, mas não são ela mesma. Essa distância possível, permite, a um só tempo, representar-se sem estar tão evidente, pois é um faz-de-conta e ela tem controle do brincar. Não apenas vive passivamente, mas coordena, monta e desmonta, escreve e reescreve, joga com os personagens, que são bonecos feitos com a matéria-prima de seu trauma. Talvez a única maneira possível de se aproximar dele e transformá-lo.

No decorrer da análise, pareceu-me que ela ficava cada vez mais consciente de que o que faz como arte é ela mesma. Não conseguia ver isso antes. Não conseguia se ver no espelho, que estava o tempo todo diante dela mesma. Começa a contar com mais detalhes as peças e os personagens. Eu começo a enxergar melhor a peça. Para mim, essa mudança significava que ela própria conseguia se ver melhor no que fazia. Temos mais sessões agora, depois do segundo ano de análise. Agora são duas e somos duas de um jeito mais firme. Ela conta comigo, sinto isso. Ela agradece por estarmos juntas.

Ela estava reinventando a si mesma, eu não tinha dúvidas. Ela se reconstruía a cada sessão, falava das personagens, das relações com os amigos, da família e seus dramas relacionais. Vida e trabalho se misturavam, aliás, não havia muita distinção, seus amigos eram artistas também, compartilhavam ideias, roteiros,

Eu escutava, percebia e a levava a refletir: agora que você falou isso, eu lembrei daquilo, eu não tinha pensado isso antes, mas pode ser, eu não quero não dizer nada e depois ficar mal, eu tenho medo de ficar só se disser não, parece que vivo em função dos outros e nunca protagonizei uma coisa minha, não quero ficar nos bastidores, quero meu nome, viajar sozinha. Essas eram algumas frases que denotam a experiência emocional e sua transformação.

Mas volta e meia, virava e mexia, lá estava o abuso:

Ela – Eu imaginei inúmeras vezes como iria matá-lo. Com um travesseiro, numa noite em que ele estivesse em casa. E imaginei mil vezes como faria e como iria sair ilesa, mas tudo isso sozinha.

Eu – Quanta raiva você sentiu e como foi terrível essa solidão.

Ela fazia aulas de tiro e lhe disseram que era boa nisso. Ela ficou orgulhosa e sentiu a potência de sua raiva.

Ela – Veio uma euforia, eu podia sentir raiva e controlá-la com meu corpo, podia alinhar meu corpo e minha raiva e o tiro dava certo, mas deu medo de matar e morrer.

Ela podia, finalmente, sentir raiva, falar de raiva, matar e morrer em suas peças, mas tinha medo dessa força destrutiva que agora reconhecia em si. Mas era uma esperança. Um dia a raiva apareceu em sonho:

Ela – Sonhei que estava com minha mãe em casa e cortei a mão do meu tio. Minha mãe me ajudou a esconder sem dizermos nada. Combinamos. Colocamos a mão num saco plástico e guardamos. Ela me ajudou, era minha cúmplice.

Quando Ferenczi faz a revisão da interpretação dos sonhos de Freud ele afirma:

todo e qualquer sonho, ainda o mais desagradável, é uma tentativa de levar acontecimentos traumáticos a uma resolução e a um domínio

psíquico melhores... temos a ação de uma tendência, que deve ser igualmente qualificada de psicológica, para uma nova e melhor resolução, em que a realização de desejo é o meio pelo qual o sonho conseguirá chegar a ela, mais ou menos bem. (1931/2011, p. 128)

Num primeiro momento, pensei: ela castrando o tio e terminando com o abuso, tendo a mãe como aliada, certamente assim o desejou. Depois pensei num outro sentido, mais latente: o tio do sonho seria o pai castrado, que foi omisso, não a protegeu, nada fez. Ela não se ressentia com o pai, apenas a mãe, mas, no sonho, aparecia uma representação diferente desse pai "castrado" por intermédio da mãe. A mãe a tinha impedido de ter o pai a seu lado. Na transferência, senti que, talvez, a mãe fosse eu, que cuidava e recolhia os danos traumáticos num saco e os guardava. Éramos cúmplices.

De qualquer forma, eu me sentia recosturando seus pedaços junto dela, buscando uma "melhor resolução" para os pedaços projetados que agora podiam ser reintrojetados. Ela confiava nesse processo: "fico feliz que estamos nesse trabalho, não sei bem como acontece, mas parece que estou mais lúcida com minhas coisas".

CENA 3 – Ressignificando o trauma

Ela resolveu abrir a boca. Chamou a irmã e contou do trauma. Chamou o pai e a mãe. Foram fazer terapia de família. Acusações, ressentimentos, muito choro. Agora o palco era a própria vida acontecendo.

A família se reorganiza. Ela fala de seus ressentimentos: a ausência, o descuido com ela, os privilégios da irmã em detrimento dela. A mãe sempre difícil, mas agora a raiva pode ser expressa e nomeada. A mãe tem poucos recursos, mas ela não está mais compreensiva com a mãe, como sempre esteve, desculpando-a. Sente

raiva, expressa-se e procura manter certa distância para se proteger. A mãe não a protegeu.

Aos poucos reparou que não se sentia importante para si mesma, pois nunca tinha sido importante para ninguém. Nem para os pais, nem namorados. Amigos sim, mas alguns abusivos, também. Quem não pode ter raiva, não pode dar limites. Descobre que ser boazinha sempre escondia um grande medo de solidão e abandono total.

Seu namorado atual a abandonava, descuidava, ela precisava que ele precisasse dela para ter alguma importância, mesmo se sentindo ferida. Até saber que não importava nada foram anos. Até que cansou, rompeu, deprimiu, dormiu um sono tão profundo que não conseguiu levantar. Contou-me da depressão que sentiu com o penúltimo namorado. Parecia um padrão: namorados que a machucavam e ela, por sua vez, não conseguia ir embora.

Outro namorado se drogou, saiu com outras, não pagou contas, ela tentava ajudá-lo para que ele não se acabasse, não perdesse o trabalho, a dignidade. Ela cuidava, como querendo salvá-lo.

Estava tentando, talvez, salvar-se, permitindo e repetindo um novo abuso, sobre o qual tinha algum controle, pelo menos.

Separou-se dele, finalmente, esse último.

Ela - Ele não vai mudar, ele não me vê.

Viu que não era vista. Não estava ali. Depois do adeus, ela queria estar só, viajar só, não queria sexo até arrumar a casa.

Ela – Os copos da minha cozinha são todos diferentes, um foi deixado por alguém, outro veio de um outro lugar, outro alguém esqueceu e aqui ficou, outro foi um presente, outro é uma lembrança de não sei onde.

Compreendo o quanto estava fragmentada, buscando juntar seus pedaços. Seu ser parecia em partes que ela tentava juntar, como

nos palcos. Os copos da cozinha, os corpos do palco, fragmentos de um ser buscando uma inteireza, uma identidade.

Arrumou, de fato, a casa externa: arrumou copos, arrumou torneiras e canos, viu infiltrações, fez um plano de saúde, resolveu criar raízes em sua casa, trocar e comprar objetos.

Ela queria um olhar. O olhar da mãe e do pai para aquele homem abusivo, tio, namorado ou o ex que ela quis salvar também das drogas. Agora ela tinha novos olhares: o meu olhar e o da família. Estava arrumando, também, a casa interna.

Cena 4 - A sexualidade reconfigurada

Ela – não sei se gosto de homem, talvez goste de mulheres também, eu não sei.

Começa a se relacionar com uma mulher trans. Parecia-lhe menos problemático não ser um homem. Tinha uma confusão sobre sua identidade sexual e seus objetos sexuais. Foi difícil. Não houve sexo genital, ela sentiu que sim, sua companheira sentiu que não.

Ela não sabia. Estava confusa, reclusa sexualmente.

Não sabia e não sentia vontade. Pensava em ter sexo casual, mas não fazia sentido. Não queria forçar-se a nada. O sexo ainda causava uma dor emocional intensa. Ela parecia não querer pisar nesse terreno.

Buscava limpar o terreno, tão cheio de entulhos. Não quer sexo até arrumar melhor a casa.

Cena 5 - Novos movimentos

Nossa parceria podia permitir que essas partes voltassem a ela, agora mais inteiras, menos traumáticas. Os pais foram visitá-la pela

primeira vez. Ela pôde mostrar-lhes quem era e abrir a sua casa. A irmã também foi com a família. Ela estava feliz, pela primeira vez.

Ela recupera os pais dentro dela. Dá limites aos amigos mais espaçosos. Diz não a um colega de trabalho que a traiu consideravelmente. Está feliz em dizer não. Quase eufórica, como quem ganha um presente que nunca achou ser possível ganhar. Os limites são possíveis. Ela cria um contorno, uma pele, antes inexistente.

Quando comecei a escrever sobre ela, pensei num nome fictício e veio Ela. Não por acaso, obviamente, agora reflito.

Ela pode ser uma qualquer, uma sem nome. Ela é também a sigla para Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), uma doença degenerativa que afeta os neurônios motores, responsáveis por levar os sinais do cérebro aos músculos. Ela causa uma perda progressiva do controle muscular levando à fraqueza, dificuldades na fala, respiração e eventualmente, paralisia. Ela talvez estivesse paralisada por dentro quando chegou à análise, tentando recuperar seu movimento, seu crescimento interrompido.

Atualmente, ela relê seus textos e os reescreve. Refaz roteiros e personagens como nunca. Ao reler, percebe que eles estão mudando, a mudança é pequena, mas ela vê. A paralisia por dentro dessa prisão em que se encontrava diminui, aos poucos e ela retoma seu movimento original, espontâneo. Por vezes pensei em seus textos e personagens como objetos transicionais, com tendo a realidade subjetiva e objetiva simultaneamente, buscando dar conta de si. Ela encena e reencena e vamos, juntas, reescrevendo o texto de sua vida.

Referências

- Bilbao, G. G. L. (2004). Psicologia e arte. Átomo e Alínea.
- Ferenczi, S. (2011). Reflexões sobre o trauma. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)
- Freud, S. (1987). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Ogden, T. H. (2010). Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos (D. Bueno, Trad.). Artmed.
- Uchitel, M. (2001). *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma.* Casa do Psicólogo.
- Winnicott, D. W. (1975). O brincar e a realidade. Imago.

Do estado de desamparo à integração do ego

Nuances da esquizoidia na sala de análise

Fabrizia Izabel Meira Souto,¹ Belo Horizonte fabrizia.soutopsi@gmail.com

Resumo: O traço mais característico da etapa da dependência infantil é a identificação primária com o objeto. Essa afirmativa de Fairbairn (1980) nos posiciona diante das (im)possibilidades de um tratamento psicanalítico e da difícil travessia quando se busca resolver o conflito vivido pelo sujeito ao se separar do objeto com o qual estava identificado no início da vida e após chegar a um acordo com os objetos que já haviam sido internalizados em um momento mais primitivo. O objetivo deste trabalho, que contém duas vinhetas clínicas, é ilustrar essa difícil travessia que o texto de Fairbairn descreve no grande conflito que surge na etapa de transição vivenciada por pacientes esquizoides que se debatem entre a necessidade progressiva de abandonar a atitude de dependência infantil para com o objeto e a urgência regressiva de manter essa atitude.

Palavras-chave: esquizoidia, identificação primária, dependência infantil, objeto

1 Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG).

From the state of helplessness to ego integration: nuances of schizoidia in the consulting room

Abstract: The most characteristic feature of the stage of infantile dependence is primary identification with the object. This statement by Fairbairn (1980) places us before the (im) possibilities of a psychoanalytic treatment and the difficult journey when the case in question consists of resolving the conflict regarding the separation from the object with which one was identified at the beginning of life and then reaching an agreement with the objects that had already been internalized at a more primitive moment. The objective of this work, which contains two clinical vignettes, is to illustrate this difficult journey that Fairbairn's text describes in the great conflict of the transition stage experienced by schizoid patients who struggle between the progressive need to abandon the attitude of infantile dependence towards the object and the regressive urgency to maintain this attitude.

Keywords: schizoidism, primary identification, infantile dependence, object

No meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra
(Carlos Drummond de Andrade)

O poema "No meio do caminho", de Carlos Drummond de Andrade, publicado há quase 100 anos, pode ser entendido como uma composição sobre os obstáculos que encontramos ao longo de nossa trajetória. Ou, melhor dizendo: as pedras que interrompem os nossos fluxos de vida. Alice se deparou com uma pedra. Ainda tão cedo, de forma tão precoce, quando ainda não tinha aparato psíquico para dar na pedra, uma volta. Também nos encontramos, hoje, na sala de análise, diante de uma pedra descomunal que desafia as (im)possibilidades de um tratamento analítico efetivo, sendo surpreendido pelas nuances da personalidade esquizoide.

Drummond não deu respostas, tampouco apontou caminhos. Também eu não as tenho ainda (sabe-se lá se um dia as terei). Mas, no desafio do atendimento de Alice, e com o aparato psicanalítico que somente uma formação potente pode propiciar, sigo junto a ela, olhando para as pedras, por vezes me curvando diante delas, mas, ainda assim, seguindo e acreditando que, se as pedras podem ser obstáculos intransponíveis, também se aliam na construção de monumentos incríveis, que acolhem e protegem.

Introdução

O traço acentuado da dependência infantil é constituído pelo seu caráter incondicional. A criança depende completamente do seu objeto, não somente para assegurar o seu bem-estar físico e sua existência, mas também para a satisfação das suas necessidades psicológicas. (Fairbairn, 1980, p. 37)

Alice viveu, no processo psicoterápico, uma tentativa desesperada de separar-se da mãe, para em seguida entregar-se a uma corrida desesperada de volta para casa. Nos momentos de angústia extrema, entregava-se aos cuidados maternos como uma criança frágil e incapaz. Nessa hora, a angústia que acompanhava a identificação entre elas se transformava no temor de ser aprisionada. Em

outros momentos, na busca para se separar, a angústia se manifestava como o temor do isolamento, de ver-se completamente sozinha. Para Fairbairn, "a conduta do indivíduo se caracteriza tanto por seus esforços desesperados para separar-se do objeto, como pelos de conseguir uma união com ele" (Fairbairn, 1980, p. 34).

Quando Alice me procura, vivenciando a etapa final da adolescência, traz questões que se referem à modalidade da relação estabelecida com a mãe: vejo que a mãe representa para Alice um objeto idealizado, capaz de fazer tudo por ela, mas também um objeto persecutório, do qual ela tenta se afastar em desespero. Penso que Alice se deparou com uma pedra no meio do caminho de seu desenvolvimento psíquico. Ou psicanaliticamente falando, vivenciou um trauma. Fairbairn diria que o maior trauma que uma criança pode experimentar é a frustração de seu desejo de ser amada e, consequentemente, de que seu amor seja aceito. Percebo que os aspectos primitivos da paciente apontam para esse trauma.

Percorremos, eu e Alice, o difícil trecho em que a paciente se desesperava para escapar da prisão e, ao mesmo tempo, angustiava-se para voltar para casa. Por vezes, o que presenciei na sala de análise foi uma criança misturada com a mãe. Sobre esse estranho fenômeno, Fairbairn pontua que "o processo de diferenciação do objeto se torna importante pelo fato de que a dependência infantil se caracteriza não só pela identificação, mas por uma atitude de incorporação oral" (Fairbairn, 1980, p. 34), ou seja, o que podemos observar é que o objeto com o qual o indivíduo está identificado é também um objeto incorporado.

O estado de desamparo ao qual o bebê é lançado após o nascimento é descrito por muitos autores da psicanálise. Freud destaca a presença da pessoa experiente que vai se oferecer como saída para o desamparo infantil na vivência única do narcisismo primário.

Já Winnicott descreve a mãe como o primeiro ambiente para o bebê e aponta a necessidade de uma mãe suficientemente boa que possa atender às demandas do seu bebê na fase de dependência absoluta.

Seguimos entendendo que estas experiências de prazer-desprazer marcam o aparelho psíquico e que a elas retornamos em diversos estágios da vida. Da mesma forma, Fairbairn (1980) pontua que a criança depende incondicionalmente do seu objeto, não apenas para assegurar as suas necessidades orgânicas, como também para lhe garantir a satisfação das necessidades psicológicas. Mas o autor destaca um diferencial importante na sua obra: o desenvolvimento do ego não se processa de modo autônomo, ao contrário, portanto, do que julga ser o desenvolvimento da libido a partir das zonas erógenas e da busca do prazer, como tão bem Freud destacou. De fato, para Fairbairn, o processo de desenvolvimento da personalidade define-se como desenvolvimento da relação de objeto.

À medida que vamos nos desenvolvendo de forma saudável, essa incondicionalidade que o bebê vive nas relações, em particular com a mãe, tende a diminuir. Com o decorrer do desenvolvimento, o número de objetos vai se ampliando, a autonomia do indivíduo se fortalece, e, então, já podemos prescindir de alguns. Mas a criança, não. De forma diferente do que ocorre com o adulto, a criança tende a estar concentrada a um só objeto. A sua perda, então, se mostra desoladora.

Percorri com Alice um longo caminho, entre o desejo de separar-se e seguir rumo à independência e o desespero de não poder existir sem um objeto que a represente.

Sobre o processo de integração do ego em Winnicott

Winnicott (1962/1983) aponta que o ego pode ser descrito como a parte da personalidade que tende a se integrar, a tornar-se

uma unidade em condições favoráveis de desenvolvimento. Dessa forma, ele se pergunta: há um ego desde o início? Em nota de rodapé, o autor (1962/1983, p. 56) argumenta que o começo é uma soma de começos, ou seja, "o início está no momento em que o ego se inicia", ou, ainda, a vida psíquica do bebê começa quando o ego inicia a sua integração. Nesta perspectiva, só há como pensar num início mediante um ego, ainda que primitivo e rudimentar, e um id, instância psíquica responsável pelas vivências instintivas e pulsionais do bebê.

Para o autor, o ser humano nasce como um conjunto desorganizado de pulsões, instintos, capacidades perceptivas e motoras que vão se desenvolvendo e se integrando com o passar do tempo. À medida que o desenvolvimento progride, esse conjunto até então desordenado vai se organizando até que a criança possa alcançar uma imagem unificada de si e do mundo externo. O ambiente, para o autor, se apresenta como um esteio indispensável no qual o ser humano se apoia para construir as bases da própria personalidade.

Desde o nascimento até os seis meses de vida, o bebê acha-se num estado de dependência absoluta em relação à mãe. Após esse período, ocorre o relacionamento entre pessoas totais para o bebê, ou seja, "quando um ser humano se percebe como uma pessoa relacionada a outras pessoas, um longo caminho já foi percorrido em termos do desenvolvimento primitivo" (Winnicott, 1945/2000, p. 222).

O bebê nasce com uma tendência para o desenvolvimento, sendo a tarefa da mãe oferecer um suporte adequado para que as condições inatas possam se desenvolver de forma satisfatória. No momento do nascimento, cabe observar que a criança desconhece a existência de tudo o que não seja ela mesma, sendo a capacidade adaptativa da mãe e o exercício da maternagem o que vai formar a base de um desenvolvimento psíquico saudável.

Primeira vinheta clínica: A prometida Terra do Nunca

Na sala de espera do consultório, Alice detém-se numa história. Ao entrar para a sessão, vai me relatando o conteúdo, dizendo ter se impressionado. *The Promised Neverland*, ou *A prometida Terra do Nunca*, é uma história que se desenrola num orfanato onde uma mulher chamada de Mamãe toma conta de muitas crianças até os 12 anos de idade. Vez ou outra, alguma dessas crianças tem a sorte de conseguir uma família adotiva e se despede de seus colegas órfãos.

A história toma um caminho sinistro quando, durante uma dessas despedidas, uma criança recém-adotada se esquece de levar seu bichinho de pelúcia favorito. Ao contrário do que deveria ser feito segundo as ordens da Mamãe, a protagonista e seu melhor amigo decidem ir até o local em que a garota foi levada para adoção, e a surpresa é grande. Na verdade, o orfanato é um "celeiro humano" onde ficam crianças que serão oferecidas como alimento para demônios.

Recordo-me, nessa sessão, da relação tumultuada que Alice, desde o início, vem me contando que mantém com a mãe. Ela não se sente vista. Diante das crises de angústia e ansiedade que vivencia, Alice sente que a mãe a acusa, em vez de acolhê-la. Nesses momentos, vejo uma menina que, quando não se sente vista, desespera-se e duvida dos próprios sentimentos. Vou tentando ajudá-la a pensar que, ao mesmo tempo que entende a mãe, ela se sente órfã dessa mãe, como as crianças de Neverland. Alice está nos contando sobre como está se sentindo vulnerável, e, ao mencionar o esforço da menina da história para proteger as crianças da Mamãe e dos demônios, ela exprime o desejo de ter alguém que fizesse o mesmo por ela, protegendo-a dessa violência que, às vezes, ela faz consigo mesma. Permito-me lhe dizer "como carece de um olhar carinhoso para

acalmá-la e protegê-la para que não seja jogada na depressão dos demônios. Será que nós duas podemos ajudá-la a se proteger também?"

Sobrevivendo na depressão dos demônios: quando não é possível contar com uma mãe suficientemente boa

O processo de integração do ego inicia-se logo após o nascimento. Para Winnicott, a vida emocional do recém-nascido se constrói com base no reconhecimento pelo outro que cuida. Dessa forma,

o bebê que não teve uma única pessoa que lhe juntasse os pedaços começa com desvantagem a sua tarefa de auto integrar-se, e talvez nunca o consiga, ou talvez não possa manter a integração de maneira confiante. (Winnicott, 1945/2000, p. 224)

Para Winnicott, a personalidade da criança não está integrada desde o início. O ambiente e a natureza do cuidado tanto podem favorecer o processo de integração do ego, quanto dificultá-lo. Podemos dizer que o processo de integração, quando alcançado, sugere que o relacionamento primário que o bebê estabeleceu com o seio materno e o mundo externo foi satisfatório, influenciando a forma como ele vai se adaptando à realidade. Percebo que, em Alice, algo se perdeu muito cedo ainda, num momento primitivo do seu desenvolvimento. Suas vivências disruptivas demonstram que o relacionamento primário estabelecido com o seio materno e, em seguida, com o mundo externo, não se deu de forma a propiciar sua adaptação à realidade.

Sobre esse aspecto, Winnicott destaca que, desde cedo, a criança se vê confrontada por impulsos instintivos e ideias predatórias. A capacidade da mãe de suportar a agressividade do seu bebê pode resultar num primeiro vínculo da criança com um objeto externo. À mãe, cabe a tarefa de continuar proporcionando ao filho a possibilidade

de viver experiências integrativas, capazes de juntar os pedaços do bebê. O cuidado materno na medida das necessidades do bebê é o que evita que ele seja surpreendido por um sentido de realidade para o qual não está preparado: "ela [a mãe] o protege, portanto, da irrupção de qualquer amostra da realidade externa, incompreensível para ele, e impossível de ser abarcada no âmbito de sua onipotência" (Dias, 2005, p. 42).

Quando a mãe dessa fase não é capaz de propiciar o necessário ao seu bebê, "a maturação do eu não pode se efetuar, e o desenvolvimento das funções principais fica bloqueado ou distorcido" (Nasio, 1995, p. 188). Duas situações decorrem do exposto. A dissociação, que ocorre sempre que o processo de integração não se dá de forma satisfatória, e a desintegração. Ambas acontecem em decorrência da falta de segurança vivenciada no estado primitivo ou no estado de dependência absoluta vivenciada pelo bebê. É, portanto, em função dos graus e variedades das carências de adaptação materna e da maneira como o bebê consegue arranjar-se com isso que este irá ou não evoluir para uma organização patológica da própria personalidade (Nasio, 1995, p. 188). Winnicott (1962/1983) destacou a personalidade esquizoide como uma das saídas encontradas pela criança para estar na existência, sendo esta a que interessa a este trabalho. Percebo em Alice que as invasões ambientais decorrentes de falhas maternas provocaram um trauma, levando-a a reagir ao ambiente antes de se tornar capaz de projetar-se no que é bom ou mau naquele ambiente. É dessa forma que o bebê que ainda não desenvolveu determinados mecanismos psíquicos e tem a sua vivência de continuidade interrompida pela falha ambiental terá como resultado algum grau de distorção do desenvolvimento que pode levar a uma falha total ou relativa no estabelecimento da estrutura do self na organização do ego (Celeri, 2009).

Quando os pedacinhos do bebê não foram juntados: visão de Fairbairn

Encontramos na obra de Fairbairn (1941/1980) a afirmação de que a grande questão da esquizoidia reside em um conflito que ocorre em um dos momentos mais primitivos do percurso do desenvolvimento emocional, que, segundo o autor, é o percurso do desenvolvimento das relações de objeto, ficando o desenvolvimento da libido em segundo plano (Fairbairn, 1941/1980, p. 31). Esse percurso é dividido por Fairbairn em três momentos: a dependência infantil, a fase de transição e a dependência madura. A dependência madura é a etapa ideal, e é podendo atingi-la que o indivíduo consegue alcançar um razoável nível de desenvolvimento através de relações satisfatórias com objetos reais, externos. Nunes e Peixoto Junior (2019) argumentam que se trata de laços cooperativos entre dois sujeitos diferenciados, entendendo que, nesse caso, há uma confiança maior por parte do indivíduo em relação ao ambiente, porque o sujeito sente que pode contar, então, com uma ampla gama de objetos disponíveis; não existe apenas um objeto do qual se depende inteiramente.

Mas, como argumentam Nunes e Peixoto Junior (2019), para atingir o estágio no qual as relações são estabelecidas principalmente com objetos externos, o indivíduo precisa lidar com duas importantes situações: em primeiro lugar, resolver o conflito referente à separação do objeto com o qual estava identificado no início da vida, e, em segundo, chegar a um acordo com os objetos que já haviam sido internalizados em um momento mais primitivo. Vemos em Alice a grande dificuldade de empreender essa travessia. Embora ela anseie pela independência, há um temor quanto ao que pode ocorrer com essa mudança.

O momento inicial do desenvolvimento emocional, chamado por Fairbairn de "dependência infantil", é a fase que representa o berço da problemática esquizoide, derivada do conflito relacionado à fase oral primária. Na primeira infância, só existe um objeto parcial natural, o seio, e o objeto total é, sem dúvida, a mãe. Essa pode ser considerada uma das mais importantes características da dependência infantil: o tipo de relação objetal que o sujeito estabelece com a mãe, objeto de quem sua sobrevivência depende inteiramente. Segundo Nunes e Peixoto Junior (2019), é por essa razão que a relação baseada em identificação assume um caráter ainda mais intenso. O pensamento de Fairbairn desenvolveu-se no sentido da formulação de uma estruturação psíquica egoica cindida. No seu ponto de vista, apenas uma relação de objeto satisfatória poderia levar à integração do ego e à atitude genital, pois é determinante para a justa compreensão do desenvolvimento da libido a relação de objeto e a integração do ego que ela propicia.

Fairbairn (1941/1980) pontua que as principais características da dependência infantil são as atitudes incorporativas e a identificação indiferenciada com o objeto, que fazem com que a perda ou o afastamento do objeto sejam acompanhados pelo sentimento de aniquilação do ego. De acordo com Nunes e Peixoto Junior (2019), esse é o motivo que leva à esquizoidia como condição estruturante, pois todos passam, inevitavelmente, por essa extrema dependência oral do objeto. Segundo o autor, na etapa de transição, ocorre o início da diferenciação com o objeto, e é justamente para evitar que as frustrações impostas pelas relações objetais conduzam à perda do ego, que a defesa será acionada. De fato, o que podemos perceber é que o ego sente como insuportável a ambivalência responsiva do objeto às suas necessidades, cindindo, então, o objeto em duas partes: o aceito e o recusado.

Sinto no atendimento dessa paciente uma grande dificuldade em lidar com conflitos. Frequentemente, Alice se vê devastada. Sente que seu amor destrói os objetos e, muitas vezes, afasta-se deles. Em contrapartida, a libido acaba sendo subtraída dos objetos exteriores, e ela se afasta, profundamente perturbada. É dessa forma que o mundo dos objetos internalizados sobrepassa o dos objetos exteriores e ela perde seus objetos reais. Como afirma Fairbairn (1941/1980), "a grande tragédia do esquizoide é que seu amor parece ser o que destrói". Daí deriva a dificuldade que sente de dirigir sua libido para os objetos externos, pois teme destruí-los.

Segunda vinheta clínica: diante do espelho

Lembro-me de uma sessão em que Alice chegou devastada. Chorava copiosamente relatando uma discussão que tivera com a mãe. A angústia de Alice me deixou profundamente tocada. Indiquei o divã e sugeri que se deitasse. Ficamos em silêncio. Fui me permitindo entrar em contato com a intensidade daquela angústia, e, naquele momento, o que se desenhava em minha mente era a pura imagem do terror: vi uma cena em que uma comunidade havia sido assolada por uma catástrofe natural. Durante as chuvas, o solo cedeu num morro de uma cidade e destruiu casas, comércio, e tudo o que encontrou pela frente. O mar de lama seguia, incólume, impiedoso e destrutivo, arrastando em seu seio tudo o que havia pela frente. À noite, entre os escombros, o repórter encontrou uma mulher sentada. Havia perdido tudo. Numa das mãos, trazia uma sacolinha, dessas de supermercado, mostrando que em seu interior só havia seu documento de identidade. Fui descrevendo para a menina a imagem que se desenhava em minha mente, num profundo respeito com a dor de quem havia perdido tudo e se via sem nada.

Nesse momento, Alice deitou-se de bruços no divã, os olhos fixos nos meus, como um bebê que volve os olhos para a mãe em busca de um espelho que lhe diga que ele existe, quem ele é. Eu estava ali, viva, apesar da tragédia! E pude dizer a ela que, mesmo sentindo em alguns momentos que tudo está perdido, se a identidade ficasse, aquilo que a representava, o resto poderíamos construir juntas.

Considerações finais

Deparamo-nos com uma pedra no meio do caminho. Eu e Alice. E como tão bem disse Drummond: "nunca me esquecerei desse acontecimento, na vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra" (Andrade, 1930).

Haudenschild (2015) destaca "a importância do olhar do primeiro objeto psíquico, o objeto externo primário, para a noção de si mesmo pelo sujeito, desde a sua existência e da continuidade desta, até a noção de sua singularidade" (Haudenschild, 2015, p. 21). O psiquismo do objeto primário é, sem dúvida, um fator preponderante para que o bebê possa se desenvolver de forma satisfatória, tanto biologicamente, quanto psiquicamente. Nesse aspecto, a autora pontua que esse olhar é acompanhado da fala e dos gestos do objeto: é o olhar de um objeto compreensivo. E a introjeção desse objeto compreensivo pelo bebê é que vai permitir que ele possa se aceitar: "estar disponível para acolher seus desconhecidos recursos e ir se tornando aos poucos autocontinente de sua vida mental" (Haudenschild, 2015, p. 33).

Alice careceu desse olhar compreensivo: um olhar que olha e que vê! E vou compreendendo que a noção de si mesma, para ela, ficou prejudicada. Em sua busca pela prometida Terra do Nunca, Alice nos conta dessa espera por alguém, uma mãe, que possa vê-la e assim propiciar que ela forme uma noção de si. Como um bebê que espera

receber tudo de uma mãe capaz de atender a suas necessidades, Alice parece nesse momento, empreender uma busca por algo inatingível, para sempre perdido: essa mãe que se apresenta ora como salvadora, ora como objeto persecutório, a ponto de matar as criancinhas. Quem é Alice, afinal? Uma criança vulnerável ou um demônio?

Para Haudenschild (2015), um olhar adequado seria o daquele objeto vivo, que desde o início se oferece ao bebê como uma forma de comunicação por meio de identificações projetivas realísticas: uma mãe interessada nesse sujeito desconhecido, nascente, podendo a ele se oferecer para que seja desvelado. Dessa forma, o bebê é posto diante de um objeto que pode ajudá-lo, ou não, a nascer psiquicamente. Alice, no entanto, encontrou, no meio do caminho, uma pedra. Na falta de um objeto externo primário "compreensivo", como pontua a autora, ela também não pode introjetar esse objeto continente da vida emocional do sujeito. É dessa forma que sua mente, não podendo se tornar continente para o seu ser, torna-se incapaz de aceitar seus afetos e recursos, tanto os bons, quanto os maus. Como Haudenschild, eu também me pergunto: o que será dele, o bebê, nossa tão pequena Alice, se não puder contar, na sua introdução ao mundo humano, com um ser humano compreensivo?

Ofereço-me a essa tarefa, de ajudá-la a realizar essa difícil travessia, diante de um começo tão conturbado e caótico e de um seio que, em vez de nutrir, arrasta para a depressão dos demônios. Faço-me por vezes de espelho. Sento-me nas pedras e, assim, convido-a também a se sentar. Para construir o possível, com as pedras e para além delas.

Referências

- Andrade, C. D. de. (1930). *No meio do caminho*. http://culturagenial.com/poema-no-meio-do-caminho-de-carlos-drummond-de-andrade/
- Celeri, E. H. R. V. (2009). A mãe devotada e seu bebê. *Viver Mente e Cérebro: Memória da Psicanálise*, 5, 28-39.
- Dias, E. O. (2005). A ilusão originária. *Viver Mente e Cérebro: Winnicott, os sentidos da realidade, Coleção Memória da Psicanálise, 5*, 20-51.
- Fairbairn, R. (1980). Uma revisão da psicopatologia das psicoses e psiconeuroses. In R. Fairbairn, *Estudos psicanalíticos da personalidade*. Interamericana. (Trabalho original publicado em 1941)
- Haudenschild, T. R. L. (2015). O primeiro olhar: desenvolvimento psíquico inicial, déficit e autismo. Escuta.
- Nasio, J. D. (Dir.). (1995). *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan* (A.-M. Arcangioli et al., Contribuições). Zahar.
- Nunes, G. C., & Peixoto Junior, C. A. (2019). A experiência esquizoide segundo Fairbairn e Guntrip. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 22(1), 75-86. https://doi.org/10.1590/1809-44142019001005
- Winnicott, D. W. (1983). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 55-61). Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Winnicott, D. W. (2000). O desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (pp. 269-285). Imago. (Trabalho original publicado em 1945)

O desejo não envelhece (mas nós sim!)

Larissa Biessek Sberse,¹ Porto Alegre larissa.biessek1@gmail.com

Resumo: O tempo nos atravessa deixando marcas, retirando presenças, desfazendo contornos que pareciam fixos. Envelhecer, nesse percurso, é lidar com a perda do que um dia foi familiar, o corpo, os rostos, os lugares, as palavras. Mas há algo que resiste: o desejo. Ele não se curva ao calendário, não se aposenta nem se cala. Permanece, ainda que transformado, sustentado pela falta que nos constitui desde sempre. Neste texto, acompanhamos a trajetória de uma mulher de 81 anos que, durante seu processo de análise, começa a se ver com outros olhos, menos dependentes da visão e mais atentos à escuta de si. É nesse encontro tardio com a própria história que ela reencontra o desejo, agora livre de muitas amarras, e pode enfim dizer de si com mais inteireza. A psicanálise aparece como lugar em que a velhice não é fim, mas possibilidade. Um espaço onde Eros e Tânatos se entrelaçam, e onde, mesmo na proximidade da morte, ainda pulsa a vida.

Palavras-chave: desejo, falta, envelhecimento, psicanálise, tempo

1 Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPPdePA).

Desire doesn't age (but we do!)

Abstract: Time passes through us, leaving marks, removing presences, undoing contours that seemed fixed. Growing old, in this journey, is dealing with the loss of what was once familiar, the body, the faces, the places, the words. But there is something that resists: desire. It does not bow to the calendar, does not retire or become silent. It remains, even though transformed, sustained by the lack that has always constituted us. In this text, we follow the journey of an 81-year-old woman who, during her analysis process, begins to see herself with different eyes, less dependent on vision and more attentive to listening to herself. It is in this late encounter with her own history that she rediscovers desire, now free of many constraints, and can finally speak of herself with more completeness. Psychoanalysis appears as a place where old age is not an end, but a possibility. A space where Eros and Thanatos intertwine, and where, even in the proximity of death, life still pulses.

Keywords: desire, lack, aging, psychoanalysis time

O tempo é um senhor pontual, mas nem sempre gentil. Ele nos visita diariamente, mesmo sem ser chamado, e não deixa bilhete: apenas vai bordando no corpo sua caligrafia silenciosa, tal qual uma aranha paciente, que tece sua teia nas dobras da pele e nos contornos já desbotados da memória. Esse lugar de trama, de teia, de enrosco e enigma como no velho trava-línguas que agora ganha novos sentidos: "A aranha arranha a rã? A rã arranha a aranha? Nem a aranha arranha a rã, nem a rã arranha a aranha" (autor desconhecido). Línguas que se enrolam, corpos que se encostam, vozes que tropeçam no desejo. Porque há algo do gozo também naquilo que nos arranha, o tempo, o desejo, o corpo, o Outro. E talvez seja por isso que ele não nos avisa quando chega: ele prefere insinuar-se devagar. Não se

apressa, mas também não falha! Vai nos transformando, como quem nos penetra lentamente, e quando nos entregamos, já somos sujeitos. É da falta que o desejo nasce, e ele escapa à tirania dos calendários, como ensina Lacan, ecoando Freud.

A vida pulsa entre dois ritmos, Eros e Tânatos, como nos ensinou Freud em "Além do princípio do prazer" (Freud, 1920/2010a). O desejo não é o que falta, mas o que nasce da falta, daquela primeira perda irremediável: o seio que se ausenta, o olhar da mãe que se desvia, o cuidado que nunca é garantido. Inspirando-se em Freud, Lacan elabora a noção de que é o desejo do Outro que funda o sujeito. Parafraseando essa formulação, compreendo que: é o desejo da mãe que inaugura o inconsciente, somos aquilo que lhe falta, e é justamente por essa falta que no melhor dos cenários, somos lançados ao mundo do desejo (Lacan, 1958/1998).

E, se é o desejo da mãe que nos origina, talvez seja também o desejo de "mamma", como dizemos em nosso dialeto italiano, uma evocação ambígua: fonte de vida, sim, como o leite quente que escorre e nutre, mas também força possessiva, que pode engolir, sufocar, entornar no excesso. Como uma centelha precoce, faísca de gozo que pulsa no corpo antes mesmo de saber, acendendo o fogo da vida, chama que é desejo, impulso, sexualidade. Mas, sem direção, essa faísca se perde no escuro, se apaga no vazio, sem jamais incendiar. Há que se perder o seio, romper o cordão, para que o fogo encontre seu próprio oxigênio. Sem essa travessia, o amor que deveria aquecer se torna abafador, abafando o prazer e a existência.

Esse desejo, que remonta a uma infância protegida, nos impele a abandonar o "pequeno paraíso" da nossa origem. Pensando no nome da minha terra natal, Dois Lajeados, cujo lema é justamente esse, "Um pequeno paraíso", aprendi que desejar exige, como no épico de John Milton, uma queda. No poema *Paraíso perdido*

(Milton, 2016/1667), o gesto de Adão e Eva ao comerem o fruto proibido inaugura a consciência, o exílio, e com ele, paradoxalmente, o próprio incêndio. Expulsos do Éden, cena inaugural da perda e do saber, os pais da humanidade experimentam o corte que funda o humano: conhecem a falta, o desejo e o fogo. A queda não apenas os exila do paraíso, mas inaugura a história, a linguagem, a transmissão. E é nesse mesmo gesto de destituição que uma promessa se inscreve: Adão e Eva, vislumbram no futuro o advento de muitos outros, cuja vinda e sacrifício anunciam a possibilidade de ressignificação da perda, uma redenção que não anula a falta, mas a atravessa. É preciso sair do "paraíso", para que o desejo, tecido na falta e sustentado pela castração, finalmente se anuncie.

Segundo André Green (2000), o conceito de objeto em Freud é essencialmente polissêmico: "Existe sempre mais que um objeto e, como um todo, eles cobrem vários campos e realizam funções que não podem ser abarcadas por um só conceito." A concepção de objeto na teoria freudiana é elemento estruturante na própria constituição do sujeito. Falar de objeto, na Psicanálise, é inevitavelmente falar da relação do sujeito com o mundo, com o outro e com a alteridade, isto é, com a forma como o sujeito se constitui a partir do laço com aquilo que o afeta e o transforma. A perda do objeto, nesse contexto, diz respeito aos destinos e efeitos inevitáveis dessas relações fundantes.

Desde o nascimento, somos atravessados por perdas estruturantes: o seio que se ausenta, o olhar que se desvia, a presença que nunca é garantida, são marcas que inauguram o sujeito na linguagem e no desejo. A travessia da infância para a adolescência pode ser ilustrada pela bicicleta: no início, sustentada pelas rodinhas, ela representa o amparo, o equilíbrio garantido pelo outro; mas um dia, as rodinhas são retiradas, e com elas, a ilusão de segurança. Cair faz parte... seguir adiante também! A retirada das rodinhas da

bicicleta e seu posterior esquecimento, enferrujando com o tempo, simboliza não apenas a passagem do tempo, mas a renúncia necessária a um objeto que já não responde ao desejo. Pensar a perda do objeto, portanto, é refletir sobre como cada sujeito elabora o desamparo, lida com a ausência e reinveste sua libido. A falta, longe de ser uma falha, é motor: aquilo que impulsiona, sustenta e estrutura o existir desejante.

Se o objeto, para Freud, é múltiplo e carregado de funções, e se sua perda inaugura o próprio campo da subjetividade, é em Lacan no texto "Subversão do sujeito e dialética do desejo" (1960/1998b), que essa ausência ganha seu estatuto definitivo: o "objeto a" não como aquilo que se possui, mas como aquilo que impulsiona o desejo, justamente por nunca se deixar alcançar. Diferente do objeto que responde à necessidade, esse objeto causa do desejo não é saciável, ele marca a fenda, a falta fundadora, e ainda que os primeiros objetos de amor, como o peito materno ou uma etapa da vida, se percam, o sujeito encontra formas de reinscrever seu desejo: numa nova etapa ou mesmo no corpo envelhecido. O corpo pode se tornar, como nos residenciais geriátricos, palco do adoecimento, mas talvez a palavra mais justa seja cenário. Sim, o corpo velho é um cenário: ali onde a vida encenou seus atos e onde o desejo pode finalmente ser escutado.

É nesse cenário que encontro minha analisanda de 81 anos. Nunca foi mãe nem constituiu família, teve apenas um relacionamento amoroso, mas que não vingou. Viajou o mundo inteiro tendo apenas a visão de um olho, e mesmo esse, agora, vê 20%. As fotos que acumulou ao longo de uma vida cosmopolita, hoje estão sendo rasgadas, como se rasgasse os próprios anos. Ela diz que tem raiva do tempo que perdeu, como se só agora pudesse nomear o vazio que ficou. Mas veja bem: "Em terra de cego, quem tem um olho é rei" (autor desconhecido), e essa mulher, que enxerga tão pouco do

mundo, está vendo a si pela primeira vez. A coragem não vem da juventude ou da ausência de cicatrizes, mas dá vontade de encarar a passagem do tempo e as próprias limitações que ele impõe. Ela decide, finalmente, olhar para si mesma a partir de outra perspectiva, desafiando as lentes com as quais a vida lhe ensinou a ver. Agora, com esse olho quase cego, talvez, seja a primeira vez, que ela começa a enxergar mais do que nunca. Desafiando o tempo que lhe resta, a mulher que um dia só viu com uma lente agora se permite a incerteza da multiplicidade de olhares, questionando o que é possível ver quando as barreiras da visão começam a se desfazer.

Tirésias, o profeta cego da mitologia, podia ver o futuro, Narciso, ao contrário, tinha olhos perfeitos, mas morreu afogado por não reconhecer o outro e se "apaixonar" apenas pelo seu próprio reflexo (Brandão, 1987). Essa analisanda sempre teve um olho para o mundo, mas nunca para si. Cegueira simbólica: aquela que não percebe a falta, que escapa de si mesma em aeroportos, fotografias e paisagens. Agora, quase cega, ela começa a enxergar: para dentro! Graças ao simbólico, ela encontra palavras para seus afetos, seus lutos, suas escolhas. Está se tornando rainha do próprio tempo, mesmo que reste pouco.

Assim como essa jovem senhora de 81 anos, que hoje é senhora de si, a mitologia grega nos oferece três nomes para os modos de existir no tempo: Cronos é o tempo dos relógios, da contagem inexorável; Kairós é o tempo da oportunidade, aquele instante raro em que algo se transforma; e Aion é o tempo eterno, onde passado e futuro se embaralham na experiência, associado à ideia de uma existência que transcende o tempo linear. Essa analisanda atravessa os três: no Cronos, carrega as rugas e o corpo envelhecido; no Kairós, ousa, enfim, se ver com outros olhos; e no Aion, talvez nunca tenha

deixado de ser a menina que esperava ser vista pela mãe que ela perdeu aos 13 anos, mas que hoje quer viver outros amores.

É impossível não lembrar aqui dos "olhos de ressaca" de Capitu, denunciados por Bentinho, em *Dom Casmurro* (Machado de Assis, 1899), olhos que puxavam como o mar, cheios de força, capazes de arrastar para dentro quem ousasse encará-los por tempo demais. Os olhos dela também puxam, mas agora puxam para um mergulho interno e, nesse movimento, fui levada junto, porque só pude sustentar esse mergulho quando também fui puxada para dentro de mim, conduzida pelo meu processo analítico e pelas supervisões, onde precisei me deparar com a minha cegueira e a minha surdez, aquelas que silenciosamente resistem a ver e a escutar o que mais importa.

Lacan nos alerta que *a resistência* "ao ser puxada" *é sempre do analista* (Lacan, 1958/1998a). O que nela me afetava, no início, era o que em mim ainda não havia sido atravessado. Sua cegueira não é só orgânica, é também a do olhar resistente e da repetição mortífera, para não ver o que dói. Por muito tempo, foi refém dos "olhos de cigana oblíqua e dissimulada", não os de Capitu, mas os seus próprios olhos que aprenderam a disfarçar intenções, a evitar verdades, a sobreviver em vez de viver. Agora, quase sem visão, talvez esteja enfim enxergando. E eu, ao lado dela, aprendo que a análise só começa de fato quando o analista também se deixa tocar, quando, ao invés de resistir à convocação do inconsciente, permite-se cair no movimento: o desejo não se interpreta de fora, é no entre que algo se revela, ali onde o olhar vacila, mas sustenta.

Hoje ela segue enxergando uma história que precisa ser ressignificada, não apagada... e ela está tentando! Ela briga com o tempo, ela xinga o passado, mas ela aceita: ainda pode viver outras coisas com o tempo que resta. Que bonito isso! Ela não quer morrer em

cena sem antes dar uma última fala que seja dela. Sem roteiro... sem infinitas viagens... mas com desejo!

Porque o desejo não envelhece... o que envelhece é o corpo. A libido, como força vital, ainda se move, como queria Freud: podendo abandonar objetos antigos e se lançar ao mundo, ao amor, à redescoberta do próprio corpo e da própria sexualidade. O desejo é como uma criança que resiste ao sono, mesmo quando todas as luzes já se apagaram. Mas eis que, ao crescer, essa criança descobre que há outras coisas a se fazer no escuro. Como Freud nos ensinou em o Narcisismo: "É preciso amar para não adoecer" (Freud, 1914/2010b). E talvez seja justamente o amor pela vida, mesmo na velhice, que nos mantenha vivos, que nos permita dar à luz uma jovem senhora de 81 anos. Porque sim, adultos também podem ser paridos, pela escuta, pelo desejo, pela palavra, por si mesmos.

Ainda assim, o tempo passa... e, como já dizia a lebre apressada de *Alice no país das maravilhas* (Carroll, 1865/2019), sempre correndo e repetindo "estou atrasada, estou atrasada!" ele é implacável. Corremos também, muitas vezes sem saber de quê ou para onde, sempre em dívida com o tempo e com o desejo. Porque o desejo, embora eterno em sua estrutura, também é submetido ao tempo. Desejamos com o corpo que temos, e o corpo tem prazo. Estamos todos sujeitos à morte, independente da juventude ou da velhice. Mas morrer desejando talvez seja uma das formas mais bonitas, e mais humanas, de viver!

Referências

- Assis, M. de. (2019). *Dom Casmurro*. Principis. (Trabalho original publicado em 1899)
- Brandão, J. de S. (1987). Mitologia grega (Vol. 2). Vozes.
- Carroll, L. (2019). *Alice no País das Maravilhas* (M. Heloisa, Trad.). Dark Side. (Trabalho original publicado em 1865)
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, Obras completas (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado 1914)
- Green, A. (2000). The intrapsychic and intersubjective in psychoanalysis. *The Psychoanalytic Quarterly*, 69(1), 1-39.
- Lacan, J. (1998a). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998b). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan (1960) no texto "Subversão do sujeito e dialética do desejo",
- Milton, J. (2016). *Paraíso perdido* (D. Jonas, Trad.). Editora 34. (Trabalho original publicado em 1667)

Quem escuta?

O encontro de inconscientes e a sobrevivência de uma mente analítica em (trans)formação

Valéria Rodrigues Silveira,¹ Pelotas valrsilveira@yahoo.com.br

Resumo: Por meio de relatos clínicos, a autora se propõe a discutir sobre o que compreendeu como comunicação inconsciente. Nesses encontros ela compreende que o acionamento contratransferencial provocado pelos casos relatados tiveram dupla função: (trans)formar sua mente que elaborava lutos em uma mente com capacidade analítica, integrada e, com isso, catalisar o processo de desenvolvimento psíquico das pacientes apresentadas nesta escrita.

Palavras-chave: comunicação inconsciente, contratransferência, mente analítica

Who listens? The encounter of unconsciouses and the survival of an analytic mind in (trans)formation

Abstract: Through clinical case reports, the author seeks to explore her understanding of unconscious communication. During these encounters, she recognizes that the countertransference responses elicited by the cases served a dual purpose: to (trans)form her own mind – originally engaged in processing grief – into a more integrated and analytic apparatus, thereby facilitating and catalyzing the psychic development of the patients discussed in this work.

Keywords: unconscious communication, countertransference, analytic mind

1 Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel).

verba(na)lizar
se parar e pensar são
verbos continentes
falar é
conteúdo
ele traz outro junto:
libertar
e transforma
liberta(a)dor
e o escrever...
ah! esse é
verbo de ligação.
(Poema da autora, 2024)

"Hoje eu quero sentar ali e brincar com massinha", disse-me Amanda, de 5 anos. "Então vamos lá!", respondi. Entreguei a ela as massinhas. "Eu vou escolher duas cores". Enquanto eu a observava, ela disse: "Vai! Escolhe suas duas cores também". "Claro!", respondi, sem saber qual seria a brincadeira. Amanda logo pegou a tesoura, dizendo que estava na hora de cortar as bolas grandes de massinha em pedacinhos. Faríamos bolinhas das duas cores escolhidas por cada uma. Cortamos. Enrolamos as bolas pequeninhas. Naquele momento, ela começou a grudar as bolinhas umas nas outras, me orientando: "Faz você também!". Com essa oportunidade, perguntei: "E o que nós estamos fazendo?". Rapidamente, olhando nos meus olhos, ela disse: "Estamos formando uma pessoa, ué!". Sua fala veio sem titubear, com a segurança de quem sabe o que está dizendo e fazendo. Impactada, afirmei: "Tens razão! É assim mesmo que se forma uma pessoa, e acho que tu já sabes disso faz tempo, né?". Amanda: "Sim! Eu sempre soube!".

Amanda veio para a análise por meio de seus pais, com a queixa de encoprese. Nas entrevistas, eles contaram que a gestação foi muito difícil, pois Camila, mãe de Amanda, precisou fazer repouso absoluto desde o quinto mês da gestação. Os pais tinham dúvida se contavam ou não para a filha que eles haviam feito fertilização in vitro.

Essa cena do brincar de Amanda foi na sessão posterior a um encontro que tive com seus pais. Entendi que a brincadeira comigo era o próprio processo de elaboração que ela precisava naquele momento. Brincamos. Formamos nossas pessoas, que depois voltaram a ser bolinhas de massinha para se transformarem em outras formas nas sessões seguintes. Sem interpretações. Vivenciamos a brincadeira. Houve "apenas" o reconhecimento de sua construção.

Naquele dia, eu pensei na cena da sessão com base na história de Amanda. Ela me contou sobre os gametas que se uniram para formá-la. Na "tradução" seria: "Foi assim que me formaram, eu sei". No entanto, a paciente me ajudou a pensar em algo mais amplo. Sem saber, ela também falava do processo de integração das partes soltas da mente, do desenvolvimento psíquico de uma pessoa, do trabalho de uma análise. Hoje, muitos autores apontam para o processo do brincar como elaborativo no trabalho com crianças, sem necessidade da interpretação clássica, como propunha Melanie Klein. No entanto, trago D. W. Winnicott (1971) para costurar a vivência com Amanda, quando ele diz que "apenas no brincar é possível a comunicação e ser criativo com o uso integral da personalidade, seja na criança ou no adulto; somente assim o sujeito descobre o eu (self)" (p. 80). Ao juntar as pequenas bolinhas e formar uma pessoa, brincando, Amanda vivia o processo de integração e descoberta do eu (self) na experiência viva da sessão.

Vamos formar uma analista, ué!

A fala só é bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina. Não aprendi isso nos livros. Aprendi prestando atenção.

(Alves, 1999, p. 65)

Transformei a frase dessa menina no subtítulo desta sessão pela força da verdade e espontaneidade de sua fala. Amanda soube dizer, com propriedade, como se forma alguém: juntando os pedacinhos. Do meu ponto de vista, não há maneira mais inteira para a formação de uma mente analítica senão integrando as partes. Sobre quais partes me refiro? As vivências internas e externas de quem se propõe a trabalhar em análise com o outro. Escrevo o óbvio para quem está inserido "no mundo psicanalítico". Sabemos do tripé necessário: estudo teórico, análise pessoal e supervisão clínica. Esse tripé busca justo a integração. No entanto, quero ampliar, assim como os intersubjetivistas assinalam. Proponho um olhar para as vivências e circunstâncias de vida do analista como parte integrante e integradora do processo de subjetivação. Para isso, apresento minha proposta a seguir.

Histórias contadas, escutadas, recriadas, transformadas...

Eu não sei dizer nada por dizer, então eu escuto. Se você disser tudo o que quiser, então eu escuto. Fala. (Secos e molhados, 1973)

Agora eu quero contar uma história. A história que eu quero contar envolve outras histórias também. Eu acho que, na vida, as histórias são assim: uma vai puxando outras. Na psicanálise a gente

vai "escutando flutuantemente" enquanto alguém vai falando o mais livremente que puder. Nisso, se tudo se encaminha bem, as crianças, pelo brincar, são experts, como Amanda mostrou. Com base nesse par entre fala e escuta como regras fundamentais (Freud, 1912/1977), puxamos outras histórias e temos a possibilidade de acessar uma infinidade de camadas das histórias contadas. Descobrimos novas versões das histórias. O que mais me impressiona em um processo psicanalítico é que nele, com base no encontro de histórias, surge um espaço potencial para transformar o rumo de cada "personagem" envolvido. Aqui penso nos personagens do analista e do analisando.

Demorei a começar a escrever esta história que há muito gostaria de contar. Minha demora tem algumas razões e muitos sentimentos envolvidos. Ao escrever isto, penso que não demorei tanto assim. Primeiro, eu precisei de um tempo para elaborar o término dos seminários e supervisões oficiais da formação psicanalítica. Quando ingressei na formação, fantasiava que ia levar muito mais tempo - cronológico - para chegar ao fim dessas primeiras etapas. Refiro-me, no entanto, ao tempo interno necessário para me apropriar das construções que fiz até o presente momento. Também vivi experiências, ao longo da minha trajetória, que me fizeram paralisar nesta etapa. Precisei parar para escutar, sentir e viver o que estava se passando dentro de mim. Vivi perdas muito difíceis de elaborar. Por um tempo, me faltaram as palavras. A última coisa com a qual eu queria me ocupar era a página em branco na tela do computador. Tomei meu tempo e decidi não me atropelar. Assim, levei o tempo interno necessário para começar a escrita.

No entanto, a vida não dá pausas. Levei minha dor comigo por esse tempo. Ela ia comigo a todos os lugares, até mesmo para o consultório. No consultório, porém, era diferente dos outros lugares. Lá eu encontrava pessoas que me procuravam para que eu escutasse suas vidas. Suas dores também iam com elas a todos os lugares, mas principalmente para o encontro comigo, no qual buscavam palavras. Ali era o lugar de cuidar delas. Essas pessoas, conscientemente, não sabiam que minha dor estava ali. Temos nossa técnica a nosso favor, e a favor dos pacientes. Neutralidade e abstinência nos contêm, sustentando a manutenção do trabalho (Freud, 1915/1976). Na verdade, no consultório eu notei que acontecia algo diferente dos outros lugares. Lá minha dor não diminuía de tamanho, mas ficava de outro jeito. Era como se ela se acomodasse, dando espaço certinho para a dor daquele que estava ali comigo se acomodar junto dela. Minha impressão, em algumas situações, era de que nossas dores se encontravam e se acolhiam naquele espaço entre nós. Era como se saíssem de nossos corpos e se acomodassem entre as poltronas, entre a minha poltrona e o divã do paciente, ou no espaço do tatame quando eu estava sentada no chão com alguma criança, quando algo se passava ali, entre... nós.

É essa parte da história que eu quero contar. Quero registrar o que fui percebendo para além do verbal das sessões. Comunicações inconscientes que se acionavam no par transferência-contratransferência e, do meu ponto de vista, funcionaram como catalizadores do processo de desenvolvimento psíquico dessas pacientes.

Neste trabalho, decidi trazer vinhetas curtas, mas que ilustram momentos dos tratamentos que me arrancaram visceralmente de uma suposta zona de conforto. Não detalharei nenhum dos casos por questões de sigilo.

Durante algum tempo, confesso que tentei pensar em outro tema para esta escrita, mas não tive sucesso. Até aqui, inspirada no título do livro *Mais relato*, *menos metapsicologia*, de Gutfriend (2020), relato, sem citações explícitas sobre os processos e conceitos

aos quais estou me referindo. Dada esta introdução, trago um recorte de Meira sobre a escrita:

para escrever bem, haveremos de aceitar uma lista de renúncias. Devemos aceitar a decepção narcísica de um texto mais simples do que pretendíamos; aceitar não redescobrir a roda, sequer reinventar a psicanálise; aceitar não sermos capazes de rastrear toda literatura existente sobre o tema estudado ... enfim, toda produção científica deixa para trás um rol de perdas, da ordem do narcisismo de quem escreve. Ainda que completemos o texto, sempre faltará algo. (2023, p. 62)

Exposta minha briga superegoica com esta escrita, seguirei com o que tenho a contar, ao meu modo. Não sei fazer clínica ou escrever de outro jeito.

A bússola da não zona de conforto e a manutenção da escuta da analista

Esteja preparado: você pessoalmente, assim como seus pacientes, a sua instituição e também a própria IPA passarão por sérias fases de crises. No entanto, não se preocupe em demasia, pois é sabido que as grandes transformações se formam em situações de crises em seu apogeu. Para tanto é necessário que haja uma escuta adequada, que permita refletir depressivamente sobre os problemas, além de uma capacidade para sentir e conter sentimentos e fatos dolorosos, de modo a poder crescer com as experiências. (Zimerman, 2004)

Emy é minha paciente há mais de dez anos, tempo que coincide com meu percurso profissional. Emy já fazia uso do divã há alguns anos quando, por mudança geográfica, passou a realizar as sessões

por telefone. Em 2021, eu tive uma gestação interrompida espontaneamente após oito semanas. Emy, na sua primeira sessão após eu saber de minha gravidez, trouxe o seguinte conteúdo: "Tenho uma coisa pra te contar. Não era para agora, mas algo aconteceu que eu nem sei direito o que foi, mas neste final de semana decidimos começar a tentar engravidar". Impactada com a sincronicidade, investiguei junto a ela sua decisão. Compreendi que ela havia percebido um espaço fértil em nossa relação para sua maternagem. Emy engravidou no mês seguinte à sua decisão. Minha perda gestacional ocorreu algumas semanas depois. O conteúdo das sessões passou a ser, naturalmente, sobre seu gestar. Alguns meses após minha perda, Emy me fez a seguinte pergunta: "A, tu já engravidou?". Tomada pelo susto diante da sua escolha de palavras, disse: "Faz tanto tempo que não nos vemos que daqui a pouco eu já engravidei e desengravidei e tu nem viste". Ela continua: "É que falas com tanta propriedade sobre essas questões que eu fiquei com a impressão de que já viveste isso.". Eu não podia confirmar sua clara percepção, pois a invadiria com meus conteúdos. Assim, optei por responder com parte da verdade: "É um tema ao qual me dedico há muitos anos, pois sempre me interessou muito o início da vida e os cuidados com a relação materna e os bebês". Emy: "Entendi. Dá pra ver, pois trazes com propriedade essas questões e isso é bom. De algum modo me tranquiliza, sinto que posso falar, e que vais me entender".

Zona de conforto definitivamente não é o lugar do analista, da escuta do analista. Por óbvio, nem do paciente. O trabalho analítico se propõe a nos tirar de uma zona não confortável, já que nela estão os sintomas, dores, travamentos neuróticos, e sim conhecida. No entanto, proponho-me a pensar sobre momentos em que fui tomada por golpes de susto pelo que entendi como comunicações de inconsciente para inconsciente. A vinheta relatada acima demonstra isto:

um acionamento da bússola do trabalho analítico, a contratransferência (Minerbo, 2020).

Nessa situação, a paciente evocou na cena analítica - com sua pergunta - uma vivência intensa da minha vida: "A, tu já engravidou?". Seu questionamento direto me pareceu não deixar espaço para dúvidas de sua percepção em algum nível. Minha surpresa se deu ao notar meu natural estado de contenção de meus sentimentos, preservando a escuta e o espaço de mente às questões de Emy. De alguma forma, precisei confirmar sua percepção, sem trazer qualquer dado de realidade sobre minha vivência particular, pois isso seria sair do lugar analítico. Saída essa que muitas vezes o paciente propõe ao longo do trabalho, quando aparecem as resistências. O risco nessas situações é de que o foco da sessão se direcione para o analista e seu desconforto, podendo levar a erros técnicos. Tal situação teria o objetivo de aliviar a necessária manutenção de alguma medida de desconforto do paciente para que o trabalho aconteça. Emy não havia experimentado, na relação com sua mãe, uma satisfatória vivência de cuidados com suas necessidades emocionais. Sua pergunta me pareceu questionar se eu poderia estar ali viva (psiquicamente) e atenta às suas necessidades de mulher que está gestando seu primeiro filho - sua passagem de filha para mãe. Diante da minha vivência pessoal, por alguns momentos questionei se eu teria condições de me manter naquele lugar. No entanto, percebo que, pelo vínculo construído ao longo dos anos com Emy e todo o trabalho de transformações que já havia acontecido em sua vida desde a análise, eu desejava seguir o trabalho com ela. "Maternar" Emy, enquanto ela gestava e eu elaborava meu luto, foi um trabalho vivamente significativo para nós duas.

A nível de transferência, Emy pôde experimentar comigo algo diferente do que teve com sua mãe. Em meio a frustrações de vida

e lutos não elaborados, Lucia propunha uma relação fusional com a filha, o que desencadeou em Emy intensas crises de pânico até o início da idade adulta. Aos poucos, por meio do processo analítico, ela pôde se separar da mãe, caminhando em direção à sua autonomia, podendo se apropriar de seus desejos de vida. Diferente da dinâmica mãe/filha, experenciada por Emy e Lucia, penso que pude perceber e conter os sentimentos que contratransferencialmente me foram acionados. Foi possível abrir espaço para que a paciente pudesse seguir trazendo suas questões para pensarmos juntas, ali no tempo das sessões. Isso vai ao encontro de Minerbo (2020), quando afirma que elaborar a contratransferência é o meio para se separar do paciente naquele setor em que se misturavam por possível efeito de repetição do núcleo neurótico.

Trago outra situação clínica. Laura é uma mulher de 30 e poucos anos e está em análise há nove. Sua demanda inicial era referente a questões de sono e a "necessidade de rever a relação com sua figura materna para poder viver a experiência da sua maternidade" (sic). Laura sofreu a perda desta figura no início da adolescência. Dela relato um trecho de sessão e me limito a trazer apenas essas informações, mantendo meu compromisso com a preservação da intimidade da paciente.

Vinheta clínica: trecho de sessão, 6º ano de análise

Laura chega minutos atrasada. Parece estar num ritmo mais desacelerado que o seu habitual. Isto aparece nos movimentos corporais e na fala mais pausada. A paciente iniciou a sessão contando sobre a viagem que fizera para visitar familiares, dizendo que os atrasos dos voos a deixaram angustiada, mas que tudo deu certo.

Disse que aproveitou o tempo por lá. Relatou mais alguns fatos da viagem e, em seguida, disse:

L – Mas eu sinto que ir lá mexe muito comigo por várias razões. Me angustia ver que ela (sua familiar) está numa realidade que é difícil para ela se sentir bem, mas eu também fico pensando muitas coisas sobre a minha vida. Por um lado, não gostaria de viver o que ela está vivendo. Ela "abriu mão" da vida dela para viver a dele (marido). Por outro, eu tenho clareza de que eu queria ter filhos e ainda não tenho. O tempo está passando e eu não sei se vou conseguir ter.

- A "Ainda". Parece que há possibilidade, desejo, tempo...
- L Minha sensação é de que o tempo está acabando. Tenho medo de não ter tempo de uma gestação minimamente saudável. (neste momento ela já estava chorando)

Pensamento da analista: fico impactada com o conteúdo que surge. Entendo que questões da vida emocional da paciente, somadas às suas vivências daqueles dias, a fizeram entrar em contato com tais questões mais diretamente. No entanto, meu impacto foi por ela ter verbalizado questões de maneira semelhante às que estavam em minha mente. Enquanto ela falava, lembrei da semana na qual sofri a primeira perda gestacional e não trabalhei. Laura ficou de cama, também sem trabalhar, devido a uma forte dor de garganta que lhe tirou a voz/fala. Minha sensação naquele momento da sessão foi como se, de alguma forma, ela tivesse acesso ao que se passava em minha mente. Compreendi que Laura sentiu que havia um espaço para trazer suas questões ligadas a este tema, num momento em que eu iria compreender mais profundamente sua angústia. De repente entendi que o conteúdo de sua fala, ainda que possa ser real, talvez não seja a comunicação principal ou necessária daquele momento. Penso que talvez ela

estivesse falando do nosso tempo ali também, considerando que nas últimas semanas houve muitas falhas na regularidade das sessões.

Com tudo isso em mente, eu disse:

A – Fiquei pensando que também estás falando de nós duas aqui, de um tempo que está faltando.

L – Pode ser. Tem muitas coisas que precisamos ver, eu acho que tu vais precisar me ajudar a construir. Coisas que eu quero, mas que não sei como encaminhar. Comprar minha casa e o que fazer com meu pai, por exemplo. Eu sei que eu vou comprar com o dinheiro do processo, mas não é só isso. Tem todo um movimento para acontecer e que eu preciso de ajuda porque senão fica tudo só dentro da minha cabeça.

Penso que, assim como no caso de Emy, na sessão de Laura surge o aspecto da sincronicidade temporal dos inconscientes, entre analista e paciente. Em ambos os casos os conteúdos trazidos pelas pacientes me evocaram pensamentos e sentimentos íntimos através da comunicação contratransferencial. Nesse trecho, descrevi o que se passou em minha mente para evidenciar o meu trabalho interno necessário durante o encontro analítico para poder fazer a diferenciação/separação entre os meus conteúdos e o conteúdo que necessitava ser trabalhado com a paciente. Figueiredo (2021) traz um termo de Fliess que me parece nominar isso, trial identifications. Com essas palavras ele diz que o analista se identifica como objeto da transferência e, na sequência, com e como o sujeito da transferência, para, só então, se distanciar destas identificações e obter uma apreensão empático-intuitiva do inconsciente do analisando. Desse modo, penso que foi possível - em ambas as situações - abrir espaço em minha mente para que as pacientes fossem acolhidas em suas necessidades e o trabalho analítico pudesse seguir. Esse movimento vai ao

encontro do abordado por Figueiredo, no mesmo texto, quando diz que o campo transferencial é uma criação compartilhada entre analista e analisando, sendo para ambos parte de seus mundos interno e externo.

Para grudar as bolinhas, formar uma mente analítica ou integrar os fragmentos destes encontros.

No centro de um planalto vazio. Como se fosse em qualquer lugar. Como se a vida fosse um perigo. Como se houvesse faca no ar. Como se fosse urgente e preciso. Como é preciso desabafar ...

Cuidar de amor exige mestria...

(Montenegro, 1983)

Assim como Amanda em sua brincadeira, apresentei as bolinhas soltas, não de massinha, mas de fragmentos das histórias dos encontros que tive com Emy e Laura. Agora buscarei integrar essas bolinhas (fragmentos). O trabalho analítico se dá no encontro entre as mentes do analisando e do analista. O analista precisa contar com sua capacidade negativa, no dizer de Bion, para transformar, por meio da reverie, os elementos beta que surgem fragmentados em elementos alfa. A questão que descobri com essas pacientes e que busquei registrar nesta escrita, no entanto, foi o trabalho visceral que pode acontecer em situações assim. Refiro-me a momentos nos quais o analista também se encontra em fragmentos soltos diante de acontecimentos na sua vida pessoal. Nessas experiências pude pensar em dois caminhos possíveis: o primeiro poderia desencadear um travamento no processo, caso fosse insustentável manter a capacidade de me conectar com os sentimentos despertados contratransferencialmente; já no segundo, o qual penso ter sido o encontrado, há espaço para que os sentimentos do analista coexistam em conjunto com o

material dos pacientes. Penso que apenas com esse reconhecimento foi possível dar para Emy, por meio do trabalho transferencial, o espaço que ficou falho na relação com sua mãe, ajudando-a no desenvolvimento de sua capacidade de maternar suficientemente bem (Winnicott, 1975). Com Laura, escutar suas palavras como se fosse a leitura de meus pensamentos e, depois de me misturar, ter podido me separar, e trazer algo que se passava ali na nossa relação, deu espaço para que ela pudesse se sentir escutada. Laura não havia tido a experiência de ser atendida nas suas necessidades emocionais de forma satisfatória na relação com seus pais.

Inspirada em Winnicott, agradeço a essas pacientes pelo que me ensinaram durante um processo de elaboração de difíceis situações de vida. Penso que, nesses momentos, nossa mente tem a chance de se abrir a uma permeabilidade e sensibilidade capaz de catalisar tanto os movimentos dos processos de desenvolvimento do paciente quanto da capacidade analítica de quem se propõe a trabalhar com a escuta e a mente. De onde escutei essas pacientes? De dentro dos meus temores. Penso que este é um lugar valioso de escuta, um lugar que pode abrir espaço para que surja a luz em meio às escuridões que encontraremos ao longo do viver.

Referências

Alves, R. (1999). O amor que acende a lua. Papirus.

Bion, W. (1991). Aprender com a experiência. Imago.

Figueiredo, L. C. (2021). A mente do analista: reflexões a partir da contratransferência e suas adjacências. In L. C. Figueiredo, *A mente do analista* (pp. 95-115). Escuta.

Freud, S. (1976). Observações sobre o amor na transferência. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12, pp. 165-179). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

- Freud, S. (1977). Recomendações aos jovens médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12, pp. 123-135). Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Gutfreind, C. (2020). Mais relato menos metapsicologia. Artes & Ecos.
- Meira, A. C. dos S. (2023). A escrita científica no divã: entre as possibilidades e as dificuldades para o escrever (3ª ed.). Blucher.
- Minerbo, M. (2007). *Transferência e contratransferência: o manejo da comunicação clínica*. Casa do Psicólogo.
- Montenegro, O. (1983). Léo e Bia. In O. Montenegro, *Poeta maldito... e outras histórias*. Som Livre.
- Secos & Molhados. (1973). Fala. In Secos & Molhados [Álbum]. Continental.
- Winnicott, D. W. (1971). O brincar e a realidade (Á. Cabral, Trad.). Imago.
- Winnicott, D. W. (1975). A mãe suficientemente boa. In D. W. Winnicott, O ambiente e os processos de maturação (pp. 43-50). Imago.
- Zimerman, D. E. (2004). Teoria e técnica psicanalítica: Uma re-visão. In D. E. Zimerman, *Cartas a um jovem psicanalista* (pp. 17-25). Artmed.

É difícil ser o que você não é Minha escuta para Sky, com carinho

Simone Hurtado Bianchi Sanches,¹ Ribeirão Preto shbianchi@uol.com.br

Resumo: Este texto descreve uma experiência clínica, por meio do resgate das sessões com Sky, que chegou ainda criança e permaneceu em atendimento até início da adolescência. Foram selecionados quatro registros que servem de exemplos da minha escuta como analista, em momentos diferentes de nosso contato: um desenho do início, avatares durante a pandemia, um sonho recorrente e frases imprecisas no encerramento. O material é discutido com base em concepções teóricas contemporâneas, especialmente as proposições de Meltzer a respeito das experiências estéticas e a linguagem onírica. Por isso, a estrutura do texto mantém, deliberadamente, um estilo aberto, exploratório e investigativo. Da mesma forma, na escrita deste trabalho, escolhi me referir a Sky sem artigos definidos de gênero, buscando um relato mais original e fiel ao fato de que tive, diante de mim, uma mente em oscilação constante na construção de uma identidade subjetiva, inevitavelmente atrelada à relação com seu corpo. Assim, a ideia é de que a experiência de leitura provoque emoção, dúvida e liberdade de pensamento no leitor, de tal maneira que combine com as proposições recentes sobre a complexidade e multidimensionalidade do funcionamento mental.

Palavras-chave: complexidade, escuta, gênero, linguagem onírica

1 Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

It's hard to be what you are not: my listening to Sky, with care

Abstract: This text describes a clinical experience, by revisiting session notes taking during Sky's analysis. Sky arrived as a child and remained in analysis until the beginning of adolescence. Four records were selected as examples of my listening as an analyst, in different moments of our contact: a drawing at the beginning, avatars during the pandemic, a recurrent dream and imprecise phrases at our final meeting. The material is discussed based on contemporary theoretical concepts, especially Meltzer's propositions regarding aesthetic experiences and dream language. For this reason, the structure of the text deliberately maintains an open, exploratory and investigative style. I also chose to write referring to Sky without definite gender articles, seeking a more original description, considering that I had before me a mind in constant motion, seeking the construction of a subjective identity, inevitably linked to body perception. Thus, the idea is that the reading experience provokes emotion, doubt and freedom of thought in the reader, in such a way that follows recent propositions on the complexity and multidimensionality of mental functioning.

Keywords: complexity, psychoanalytic listening, gender, dream language

O resgate

Este texto é resultado de um movimento de resgate de anotações de um atendimento clínico. Voltei aos escombros de uma relação, para reencontrar o que permaneceu vivo, aguardando "vir à tona" após um necessário intervalo de tempo. Sky chegou para atendimento ainda criança e permaneceu por seis anos, até o início da adolescência. Essa relação foi, contudo, bruscamente interrompida. Para escrever este trabalho, revi diversos registros das sessões. Selecionei fragmentos desse material, cuja beleza e impacto se destacam em anotações vivas o suficiente para chamarem minha atenção ainda hoje.

A discussão se apoia em autores contemporâneos, com destaque para as proposições de Meltzer (1994) sobre experiências estéticas e linguagem onírica, capazes de "captar o sentido de pensamentos incipientes" (Meltzer, 1994, p. 140). Por isso, a estrutura do texto, mantém, deliberadamente, um estilo exploratório e investigativo, considerando que os mistérios do funcionamento psíquico perdem valor quando descritos de forma explicativa (Williams, 2010).

Da mesma forma, na escrita, escolhi me referir a Sky sem artigos definidos de gênero. Busquei, assim, um relato mais original e fiel ao fato de que tive, diante de mim, uma mente em oscilação constante na construção de uma identidade subjetiva, inevitavelmente atrelada à relação com seu corpo.

Os trechos apresentados buscam "reconstituir" flashes importantes de nosso contato. Foram selecionados quatro registros, exemplos da minha escuta como analista: um desenho no início do atendimento, avatares durante pandemia, sonho recorrente e frases soltas na sessão de encerramento.

Início: o desenho

Sky não usou materiais gráficos no início de nosso contato. Naquele momento, grande parte do tempo era preenchido por relatos ansiosos dos livros que lia. Achei bonito lembrar que atravessamos esta fase de reconhecimento mútuo. Foi preciso tolerarmos a

hesitação até ganharmos confiança para conhecermos uma história ainda não escrita.

Aos poucos, passamos a explorar os materiais gráficos. Desse período, destaco um desenho em que Sky ia descrevendo uma cena, à medida que desenhava. Era, portanto, uma "história desenhada":

Sky desenha uma menina defendendo a Terra da ameaça de uma chuva de meteoros. Em seguida, inclui, à distância, um menino defendendo a Lua. Alguns meteoros que atingiriam a menina são desviados para o menino. Em meio a essa ação, o menino envia um presente. Da Lua à Terra, ele envia um "rostinho" de menino com olhos brilhantes. A menina, então, coloca em si mesma o rostinho enviado por ele. O rosto do menino se sobrepõe ao da menina.

Considero que temos aí a representação gráfica de uma complexa imagem onírica. Nesse momento, nada ainda estava mencionado a respeito da investigação de Sky acerca de sua identidade de gênero. Não foi por essa razão que chegou ao atendimento. É apenas ao voltar aos escombros que vou encontrando pistas das maneiras com que Sky podia sonhar sua existência (Ogden, 2007), conversando comigo de forma imaginativa.

A importância de resgatar um exemplo como esse é poder observar que a investigação do mistério de seu mundo interno (Meltzer & Williams, 1994; Williams, 2010) já estava em curso, permitindo acesso a um espaço ainda não conhecido por nós.

Nesse jogo de construção de sua subjetividade, coexistiam muitos paradoxos, como a complexidade desse processo requer (Trachtenberg, 2013; 2024). Seu desenho apresenta, lado a lado, diversos "contrários complementares": estavam juntos um menino e uma menina, dia e noite, Terra e espaço, em uma batalha que incluía o intrigante jogo de, simultaneamente, "ser visto e esconder-se" (D'Angelo, 2022). Sem

saber, estávamos explorando uma dimensão tridimensional (Bion, 1965; Meltzer, 1978) que já estava diante de nós.

Os avatares durante a pandemia

No período da pandemia, Sky desenhava personagens que substituíam sua foto online. Figuras sobre-humanas, hologramas e avatares. Novamente, destaco a beleza de suas palavras:

- Criei como alguém que sabe escrever. Gosto dos personagens coadjuvantes: eles têm uma vida, estão ali... cheios de vida, com muitos pensamentos, talentos e coisas para mostrar, mas parecem personagens desinteressantes.

Havia algo sendo formado em sua mente; começava a reconhecer em si talentos e recursos que, ainda não eram claros, mas, em algum momento, urgiriam para ser expressos no mundo. Contudo, a novidade da percepção de si como alguém interessante era acompanhada de angústia e receio de como essas descobertas seriam recebidas. Sky desenhava muitos olhos. Em geral, grandes e atentos, descrevendo sensação de "controle sufocante".

Assim, dava sinais de um embate: vida e talento x controle e ameaça desvitalizante. Me apresentava esse movimento tão bem descrito por Meltzer (1992), de esforço para suportar a beleza de seu mundo interno e o risco de captura por vivências intrusivas.

Frente às vivências de tristeza, angústia e risco, considerei importante o encaminhamento para que estivesse também em seguimento medicamentoso com um psiquiatra. Tudo estava intensificado pelo lockdown, confinamento e afastamento dos amigos, ampliando a sensação de deslocamento, inadequação e aprisionamento.

Dos registros desse período, destaco uma marcante frase de Sky:

É difícil ser o que você não é.

Estávamos diante desta angústia intensa que acompanha a pressão por adaptação, a relação complexa entre o físico e o psíquico, masculinidade e feminilidade. Existia também uma pista sobre a amplitude de nosso trabalho, como um "complexo processo analítico que não se limitava à questão de gênero" (D'Angelo, 2022, p. 121), mas de uma busca por autenticidade psíquica. Sky queria saber quem era. E queria poder ser Sky.

Passou a desenhar incessantes figuras humanas com rostos sem feições. Corpos cada vez mais elaborados. Rostos cada vez mais vazios, cortados por riscos. Ao lado desses desenhos, escrevia "loading" e dizia estar "dando vida" a uma nova versão de si. Esses movimentos lembram a belíssima descrição feita por D'Angelo (2022), em um artigo comovente e corajoso, cujo título ("o homem que tenho que ser não sou eu") parece se aproximar muito do embate vivido por Sky nesse período.

Sonho recorrente, pesadelo e pesadelo-sonho

Sky não costumava descrever seus sonhos. Mas de volta aos atendimentos presenciais, me contou um pesadelo. Curiosamente, conta (pela primeira vez), um sonho recorrente:

- Eu via uma pessoa na sacada do meu apartamento. Isso era estranho, porque não era eu. Essa pessoa colocava a mão na rede da sacada e a rede desaparecia. Em seguida, pegava um livro, mas não tinha nada escrito, não dava para entender, tinha letras bagunçadas. Então, essa pessoa se jogava. Caía. Na queda, alguma coisa fazia desviar e, do nada, aparecia um lago lá embaixo. Então, caía no lago. A partir daí, já era eu. Eu tava lá, ia descendo até o fundo. Eu ficava lá. Como se eu tivesse morrido, mas eu vivia! Eu não me mexia, mas

era por causa da pressão da água. Eu conseguia ficar lá. O mais estranho era que eu já tava sonhando com essa parte do lago faz tempo. Várias vezes o mesmo sonho. Mas agora juntou com essa outra parte. Foi como se tivesse completado, sei lá...

Converso com Sky sobre como os sonhos podem parecer confusos e como sonhar com essa queda assustava. Poderia parecer que era alguém morrendo e isso talvez deixasse a gente com medo de conversar. Por isso, parecia mesmo um pesadelo. Era intrigante também saber da força desse sonho recorrente:

- Eu já tava sonhando com essa parte do lago faz tempo.

Contudo, o ponto mais interessante, talvez, era o fato de que esse sonho finalmente tinha se completado com uma parte nova. Então, o foco talvez não estivesse nem na repetição do lago já conhecido, nem na queda assustadora que parecia um pesadelo. A ênfase estaria na junção que o sonho trazia ("foi como se tivesse completado, sei lá…"). E o que era novo era a confiança de que, ao se lançar, iria encontrar um lugar para mergulhar, aguentar a pressão e sobreviver.

Sky me escuta, me acompanha com o olhar e sorri, dizendo:

- Pensando assim, conversando com você, eu acho que pode ser.

É difícil descrever aqui quanta coisa estava em jogo. Havia a percepção de coexistirem risco de morte (não hesitávamos em olhar para ele) e "risco de vida". A proteção que, paradoxalmente, não era garantida pela rede da sacada, mas alcançada no mergulho.

Sky demonstrou alívio ao conversarmos sob essa perspectiva. A ênfase estava no embate entre ficar na sacada como se fosse outra pessoa ou a novidade de lançar-se e passar a se reconhecer nesse "mergulho em si" ("a partir daí já era eu"). Revendo minhas anotações desse encontro, me surpreendi com a confiança que senti em nosso vínculo e na capacidade psíquica de Sky.

A sessão de encerramento

Guardo desse dia uma única anotação, com uma palavra e duas frases. Embora incompleto, sinto certo apreço por esse registro ter sido feito exatamente assim. Está escrito, de maneira imprecisa e desordenada:

"encerra/o"

"desenhando... fazendo o tempo durar mais"

"gostei desse caderno, mas não sei se tem sentido ele fora daqui"

A palavra "encerramento", abreviada, breve e cortada ("encerra/o") combina com o clima da interrupção abrupta de nosso contato. Quando Sky começou a buscar uma existência fora do setting, o atendimento foi encerrado, por imposição familiar. A chuva de meteoros, nesse momento, atingiu, atacou e encerrou nossa relação, numa tentativa de silenciar uma subjetividade incipiente (D'Angelo, 2022).

Ao rever minha anotação, questionei: por que, curiosamente, teriam sido estas as duas frases escolhidas para eu "guardar" desse dia? Em geral, faço registros específicos (Sanches, 2024), de momentos em que eu me sinto "psiquicamente viva" (Ogden, 2023) em uma sessão. Possivelmente reconheci, nesses instantes, sinais de que compartilhávamos um espaço de intimidade e privacidade (Meltzer & Williams, 1988, Meltzer, 2000).

No primeiro registro ("desenhando... fazendo o tempo durar mais") me chama atenção o verbo. O gerúndio, indicador de ação contínua. A força do desejo de Sky esticar o (nosso) tempo nesse momento de separação e encerramento de um trabalho que ainda

estava vivo. Há ação, beleza e impacto, como se estivéssemos nos questionando: como seria possível parar algo ainda em movimento?

No mesmo sentido, o comentário sobre o caderno era sua resposta frente à possibilidade de levar, desse último encontro, algum material que quisesse guardar. Reconhecíamos o valor dos registros contidos ali (desenhos que eram "rascunhos de si", esboços, tentativas insistentes e incessantes de uma investigação pessoal). Sky reafirmava a importância do que compartilhávamos e antecipava o desafio de sustentar uma existência autêntica fora dali ("gostei desse caderno, mas não sei se tem sentido ele fora daqui").

Assim, nosso tempo era ritmado em outra cadência e aquele caderno não faria sentido em nenhum outro contexto, desafiando tempo e espaço. A força dessa experiência me movimentou a resgatar essas marcas escritas que tentam guardar o invisível, "a força da presença inacessível" (Hartke, 2004, p. 564). Por isso, o foco deste trabalho esteve do mundo psíquico, nas imagens e sonhos que "trazem coisas à vida" (Meltzer, 2000), resistindo em meio aos escombros.

Em síntese, esse trabalho é dedicado a Sky, com meu desejo compartilhado de que, ao escrever, eu esteja encontrando uma maneira de esticar o (nosso) tempo, dando sentido aos registros que criamos.

Referências

- Bion, W. R. (2004). *Transformações* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- D'Angelo, R. (2022). O homem que tenho que ser não sou eu. *Livro Anual de Psicanálise*, 36, 115-137.
- Hartke, R. (2004). O último Meltzer: alguns fundamentos e implicações técnicas. *Revista Brasileira da SPPA*, *11*(3), 545-565.
- Meltzer, D. (1989). Notas sobre processos introjetivos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 23(3), 125-132. (Trabalho original apresentado em 1978)

- Meltzer, D. (2000). A review of my writings. In M. Cohen & A. Hahn (Eds.), *Exploring the work of Donald Meltzer: A Festschrift*. Karnac.
- Meltzer, D. (2017). *O claustro: Uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos.* Blucher. (Trabalho original publicado em 1992)
- Meltzer, D. (2022). *Vida onírica: Uma revisão da teoria e da técnica psicanalítica* (Trabalho original publicado em 1994). Blucher.
- Meltzer, D. & Williams, M. H. (1994). *A apreensão do belo: O papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte.* Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Ogden, T. (2007). On talking-as-dreaming. *International Journal of Psychoanalysis*, 88, 575-589.
- Ogden, T. (2023). O que significa sentir-se psiquicamente vivo: Sobre objetos transicionais e fenômenos transicionais de Winnicott. *Livro Anual de Psicanálise*, *37*, 103-123.
- Sanches, S. H. B. (2024). Pedras lançadas: em busca de uma psicanálise reconhecível, mas nova. *Jornal de Psicanálise*, *57*(107), 127-144.
- Trachtenberg, R. (2013). Cesuras e des-cesuras: as fronteiras da(na) complexidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(2), 55-66.
- Trachtenberg, R. (2024). Ousarei perturbar o universo? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 58(4), 149-167.
- Williams, M. H. (2018). O desenvolvimento estético: O espírito poético da psicanálise. Ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats. Blucher. (Trabalho original publicado em 2010)

O encontro do par analítico Uma relação tumultuada e fértil

Célia Conceição Fontes Parzewski,¹ Ribeirão Preto celiaparzewski@yahoo.com.br

Resumo: Neste trabalho a autora relata uma experiência clínica. Observoa fenômenos resultantes da interação com uma paciente e um sonho noturno criado com base em um contato íntimo e tumultuado. Desde este vértice de observação, identifica e apreende teorias e conceitos psicanalíticos que favoreceram a expansão psíquica da dupla, paciente e analista. Constata o processo de criação mútua, paciente e analista, associados às interpenetrações psíquicas que o encontro analítico possibilita.

Palavras-chave: psicosexualidade, cesura, transferência-contratransferência, parte psicótica da personalidade

The meeting of the analytical couple: a tumultuous and fertile relationship

Abstract: In this paper, the author reports a clinical experience. She observes phenomena resulting from the interaction with a patient and from a night dream created from an intimate and tumultuous contact. From this observation point, she identifies and apprehends psychoanalytic theories and concepts that favored the psychic expansion of the pair, patient and analyst. She notes the process of mutual creation, patient and analyst, associated with the psychic interpenetrations that the analytical meeting makes possible.

Keywords: psychosexuality, caesura, transferencecountertransference, psychotic part of personality

1 Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Quando anunciaram o tema do livro *Construções 9* "Sexualidades e subjetivação: onde se ancora a escuta do analista?", inspirado no tema do 30°. Congresso Brasileiro de Psicanálise de 2025, considerei instigante e fiquei motivada a escrever este trabalho. Imediatamente, lembrei-me de um artigo do André Green (1995) com um título bastante provocativo: "Sexualidade tem algo a ver com psicanálise?". E compreendi que o tema em questão é um campo abrangente e misterioso. Mas, afinal, como esse tema tão amplo se conecta com o meu dia a dia e com meus pacientes na clínica? Percebi que na relação íntima com eles se encontra o campo fértil para minhas investigações, considerando como pano de fundo e pano de frente o inconsciente.

Chuster afirma que "o analista observa o paciente, observa a si mesmo e observa o vínculo. Por esta tríplice observação pode alcançar o objeto psicanalítico" (2011, p. 71). Assim, construí minha narrativa com base nas observações da intimidade psíquica vivenciada e atravessada pela psicosexualidade no vínculo, no contato, nas fantasias, desejos, terrores, sonhos, paixões, incertezas, escuridões, fertilização...

Convido o leitor a me acompanhar nessas trilhas do interminável processo de vir-a-ser psicanalista. Decido transmutar meu nome para Éris, que, segundo a mitologia grega, instiga forças perturbadoras e caos. Compartilho, inicialmente, um sonho/pesadelo noturno vivenciado por mim:

Estou numa estrada, praticando corrida com meu esposo e meu filho em uma trilha ensolarada. Eles vão se distanciando à frente. Peço que me esperem, mas eles se afastam. Sinto que não os alcançarei, mas ainda consigo avistá-los. De repente, magicamente, como se atravessasse um portal invisível, estou sozinha em outro caminho,

meus familiares se foram. O terreno é íngreme, vou subindo uma montanha onde vários cenários podem ser observados: precipício ao lado, o céu infinito, uma mata. Percebo que está escurecendo, e meu medo surge, o dia está se tornando cinza. Continuo correndo sozinha e já é quase noite. Meus medos se intensificam, estou aterrorizada mas continuo no movimento de corrida. Ainda posso ver o gigantesco despenhadeiro, o abismo ao meu lado. De repente, avisto à frente um homem sentado em um barranco. Penso num primeiro momento: Seria um andarilho? Mas seu rosto parecia sereno, barba aparada e dentes alvos. Olho nos seus olhos límpidos. Ele me aborda: -"Não há para onde correr!" Seria uma espécie de guardião de algum portal? Meu pavor aumenta, sensação de beco sem saída. Tento desviar do encontro, miro o abismo infinito ao lado, me jogaria num ato suicida? Penso em saltar. Seria a morte. Como seguir em frente? Como lidar com o desconhecido, na escuridão? Grito e desperto com meu grito.

Ao acordar, meu primeiro pensamento dirigiu-se a uma paciente que chamarei Alexandra, deusa considerada louca na mitologia grega. O sonho/pesadelo aconteceu no dia do reencontro após Alexandra permanecer 10 dias em um surto psicótico, nos quais não compareceu às sessões de análise. Diante dos impactos da experiência emocional que vivi com o atendimento, elaboro no sonho noturno, parte das emoções compartilhadas e que muito me auxiliou na apreensão do que estava vivendo com a paciente. O trabalho do sonho surge no momento seguinte, como uma figuração de parte do que se passou na sala de análise.

Alexandra, 50 anos, casada, sem filhos, está em análise comigo há alguns anos. Em sua primeira sessão da semana não compareceu e, tampouco, justificou sua ausência. Isso nunca ocorrera anteriormente e quando se ausenta no segundo encontro da semana, ligo em seu celular, mas não sou atendida. No dia seguinte o esposo da analisanda telefona e confirma minhas suspeitas: Alexandra está muito confusa e já medicalizada pelo seu psiquiatra. Relata que ela ficou uma noite sem dormir e pela manhã já estava "fora de si", violenta, quebrando tudo que via pela frente, nas palavras do esposo. É a segunda vez que o fenômeno da "confusão" ocorre. A primeira foi há 9 anos e a paciente ainda não estava em processo de análise. No entanto, nesse segundo episódio, a desconfiguração durou 10 dias. Algo muito tocante é que, de acordo com o relato de seu esposo, chamava por mim durante todo o tempo em que permanecia acordada: Éris, Éris, Éris... Ora dizia que Éris era sua amiga, ora sua analista, ora Deus, ora sua irmã. Por essa razão, ele resolveu telefonar-me e concordou com o retorno da esposa para a análise. Imagino que, ao me chamar durante o estado confusional, buscava uma reconexão comigo e consigo mesma.

Logo que retornou para a análise, uma semana após o início do surto, ela aceita a minha sugestão de aumentar a frequência de nossos encontros e passamos a nos ver três vezes na semana. Ainda um pouco confusa, pede-me perdão, dizendo que estava muito preocupada comigo e com nossa relação. Alexandra afirma ter caído, nos últimos dias, no "buraco de *Alice do país das maravilhas*". Reasseguro que, naquele momento, estávamos juntas novamente. Olha os detalhes da sala de análise, observa atentamente os objetos, a orquídea sobre um móvel, diz estar grata por estar de volta. Falamos do labirinto, do fio de Ariadne que a trouxe de volta, nosso vínculo construído ali naquele espaço íntimo. Diz que ficou enclausurada, mas que estava feliz por ter saído de casa, ter vindo ao meu encontro e que esperava ver novamente a linha do horizonte.

Nesse nosso reencontro, localizo em mim seu terror, seu desamparo, sua solidão e sentimentos de abandono. Nessa primeira sessão, quando chego na sala de espera, ela está bem vestida como usualmente, mas com o semblante desfigurado. Seus cabelos, geralmente bem penteados, estão desgrenhados, denunciando outros desalinhos. Alexandra, nesse emocionante reencontro conta-me parte do que viveu e da noite escura da alma por onde vagou

Admito que não tranquei a porta da sala de análise como usualmente faço. Muito me emociona ao recordar que, durante o nosso reencontro, captando meu terror, preocupa-se em cuidar de mim. Observando um vaso de orquídea, que está no móvel da sala de análise, de maneira terna diz:

A – Éris, a orquídea chocolate está perfumada, com um pendão apontado para o alto, buscando a luz, linda! Como você cuida das suas orquídeas?

 \acute{E} – (muito emocionada). Esta estava debaixo de uma árvore no jardim. Acho que eu só a ajudei a encontrar um lugar bom para ela se desenvolver e florescer.

A – O resto a natureza faz... a chuva, o sol...

Lembro-me das histórias da minha avó que dizia que mauolhado mata planta... e penso no bom olhar para as plantas, um cuidado amoroso.

É – Nós duas estamos aqui buscando a luz, juntinhas vamos atravessar os momentos de escuridão, e com "bons olhos" para o que estamos alcançando e percebendo neste momento...

Em outro momento, Alexandra, colocando suas pernas em um puff, diz:

A – Coloque suas pernas para cima também, elas estão inchadas. Como quem diz: "Pode se acalmar, Éris, está tudo bem agora". Sinto que a atmosfera ameniza e passamos a buscar sentidos para nossos terrores.

O meu sonho/pesadelo me aproximou ainda mais de Alexandra, fazendo-me experimentar com ela e comigo mesma o terror do encontro com o desconhecido. Adentramos áreas da parte psicótica da personalidade e, contando com nosso vínculo que permaneceu vivo, restauramos o ego estilhaçado. Aprendemos com a experiência que, nos momentos em que há excesso de realidade, como, por exemplo, quando há dor física, doenças, excessiva dor mental, nos deparamos com escuridões que podem impedir ou dificultar o sonhar, impedindo o trânsito pelas diversas dimensões mentais. Nestes instantes, ficamos tomados pela experiência bruta. O trabalho analítico poderá expandir nossos acessos ao sentir, sonhar e viver.

Bion assim explicita:

A razão é que a função alfa, pela sua própria natureza, visa tornar as impressões sensoriais e a experiência emocional disponíveis tanto para o consciente quanto para o inconsciente, ou visa tornar a vigília ou a consciência disponível para a experiência emocional. (2021, p. 131)

O meu sonho/pesadelo me fez recordar Ogden (2010) quando afirma que a análise é uma conversação na fronteira do sonho e que implica em um estado de maior simetria na relação analítica, embora a assimetria deva ser alcançada, pois estamos na sala com funções diferentes.

Ogden evidencia a expansão realizada por Bion, quando ele diz que o analista precisa ser capaz de sonhar a sessão, referindo-se ao sonho diurno e/ou noturno. Seria o "O" compartilhado de Bion (2004b). Assim, meu sonho já seria a entrada no campo de K, fruto

de uma comunicação aquém das palavras, uma colheita de elementos fruto de um processo secundário.

Assis (2023) ao relatar acerca de uma relação íntima ocorrida na sala de análise, faz uma analogia com os corpos que se buscam em uma relação sexual, podendo pensar que as mentes se atraem e se conectam, formando embriões com potencial para evoluir até alcançarem o campo de K e poderem ser representados.

Recordo Meltzer (1973) quando descreve o que denominou objeto combinado com funções de ideal de ego inspiracional. Creio que, na minha relação com Alexandra, predominou o vínculo K e o vínculo L, favorecendo a esperança do avanço do trabalho analítico. Pude encontrar um ponto observação, ponto K, gerando melhores condições para compartilhar intimamente as emoções vividas na sala de análise. Assim, com a *poiesis* do sonho, pude entrar em contato profundo com Alexandra. Como sugere Marques:

A capacidade de tolerar e compartilhar sentimentos caóticos, para que alcancem novos níveis de simbolização, é o primeiro passo em direção ao conhecimento. Sua utilidade depende de que possam atingir níveis de representação mental ainda inacessíveis, somente possíveis por meio da experiência emocional compartilhada. Nessa experiência, a função mental propiciada pela rêverie é de fundamental importância para que se desenvolva um processo mental que permita simbolização. (2004, p. 869)

Recorri também a Sapienza que, ao abordar acerca das condições mentais que ampliem a receptividade das comunicações do analisando, escreve: A função de rêverie no analista conjuga-se ao movimento de opacificação de memória, teoria e desejo, e esse contínuo exercício voluntário e disciplinado tem analogia à disponibilidade amorosa do continente primário com rêverie, que permite desintoxicar as angústias catastróficas e terroríficas do bebê. As transformações em O diferem do acúmulo de conhecimento sobre O, vêm acompanhadas de angústias de mudanças catastróficas, devido às forças eruptivas de elementos e partes splitadas da personalidade se apresentarem, após terem sido afastadas da mente em função de cesuras e barragens mais ou menos impermeabilizantes. (2016, pp. 248-249)

A coisa em si, a realidade última, tem uma origem e nunca saberemos completamente o que acontece em uma interação analítica, mas vamos nos aproximando disto, com essa dimensão de "O". Ou seja, os fatos possuem uma origem que não conseguimos saber completamente, assim, vamos observando suas facetas, em plena obscuridade.

Acerca da indecidibilidade da origem, Chuster comenta:

Há um ponto em toda relação onde não se pode decidir o que é do analista ou do analisando. Isso pode ser extensivo à relação entre o indivíduo e o casal, o casal e sua família, a família e a sociedade etc. Neste ponto de indecidibilidade encontramos o "O". Apenas a evolução de "O" é que determina o ponto de intersecção dos significados. (2014, p. 55)

Sustentar o terror que senti no reencontro com Alexandra e não me esquivar, prosseguir na busca de sentidos para a experiência aterradora, o poder sonhar naquela mesma noite com um encontro com o desconhecido, na escuridão, mobilizou-me a continuar a

caminhada, disponibilizei-me para maior intimidade com a analisanda e com meus próprios terrores. Recordo Symington quando diz "Uma coisa eu realmente aprendi sobre a psicose e com a experiência desses estranhos acontecimentos: somente aquelas comunicações que são genuínas do analista, de suas profundezas infinitas, surtem algum efeito." (1994, p. 8). Ou seja, é fundamental para acessar a parte psicótica da personalidade de cada paciente a atitude emocional verdadeira do analista.

Bion também nos alerta sobre os desafios da dupla analítica no trabalho de crescimento mental:

Na análise, certas ideias, sejam elas do analista ou do analisando, são logo percebidas como provocadoras de reações de crescimento; seja uma resposta ou uma pergunta, elas 'alimentam' um amplo espectro de novos problemas e ideias. É contra esta possibilidade que ambos componentes do par analítico podem se defender através de um fechamento. (2004b, p. 222)

No sonho noturno criado, desperto com meu grito por não tolerar perceber o tumulto do processo de percepção e transformação. Ao buscar narrativas para expressar tais vivências, associei com a conhecida pintura a óleo *O grito* (Edvard Munch, 1893). A obra do expressionismo que representa uma figura andrógina num momento de profundo sofrimento, dor, medo e desespero.

Sabemos que a psicanálise é um método de sondagem dos estratos mais primitivos da vida mental humana. Lidamos com a existência de impulsos dinâmicos que podem nos levar à morte física e psíquica, diante de dores mentais insuportáveis. Nesta explanação, sondo e me deparo com camadas catastróficas que permeiam o sofrimento psicótico. Associo com uma espécie de explosão para tentar

romper algo cristalizado, para que a personalidade possa expandir, buscar sonhos e representações, ou seja, romper algo cristalizado para possibilitar renascimentos.

Bion em *Elementos da psicanálise* (2004a), lembra-nos que a dor psíquica não pode estar ausente da personalidade, reconhecendo que uma análise real é dolorosa, aliás porque é uma das razões centrais do paciente ter nos procurado. Mas ressalta que a experiência analítica poderá aumentar a capacidade do paciente para sofrê-la (2004a, pp. 61-62). O trabalho do analista seria restituir dinâmica a uma situação estática, possibilitando o desenvolvimento.

Sandler, ao abordar o tema, afirma que o paciente está contra qualquer mudança e dor e nega a discordância existente na dupla.

Na perspectiva reversível, o fato de o analista aceitar a possibilidade da capacidade para dor estar prejudicada pode ajudar a evitar erros que poderiam levar a um desastre. Caso não se lide com o problema, à capacidade do paciente manter a situação estática pode sobrevir uma experiência de dor tão intensa que resulta em um colapso psicótico. (2021, pp. 919-921)

Bion faz uso dos termos de São João da Cruz para descrever a dor deste estado de mente. Suportar o não-seio, o medo à ignorância, a não apreensão de fenômenos psicológicos por meio dos sentidos e a continuação da postura curiosa e interessada.

Alexandra, nas sessões seguintes quando sai da crise psicótica, está amedrontada e assombrada, como ela dizia, mas também muito interessada em sua mente, questiona-se como escorregara para o buraco da Alice, como saíra de lá, quais os riscos de voltar a escorregar? Dizia que parecia ter uma mochila nas costas, na qual acumulava pedras, até que chegava um momento em que uma pedra

a mais a sobrecarregava, fazendo-a cair para a frente, com as pedras desabando sobre sua cabeça.

Penso nas pedras como concretude, um aglomerado de vazios, um falso continente que explode por não dar conta sozinha de sua existência.

Bion em "Teoria do pensar" (2021), aponta que há uma nova concepção de pensamento, uma hipótese da presença de uma função alfa como metabolizadora, na mente, dos fenômenos sensoriais (elementos beta) e possibilidade da transformação deles em elementos alfa, capazes de gerar pensamentos e sonhos.

Ogden (2010) esclarece que para se alcançar o ser e sonhar é preciso de uma função alfa funcionante. É necessário um vínculo para se cultivar essa condição, pois nosso psiquismo se opõe à turbulência e ao tumulto. Ogden ao citar Harold Serales, assim se expressa:

Ser receptivo ao que ocorre em dado momento numa análise, para Searles, envolve uma sensibilidade requintada às comunicações inconscientes do paciente. Tal receptividade a essas comunicações inconscientes do paciente exige que o analista se desnude da sua própria vivência inconsciente. O modo de Searles usar a si próprio analiticamente ocasiona, com muita frequência, o turvamento da distinção entre sua própria experiência consciente e inconsciente, bem como a distinção entre sua experiência inconsciente e a do paciente. (Ogden, 2014, p. 219)

Searles interpreta o complexo de Édipo saudável, nas palavras de Ogden:

a história de amor e de perda, de amor romântico recíproco de genitor-criança que é a salvaguarda da parte dos pais do reconhecimento firme, mas compassivo de seus papéis tanto como pais quanto como casal. (Ogden, 2014, p.232).

Assim, evidencia que o amor contratransferencial não é menos real do que outras formas de amor. O que os diferencia é a responsabilidade do analista em reconhecer que todos os sentimentos vivenciados com o paciente serão usados no trabalho analítico. Percebo que estamos tratando de questões clínicas que se aproximam destas experiências muito precoces do ser.

De acordo com Ogden,

O conceito de continente-contido de Bion está fundamentalmente relacionado com o processamento (sonhar) de pensamentos derivados da experiência emocional vivida. A ideia de continente-contido trata da interação dinâmica entre pensamentos predominantemente inconscientes (o contido) e a capacidade de sonhar e pensar estes pensamentos (o continente). (2010, p. 121)

Esse autor lembra-nos de que o tempo é uma invenção humana, e de que o tempo é diferente para o bebê em um estágio no qual a consciência do "não eu" é insuportável e perturbadora de sua continuidade de ser. A ideia do continente-contido trata não do que pensamos, mas de como pensamos, ou seja, como processamos a experiência vivida e o que ocorre psiquicamente quando somos incapazes de fazer um trabalho psicológico com aquela experiência. Importante ressaltar que o sonhar, para Bion, ocorre tanto durante o sono quanto na vigília.

Sapienza esclarece a dupla função da barreira de contato na modulação entre consciente e inconsciente, ressaltando o

proteger o Inconsciente dos excessos de estímulos proveniente da realidade externa, que poderiam levar à danificação das matrizes de fantasias inconscientes" e "regular a velocidade e o caráter não maciço das identificações projetivas do mundo inconsciente em direção à realidade externa impedindo, desse modo, o escoamento invasivo e os efeitos inundante do Inconsciente na realidade externa, com os consequentes fenômenos de confusão, vivências delirantes, estranhezas e crises de despersonalização. (2016, p. 206)

No trabalho analítico temos notícia ou nos damos conta dos sinais dos desastres que sofremos e, como em uma segunda chance, resgatarmos novas possibilidades de vida psíquica.

Considerações

O meu sonho/pesadelo pode ser visto pelo vértice estético, envolve beleza e horror, vida e morte, a busca pelo outro e, ao mesmo tempo, a vulnerabilidade e a entrega envolvida no encontro.

Penso também nas nossas restrições enquanto seres humanos e enquanto analistas em constante formação. Nas nossas limitações diante da morte, na nossa busca por soluções onipotentes e nosso desespero face às estas percepções. Michael Eigen (2014), define a fé (F) como uma resposta primordial e profunda de defesa contra o sentimento de catástrofe. Assim, em um Ato de Fé no nosso trabalho analítico e no método psicanalítico, compartilhamos essas experiências com nossos pares.

Essa condição desenvolvida no setting psicanalista de sentir e observar os próprios sentimentos que surgem na interação com o nosso melhor parceiro, o analisando, proporciona o que Meltzer diz ser "a conversa mais interessante do mundo". A apreensão do objeto psicanalítico fica evidenciada a partir dos vínculos construídos e experienciados na análise pessoal e na prática clínica no dia a dia com nossos pacientes.

Utilizei sonhos/pesadelos como uma linguagem possível para uma aproximação das angústias impensáveis na área do terror sem nome nas experiências emocionais vividas. Apoiada pelos pensamentos de Bion percebo que o objetivo desta minha escrita, publicação foi delinear um campo de ideias, pensamentos, sentimentos, vivências clínicas, imaginação especulativa, possibilitando a criação de um berçário onde ideias científicas possam florescer, ancorada na disciplina que o método analítico estimula.

Observo que a possibilidade de sonhar meu sonho noturno, no mesmo momento em que Alexandra retornava para a análise depois de ter se desconfigurado por alguns dias, oferece-me uma fresta para adentrar o campo do terror que nos habita. Considero que o sonho me ofereceu uma equação, no sentido de possibilitar contínuas expansões e apontar para infinitas facetas.

Como aponta Nosek "Sem sonhos, não temos como dar conta da nossa experiência vital. Sem dormir e sonhar, em pouquíssimo tempo enlouquecemos" (2017, p. 89).

Acredito que essa experiência emocional no trabalho analítico com Alexandra alargou uma trilha pessoal enquanto analista, fertilizada pela minha análise didática, seminários e supervisões, dandome conta de que, a cada momento de clareza e lucidez surgem outros fachos de escuridões, assombros e ignorâncias.

Referências

- Assis, M. B. A. C. (2023). O isso no eu: Parangolés na cena analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 57(4), 167-180.
- Bion, W. R. (2004a). Elementos de psicanálise. Imago.
- Bion, W. R. (2004b). Transformações: Do aprendizado ao crescimento. Imago.
- Bion, W. R. (2021). Aprender da experiência. Blucher.
- Chuster, A. (2011). O objeto psicanalítico. Edição do autor.
- Chuster, A., Soares, G., & Trachtenberg, R. (2014). W. R. Bion: A obra complexa. Sulina.
- Eigen, M. (2014). Em torno al punto de partida de Bion: De la catástrofe a la fe. *Clínica e Investigación Relacional*, 8(1), 125-143. http://www.ceir.org.es
- Green, A. (1995). Sexualidade tem algo a ver com psicanálise? *International Journal of Psycho-Analysis*, 76(1), 5-14.
- Marques, T. H. T. (2004). Conjeturando a expressão dos estados mentais primitivos na relação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(4), 867-883.
- Meltzer, D. (1973). Estados sexuais da mente. Imago.
- Nozek, L. (2017). A disposição para o assombro. Perspectiva.
- Ogden, T. H. (2010). Esta arte da psicanálise: Sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. Artmed.
- Ogden, T. H. (2014). *Leituras criativas: Ensaios sobre obras analíticas seminais.*Escuta.
- Sandler, P. C. (2021). A linguagem de Bion: Um dicionário enciclopédico de conceitos. Blucher.
- Sapienza, A. (2016). Reflexões teórico-clínicas em psicanálise. Blucher.
- Symington, N. (1994). O paciente faz o analista. In G. Kohon (Org.), *A escola britânica de psicanálise: The Middle Group, a tradição independente.*Artes Médicas.

O que encerra uma análise Quais nossos limites e nossos alcances?

Ana Cláudia S. Meira, Porto Alegre anameira@gmail.com

Resumo: Este texto apresenta uma reflexão profunda sobre os desafios e as limitações da psicanálise, centrando-se no caso de Virgínia,
uma paciente que permaneceu em análise por 12 anos. Durante esse
período, apesar dos esforços da analista, ela demonstrava intensa
apatia, resistência à mudança e uma relação difícil consigo mesma e
com os outros. A analista, ao longo dos anos, tentou diversas abordagens para mobilizar Virgínia, mas esbarrou em barreiras intransponíveis. O relato questiona até onde o método analítico pode alcançar.
O encerramento da análise é tratado como uma experiência marcante, que levanta reflexões sobre os limites da clínica e da compreensão
do psiquismo humano. A experiência com Virgínia segue reverberando, provocando reflexões sobre os desafios e obstáculos talvez
inerentes ao trabalho psicanalítico com casos mais difíceis.

Palavras-chave: término de análise, impasse, melancolia, alcance do método psicanalítico

What marks the end of an analysis: what are our limits and possibilities?

Abstract: This text presents a deep reflection on the challenges and limitations of psychoanalysis, focusing on the case of Virgínia, a patient who remained in therapy for 12 years. During this period, despite the analyst's efforts, she displayed intense apathy, resistance

1 Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

to change, and a difficult relationship with herself and others. Over the years, the analyst tried various approaches to engage Virgínia but encountered insurmountable barriers. The account questions the extent to which the analytical method can truly be effective. The conclusion of the therapy is portrayed as a significant experience, sparking reflections on the limits of clinical practice and the understanding of the human psyche. Virgínia's case continues to resonate, provoking thoughts about the challenges and obstacles that may be inherent to psychoanalytic work with more complex cases.

Keywords: termination of analysis, impasse, melancholia, scope of the psychoanalytic method

Algo de novo se ganha apenas com as análises que oferecem dificuldades especiais, cuja superação requer muito tempo. Somente nesses casos conseguimos descer às camadas mais fundas e primitivas do desenvolvimento psíquico, lá encontrando as soluções para os problemas das configurações posteriores" (Freud, 1918/2010b, p. 17).

Este trabalho traz um tanto de reflexões, mas – reconheço – um tanto de uma busca pessoal de elaboração. Mas a escrita não é sempre, em algum nível, uma tentativa pessoal de compreender algo que nos escapa para, então, elaborar?

O que me escapou e busco compreender – quiçá elaborar – está em torno do desfecho de uma análise de 12 longos anos, em que desci com uma analisanda – a quem chamarei de Virgínia – às camadas mais fundas e primitivas do desenvolvimento psíquico. Contudo, diferente do que afirma Freud (1918/2010b), não pudemos, eu e ela, encontrar soluções para os problemas das configurações posteriores.

Infelizmente – mas talvez também inevitavelmente –, os alcances e os limites, sejam de quem nos busca, sejam os nossos próprios, sejam do método psicanalítico e de uma análise, sempre nos desafiam e, por vezes, se impõem.

Um pequeno contexto antes de chegar às duas últimas sessões com essa analisanda de, hoje, 32 anos de idade. Há 12 anos, Virgínia aceitou a proposta da mãe de que buscasse análise pelo desespero que ela sentia nas provas na faculdade, o que foi logo *resolvido*: sua trajetória acadêmica seguiu bem, e sua vida profissional acontece de vento em popa. A angústia intensa e viva naquele início desapareceu e foi dando lugar a uma densa apatia que se instalou de forma imperativa. Assim, o motivo pelo qual ela permaneceu em análise ampliou-se e foi evidenciando uma dinâmica mais séria e dificuldades mais profundas.

Foi se acentuando o contraste entre a realidade que mostrava suas conquistas e capacidades e a certeza que Virgínia tinha de seu total fracasso como pessoa no mundo. Foi esse descrédito que a manteve em análise até pouco tempo atrás: a extrema dificuldade em ver sentido nas coisas, a impossibilidade de vincular-se e a incapacidade de sentir qualquer prazer ou encanto na vida.

Virgínia tinha um excepcional descontentamento consigo mesma, mas também seu enorme desapreço pelos outros, todos os outros. Para ela, as pessoas poderiam não existir e ela mesma poderia não existir. Ela recusava com um misto de desprezo e indiferença seus chefes, colegas, estagiários, clientes, familiares, vizinhos e todas as pessoas que cruzavam seu caminho.

Na maioria das sessões, ela se deitava no divã e silenciava, ou reclamava, e pouquíssimas vezes parecia querer mudar. Se eu perguntava diretamente, ela dizia que era óbvio que sim, mas só parecia que não, porque ela passava quase que o tempo todo protestando de

ter vindo e de ter que fazer análise. Sentia-se quase ofendida por ter de estar ali; tornava claro seu enfado, como para quem tanto faz.

Seu estado se assemelhava à astenia, descrita por Freud (1895/2023) nos textos pré-psicanalíticos como uma "fraqueza da vontade", mas uma fraqueza absurda. Tal estado contrasta com a definição de pulsão, como "o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida de trabalho imposto à psique" (Freud, 1915/2010c, p. 57).

A pulsão – essa força impelente – põe o psiquismo a funcionar. Mas Virgínia não era atingida por nada e não dava material para trabalhar. Ela só declarava que não queria estar ali: não queria falar, não tinha o que falar, não queria mudar, não queria sequer estar viva. Em seus intrigantes contrastes, porém, ela seguia ali, seguiu por 12 anos, e eu me perguntava: como atravessar os abismos que ali encerravam qualquer expectativa? O que era esta repetição que anulava qualquer possibilidade de transformação?

Para pôr seu psiquismo a trabalhar, em tão longo tempo, tenho a impressão de que tentei de tudo: falar, silenciar, perguntar, assinalar, brincar, provocar, instigar, esperar, torcer. Só não sacudi, porque não dava, porque vai contra o método psicanalítico, mas confesso que eu tinha vontade de fazer. Minhas palavras ou meu silêncio não tinham esse efeito de sacudi-la. Virgínia estava absorvida por algo profundamente enraizado em sua alma.

Foram incontáveis as ocasiões em que tentei e tentei e tentei reanimar Virgínia do efeito letal do desligado da pulsão de morte no qual ela mergulhava sempre e de onde era tão difícil sair. Pergunteime muito: ela não quer mudar ou ela não pode mudar? A sua destrutividade se dirige mais a si mesma ou mais ao objeto? Ela ativamente se bota em uma posição opositora ou nem isso ela tem força para

fazer? Ela está submetida ao objeto ou ela o controla, recusando entregar-se a si mesma?

De tanto tentar, eu mudava a direção de minhas conjecturas conceituais, pois nesses 12 anos, quando eu percebia a ausência de ressonância, tentava outra rota, mas dava com a cara na porta. Ela dizia que não sabia o que falar. "Qualquer coisa", eu dizia, mas pensava: "qualquer coisa, pelo amor de Deus!". Ela dizia que não sabia como, e eu dizia: "É só falar", mas pensava: "É só abrir a boca e falar; não pode ser tão difícil assim". Eu interpretava, mostrava e, por vezes, eu me percebia irritada, cansada e desistente como ela.

A melancolia sempre me pareceu a hipótese diagnóstica mais clara para seu pesar, sua desistência. De frente com tamanha resistência, contudo, eu pensava: "quem sabe ela não é uma melancólica? Quem sabe ela é uma neurótica, aferrada no sintoma que lhe dava prazer?", ou "Quem sabe ela tem uma patologia do vazio, uma total ausência de qualquer desejo?". Mas ela não parecia nem cheia de pulsão sexual nem esvaziada de qualquer sentimento de si ou desejo... Ela estava cheia: cheia de fastio, de tédio, de indiferença.

Ela não queria mudar as coisas e não queria mudar a si mesma: um desafio para o método analítico que visa, segundo Freud (1919/2010a), a tornar conscientes os processos inconscientes, descobrindo suas resistências; compreender a complicada composição de seus sintomas, localizando seu ponto de origem; recompor sua vida psíquica dilacerada, integrando no Eu os impulsos dissociados; em suma, torná-lo mais forte para a vida. Virgínia, por sua vez, não queria nada disso; só queria que nada existisse, pois as pessoas e a vida a aborreciam demais.

Pensando em casos como esse, Marucco (2007) fala da aposta libidinal que o analista deve fazer e renovar a cada dia na análise

dos pacientes, em especial os mais difíceis. Então, foram incontáveis vezes em que lembrei desta orientação:

O melhor suporte para a implementação desses recursos técnicos, a única força que pode "reanimar" esse tempo retido pela repetição do trauma, o analista encontrará em sua própria "aposta pulsional". Trata-se ... de incluir na dimensão da cura a presença do analista, envolvido com todo seu ser e todo seu saber na tarefa analítica ..., com toda sua "alma e vida". (p. 131)

Em minhas tentativas de renovar a aposta pulsional, levei seu caso para todas as supervisões que fiz nesse tempo e para muitas discussões clínicas. Escrevi trabalhos e artigos com base em seu caso, tentando dar conta teoricamente da ferocidade presente em seu julgamento sobre si e sobre todas as pessoas, da imobilidade da pouca libido que parecia habitá-la e da inacessibilidade que eu sentia.

Quando apresentava o caso em atividades ou seminários clínicos, escutava diversas sugestões, diferentes intervenções, ideias e propostas de todos os lados. Mas em 12 anos de análise, eu já tinha feito todas, já tinha experimentado todas as formas e lançado mão de todas as alternativas; pelo menos era isso que me parecia. Não conseguia, porém, descobrir uma abordagem que tirasse Virgínia da desistência onde se posicionou. E eu seguia me perguntando: ela se posicionou ou ela foi posicionada?

Virgínia não teve uma história dramática, nem traumas vividos, nenhuma família desestruturada, nem um pai abusivo, nem uma mãe absurdamente inadequada, nada que justificasse tamanha obstrução. Nas poucas vezes em que se inquietava, ela mesma reconhecia: "seria mais fácil se eu tivesse vivido alguma coisa terrível, porque aí teria uma explicação". E eu compartilhava de seu estranhamento: o que

explicava isso? Onde estavam as teorias que em outros casos me amparavam? Onde estava o efeito que a supervisão dá? Onde estava o efeito de abertura que minha análise pessoal promove quando falo de minhas questões sobre os analisandos que escuto?

Eu repensava seu caso e minha abordagem em todos os espaços possíveis; o que mais eu precisava fazer para ajudar Virgínia? Então, eu pensava: "não preciso fazer nada, tenho que esperar, posso ficar em silêncio". E fiquei, muitas vezes... Mas também isso não resultava em uma movimentação dentro dela. Eu não sentia que, se a angústia não estivesse em mim, poderia aparecer nela.

Não foram poucas as vezes que desejei ou esperei que ela encerrasse a análise, já que ela não cansava de protestar pelo fato de estar ali, reclamar de ter que ir à sessão. Não adiantava eu dizer que ela não tinha que ir à sessão, que ela ia porque queria, porque desejava, porque escolhia. Ela seguia se sentindo obrigada. "Por quem?". Ela não sabia responder.

Freud (1937/2018) fala sobre a *rocha de base*, relacionando-a com o complexo de castração, a partir de onde não se avançaria mais, até onde é possível ir e não mais. Em casos como o de Virgínia, esse ponto de chegada e não mais, esse máximo possível, não será essa a castração que vivemos? Esse limite a que temos, por vezes, de nos render? Diversas vezes, era assim que eu me sentia: rendida pelo inimigo, em uma batalha que era para ser um trabalho a dois. Às vezes, ainda é assim que me sinto: rendida, tendo sido abatida pela força do desligado, desta barreira sem transposição nem passagem.

Em certo momento, dei-me conta de que substituíra a forma de encerrar a sessão, substituição que ganhou sentido apenas a posterio-ri. Meu habitual "Seguimos?" deu lugar a um "Ficamos por aqui?".

O que encerra uma análise?

O que encerra uma análise?

Nunca nos gabamos da completude
e inteireza de nosso saber e de nossa capacidade;
estamos prontos, agora não menos que antes,
a admitir as imperfeições de nosso conhecimento,
aprender novas coisas e mudar em nossos procedimentos
o que puder ser melhorado.
(Freud, 1919/2010a, p. 280)

Durante o tempo de mais fortes resistências, de silêncios mais longos, de queixas mais insistentes, de extrema apatia ou de pura reclamação, perguntei-me incontáveis vezes se outra analista em meu lugar faria outra coisa, falaria diferente, interviria de melhor forma, saberia o que fazer. Um outro contexto mudaria o texto? Foi quando tive certeza de que sim, que, por fim, concordei com as insistentes negativas e repetidas declarações de desistência de Virgínia.

Chegou esse ponto derradeiro em que dei por decretado o fim, quando senti que não havia eco, quando só parecia haver um desencontro entre nós, quando ela permanecia tão ativamente refratária ao convite da análise, que nossa dupla pareceu esgotar-se, por este termo impossível de interrogar, esta fronteira impossível de ultrapassar.

Em uma sessão – que depois eu viria a saber, seria nossa penúltima –, depois de escutar pela enésima vez seu protesto por ter de estar ali, eu lhe disse algo como: "tu podes parar de vir, podes parar de se analisar, ou podes parar de se analisar comigo". Na sessão seguinte, ela não foi para o divã. Sentou-se na poltrona e me comunicou que não poderia seguir comigo. Chorosa por toda a sessão, conversamos, então, sobre o término de nosso encontro, sobre todos os anos e todo nosso trabalho juntas, mas também, sobre essa impossibilidade de

seguirmos, que ela sentia e que eu sentia também; tínhamos chegado ao nosso limite.

Disse-lhe que eu sentia que não conseguia mais ajudá-la e que talvez outra analista pudesse começar de um outro lugar, desse ponto final em que nós duas havíamos chegado, mas parado. Sentindo-me já sem o compromisso com a regra da abstinência – fundamental enquanto escutamos alguém em análise –, quis dizer-lhe claramente o quanto pensava que ela devia seguir em análise, que ela precisava e merecia isso. Encerrei com ela uma análise que, por certo, percorreu longos e profundos caminhos, mas que usou toda a minha cota de aposta libidinal.

Com o *Homem dos lobos*, Freud fez o mesmo: encerrou uma análise que, segundo sua percepção, não mais avançava. Ele descreve suas impressões sobre o analisando:

[Ele] permaneceu por muito tempo entrincheirado, inatacável, detrás de uma postura de dócil indiferença. Ele escutava, entendia e não permitia que nada se aproximasse. Sua impecável inteligência estava como que desconectada das forças pulsionais que dominavam seu comportamento, nas poucas relações que lhe restavam na vida. Foi preciso uma longa educação para movê-lo a participar autonomamente do trabalho [analítico] e, quando em decorrência desses esforços, vieram as primeiras liberações, ele imediatamente cessou trabalho, a fim de evitar outras mudanças e manter-se comodamente na situação criada. Seu receio de uma existência autônoma era tão grande que sobrepujava todos os tormentos da doença. ... Determinei ... que o tratamento tinha que findar num determinado prazo, não importando até onde tivesse chegado; prazo este que eu estava decidido a cumprir. O paciente acreditou afinal em minha seriedade. Sob a pressão inexorável desse limite de tempo,

sua resistência, sua fixação na enfermidade cederam e, num período relativamente curto, a análise forneceu todo o material que possibilitou o levantamento das inibições e a eliminação dos sintomas. (1918/2010b, pp. 18-19)

Posturas semelhantes aproximam Sergei e Virgínia: o entrincheiramento, a inatacabilidade, a dócil indiferença, a impossibilidade de aproximação, sua inteligência, a evitação de mudanças, o receio de uma existência autônoma, as inibições. Freud usou da autoridade analítica para datar o término do processo e, confiante na mudança gerada por sua medida, acreditou tomar a melhor saída. Da minha parte, acreditei tomar a única saída possível. Minha analisanda e nossa análise, contudo, seguem provocando ressonâncias. Sigo buscando compreender.

Um analista encerra o processo de análise de seu analisando? Sempre defendi que não, que é o analisando que encerra, caso queira, pelo motivo que for. Caberia ao analista estar ali, estar disponível e seguir fazendo a oferta de um olhar para si, de uma escuta do mais além. Caberia a ele escutar, compreender, interpretar e, nos casos mais difíceis, manter-se vivo, manter-se bem, manter-se acordado, como indica Winnicott (1962/1983), autor de quem eu lembrava cada vez que o desligado mudo da pulsão de morte, com seu repuxo a um estado anterior – ausência de tensão –, contaminava-me, o mal-estar me invadia e o sono me tomava.

(Im)possibilidades do método

Nossa ação terapêutica não é muito extensa. Somos apenas um punhado de pessoas, e cada um de nós, mesmo trabalhando esforçadamente, pode se dedicar apenas a um número escasso de doentes. Na abundância da miséria neurótica que há no mundo, e que talvez não precise haver, o que logramos abolir é qualitativamente insignificante. (Freud, 1919/2010a, p. 291)

Ao se indagar sobre a ambiguidade da expressão *fim da análise*, Freud define: "a análise termina quando analista e paciente não mais se encontram para a sessão do trabalho analítico" (1937/2018, p. 279), o que acontece sob duas condições: que o analisando não esteja mais sofrendo com os sintomas e as inibições, razões de sua busca; e que o analista avalie ter tornado consciente tantos conteúdos recalcados, ter esclarecido tanto material incompreensível e ter vencido tantas resistências internas, que dissolveu o caráter repetitivo das experiências que organizaram o caminho de seu sofrimento.

Outro significado do *fim de uma análise* para o autor refere-se ao ponto em que o analista chegou, ou seja, se sua influência alcançou um limite, a partir de onde não haverá mais mudanças. Freud declara: "devemos indagar primeiro a experiência [a clínica], para saber se algo assim acontece e, depois, a teoria, para saber se é possível" (1937/2018, p. 280). Na experiência com o processo de Virgínia, não foi possível alcançar todas as transformações que poderíamos ambicionar. Ainda que tenhamos explorado muitos recantos do inconsciente, com suas fantasias, defesas, resistências e seus impulsos, não foi possível avançar mais.

Examinamos nesse tempo muitas experiências e abrimos diversas questões. Seu *fazer* muito avançou, mas e seu *ser*? Dinamicamente,

houve mudança e movimento; estruturalmente, ela havia se encerrado em um bloco endurecido no qual era impossível se mexer, mas também era impossível sair. O que houve? Chegamos a um limite que ela impôs? Cheguei ao limite que eu consegui? A análise enquanto método tem seu próprio limite em casos com questões tão profundamente inacessíveis e fixas?

Freud faz menção ao umbigo do sonho:

A interpretação dessa parte ainda não avançou bastante para revelar todos seus sentidos ocultos. ... Cada sonho tem pelo menos um ponto em que ele é insondável, um umbigo, por assim dizer, com o qual ele se vincula ao desconhecido. (Freud, 1900/2019a, p. 143, nota de rodapé)

E

Até mesmo nos sonhos mais bem interpretados, há um ponto que temos de deixar obscuro, pois, na interpretação, percebemos que ali há um novelo de pensamentos oníricos que não é possível desembaraçar ... Esse, então, é o "umbigo" do sonho, o ponto em que ele assenta no desconhecido. (Freud, 1900/2019b, p. 575).

Para encerrar este texto, mas não a reflexão, indago-me: será disso que se trata também na psicanálise? Que também a análise tem seu umbigo, um alcance, e o método um limite? Este ponto, este obscuro, este desconhecido? Sigo, no entanto, pensando, escrevendo, compartilhando e, sem encerrar o que nos mantém vivos enquanto analistas, mantenho-me em busca de saber.

Referências

- Freud, S. (2010a). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14, pp. 279-292). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010b). História de uma neurose infantil. In S. Freud, Obras completas (Vol. 14, pp. 13-160). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (2010c). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 12, pp. 51-81). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 19, pp. 274-326). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2019a). A interpretação do sonho. Um método de interpretação dos sonhos: análise de uma amostra de sonhos. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 127-154). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2019b). A interpretação do sonho. Psicologia dos processos oníricos. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 558-675). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2023). Sobre os motivos para separar da neurastenia um complexo de sintomas, a "neurose de angústia". In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 3, pp. 81-115). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1895)
- Marucco, N. C. (2007). Entre a recordação e o destino: a repetição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(1), 121-136.
- Winnicott, D. W. (1983). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 152-155). Artmed. (Trabalho original publicado em 1962)

(Des)confiança no observador Racialidade na transferência em três observações de bebês

Cidiane Vaz Melo,¹ Rio de Janeiro cidianevaz@gmail.com

Andressa da Conceição Bonet,¹ Rio de Janeiro a bonet@hotmail.com

Maria Izabel G. B. C. Varella, ¹ Rio de Janeiro varellabel@gmail.com

Resumo: Com base na metodologia de observação mãe-bebê proposta por Esther Bick, esta comunicação apresenta três experiências conduzidas por psicanalistas em formação com marcadores raciais distintos. No Brasil, a racialidade antecede e atravessa outros marcadores interseccionais como a classe social, marcando as experiências subjetivas e vinculares que são atualizadas na transferência e na contratransferência, inclusive durante as observações da relação mãe-bebê. Sem a pretensão de exaurir ou resolver a complexidade da questão, o trabalho busca apresentar reflexões a respeito dos modos como atravessamentos raciais incidem na constituição de vínculos, especialmente na dupla observadora-família, tensionando a fantasia de neutralidade analítica.

Palavras-chave: racialidade, interseccionalidade, observação mãe--bebê, transferência, contratransferência.

1 Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

(Dis)trust in the observer: racial dynamics in transference across three mother-infant observations

Abstract: Based on the mother-infant observation methodology developed by Esther Bick, this paper presents three case experiences conducted by psychoanalysts-in-training with distinct racial identities. In the Brazilian context, race precedes and intersects with other social markers, such as class, shaping subjective experiences of stigma and influencing libidinal investments. The observer's body, always present, functions as a racial signifier within the transference field. Without aiming to exhaust or resolve the complexity of the issue, this study seeks to reflect on how racial dynamics influence the formation of bonds – particularly within the observer-family dyad – challenging the notion of analytic neutrality.

Keywords: racial dynamics, intersectionality, mother-infant observation, transference, countertransference.

Introdução

A compreensão dos atravessamentos raciais na prática psicanalítica exige a integração de aspectos complexos que se articulam e desafiam a escuta (Nogueira, 2021; Paim Filho, 2021 e 2024). Diferentes sistemas de opressão – como racismo e classismo – atuam de forma concomitante e interdependente na produção das desigualdades sociais e se inscrevem na constituição psíquica dos sujeitos, marcando todas as suas relações (Crenshaw, 1989; Akotirene, 2019). Entretanto, como incluí-los no âmbito da formação psicanalítica e da escuta, particularmente no contexto da experiência de observação da relação mãe-bebê?

No Brasil, os marcadores raciais antecedem e atravessam a classe social (Akotirene, 2019) uma vez que o pertencimento racial – sobretudo no caso de pessoas negras – permanece associado, mesmo diante de conquistas econômicas e intelectuais, a estigmas

de marginalidade e inferioridade. Compreendemos que esse dado estrutural incide de forma contundente na constituição dos vínculos, modulando os investimentos libidinais desde os primórdios da relação mãe-bebê (Nogueira, 2021). Neste sentido, a racialização dos vínculos pode favorecer a vinculação e a confiança, mas também favorecer tensões, impasses e recuos, ativando defesas e desconfianças nem sempre silenciosas.

A proposta deste trabalho nasce da articulação entre a experiência de observação da relação mãe-bebê segundo o método Esther Bick e os atravessamentos raciais na formação do vínculo entre mãe--bebê-família e observador. O método desenvolvido por Esther Bick, criado em 1948, tem como finalidade proporcionar uma experiência direta com bebês e suas mães, reconhecendo o quanto essa observação pode beneficiar a formação clínica (Bick, 1948/1964). Durante as observações, a postura do observador é de contenção e não de intervenção, a fim de preservar a espontaneidade da relação mãe-bebê e não interferir na construção das funções parentais. No entanto, é inegável que a presença do observador provoca movimentações transferenciais na família, especialmente na mãe, que frequentemente se vê confrontada com fantasias inconscientes relativas à relação com o bebê e com experiências dos primórdios de sua própria constituição psíquica. Tais aspectos são atualizados no vínculo com o observador e podem favorecer o investimento no processo de observação, mas também podem criar embaraços e tumultos. Neste método, a transferência não deve ser interpretada e espera-se que o observador possa desenvolver capacidade de continência e compreensão das próprias reações contratransferenciais.

Apesar dos avanços nas últimas décadas, questões ligadas à experiência do racismo na constituição psíquica, bem como sua incidência no vínculo analista-analisando ou, como proposto neste

artigo, entre mãe, bebê e observador, continuam sendo pouco exploradas e parcamente reconhecidas como pertinentes ao campo da psicanálise. Essa ausência não pode ser pensada senão como mais um dos efeitos do próprio racismo sobre o pensamento e sobre a vida social, incluindo a formação e as práticas psicanalíticas. Paim Filho (2021) denuncia como o pensamento psicanalítico hegemônico, construído sob uma perspectiva branca e eurocêntrica, é atravessado por resistências históricas à tematização do racismo. Por se tratar de um espaço fundamentalmente embranquecido, a formação psicanalítica preserva, inclusive no contexto das observações, aspectos relacionados às tensões étnico-raciais, muitas vezes invisibilizados. Esta invisibilização se constitui enquanto cerne da noção de branquitude: enquanto uma "presença ausente" (Schwarcz, 2024), define todas as outras identidades a partir de sua própria referência, sem se reconhecer como racializada (Bento, 2022).

No Brasil, esses atravessamentos se adensam com a presença do racismo estrutural, que marca profundamente as experiências subjetivas de pessoas negras e brancas, mesmo que de maneiras distintas. Como aponta Kabengele Munanga (2004), o racismo à brasileira se sustenta como um "crime perfeito": amplamente reconhecido em termos sociais, mas raramente admitido em sua expressividade subjetiva. Essa forma de negação não elimina os efeitos psíquicos do racismo; ao contrário, intensifica sua inscrição no inconsciente em seus aspectos compartilhados e singulares (Nogueira, 2021; Paim, 2021 e 2024). Neusa Santos Souza, em Tornar-se Negro, descreve o modo como mesmo pessoas negras incorporam, ainda que inconscientemente, os valores e fantasias do racismo dominante: "A experiência de tornar-se negro é atravessada por um conflito psíquico entre o que se é e o que se deveria ser segundo a lógica branca" (Souza, 1983).

A seguir, apresentamos recortes de três experiências de observação mãe-bebê conduzidas por psicanalistas em formação, com marcadores étnico-raciais distintos e em contextos sociais diversos. Em cada situação – uma família branca de classe média alta em zona nobre, observada por uma analista negra; uma família negra de classe média, residente no subúrbio, acompanhada por uma analista negra; e uma família negra, pobre, em favela pacificada, observada por uma analista branca – emergem elementos que nos convocam a pensar sobre as relações transferenciais em sua dimensão mais ampla: como campo de pulsão, vínculo e constituição de alteridade, incluindo aspectos ligados à raça e outros marcadores interseccionais.

Diante da necessidade de preservar a identidade dos envolvidos e do espaço disponível, optou-se por apresentar os recortes como cenas dos processos de observação, acompanhadas de breves descrições dos contextos de indicação e contato – que ajudam a pensar elementos transferenciais prévios –, assim como informações sintéticas sobre a composição familiar e o contexto da observação.

Observação 1 "De onde você vem mesmo?" Desafios à confiança

A indicação da família para a observação aconteceu por intermédio da obstetra ginecologista que havia feito os dois partos de Carolina, sendo muito considerada por ela, e que também acompanhava a observadora. Essa médica é muito favorável ao processo de observação, tendo ajudado no encaminhamento de outros bebês, que foram observados na nossa Sociedade. Além de ser contatada pela médica, que explicou como se dava e quais eram os objetivos da observação, a observadora também conversou com a mãe a respeito do processo. A família da bebê observada, Julia, é composta por mãe, pai e a irmã mais velha. Durante as observações, houve contato eventual

com a avó materna. Trata-se de uma família fenotipicamente branca, residente em uma área nobre na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

A mãe, com quem se estabeleceu o vínculo para a observação e com quem se deu toda a comunicação para as marcações das visitas, desde o primeiro contato, ainda por WhatsApp, mostrou-se solícita e disponível, enviando fotos da bebê durante a saída da maternidade. Entretanto, a despeito da disponibilidade ao contato inicial, durante o processo de observação, foi possível perceber alguns aspectos transferenciais emergentes que pareceram ter impactado as experiências emocionais da mãe e, contratransferencialmente, da observadora. A seguir serão trazidas algumas cenas da observação em que uma pergunta recorrente pareceu compor as angústias experimentadas pela mãe na relação com a observadora: "de onde você vem mesmo?".

Carolina me leva até a porta e pergunta: você mora em Copacabana né? Digo que sim. O elevador chega. Dou tchau mais uma vez e vou. (Bebê com 1 mês e 21 dias)

Na observação seguinte:

Nessa saída ela me pergunta, você está vindo de Copacabana né? De qual Rua? Falo o nome da rua e ela responde: ah, é pertinho. Nos despedimos novamente e vou embora. (Bebê com 1 mês e 29 dias)

No contexto da observação de bebê, Carolina parecia buscar um sentido para suas inseguranças em relação à pessoa da observadora, às suas intenções e ao quanto ela poderia ser confiável. Perguntamonos o quanto aspectos ligados à racialização, que associa o fenótipo negro à pobreza e à marginalidade, não favoreceram a projeção de

sentidos para as inseguranças de Carolina sobre os vínculos, incluindo o com a observadora. Em outra observação:

Carolina pergunta novamente: onde você mora mesmo? Está vindo de onde? Repito a resposta habitual e ela diz: ah, é! (Bebê com 3 meses e seis dias)

Percebemos que, a despeito dos dados da realidade e da informação acerca da proximidade territorial e concreta entre ela e a observadora, dúvidas e desconfianças persistiam e a impediam de introjetar as palavras oferecidas de forma apaziguadora. Naquele contexto, uma pergunta: Quais aspectos fantasmáticos estariam sendo transferencialmente evocados no vínculo com a observadora, sendo ela uma mulher negra? A insistência da mãe em perguntar de onde a observadora vinha pareceu carregar sentimentos de desconfiança e insegurança, como se algo permanecesse incompreensível. A mãe parecia atribuir à observadora um lugar enigmático. Sua presença parece ter operado como significante mobilizador de fantasias raciais e sociais, ativando na mãe sentimentos de estranhamento ou ameaça, que se atualizaram na relação.

Ao longo das observações, Carolina foi permitindo a aproximação da observadora, demonstrando estar mais apaziguada em relação às fantasias depositadas sobre ela e pensamos que a relação estabelecida durante o processo possa tê-la ajudado a elaborar algo de suas experiências vinculares. Quanto à observadora, ao ser questionada insistentemente sobre de onde vinha, foi convocada a revisitar internamente cenas em que, pela via da racialização, sua presença foi interrogada ou colocada em suspeição em diferentes espaços sociais e institucionais. Esse atravessamento, longe de ser apenas pessoal, inscreve-se no campo das marcas sociais da racialidade, que

atualizam lugares de alteridade e de não pertencimento. No entanto, a possibilidade de reconhecer essas ressonâncias internas e trabalhá-las possibilitou que a observadora sustentasse a função de continência, evitando a atuação e favorecendo que a cena se transformasse em material de reflexão. Dessa forma, o eixo da racialidade aparece como elemento importante tanto na transferência da mãe quanto na contratransferência da observadora.

Observação 2 Revelando fantasias e abrindo espaço para a confiança

Tratou-se da observação de um bebê cuja família, de classe média baixa, residia no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. A família era composta por mãe, pai, avô e bebê – todos brancos –, além da avó materna, negra. A observadora era uma mulher negra de pele clara. O contato se deu por meio de uma amiga íntima em comum da família do bebê e da observadora e os encontros aconteceram todos na casa dos avós maternos, que cuidavam do bebê durante parte do dia, devido ao retorno precoce da mãe ao trabalho. Por não ter contrato de trabalho sob o regime da CLT, a mãe não teve seu direito à licença-maternidade plenamente garantido e respeitado, sendo pressionada por seu chefe a retornar ao trabalho antes do tempo previsto.

O trecho a seguir, extraído do relato de observação, mostra como a cena transferencial emergiu, bem como as fantasias evocadas a partir do encontro entre duas mulheres negras, a observadora e a avó. A observação já ocorria há sete meses e três semanas:

Quando minha filha falou que uma pessoa viria observar a Elis, eu senti medo, sabe? Cheguei a pensar que você poderia roubar minha neta. Mas isso passou. Eu gosto de você, não sinto mais medo. A Elis

te adora também. Ela contou-me que, na ocasião, sua filha garantiu que isso não aconteceria, explicando-lhe que eu era amiga íntima de uma amiga próxima da família. A avó riu e, em tom de confissão, prosseguiu: "Vai que você ficasse aqui dentro, mas passasse a bebê para alguém lá fora, por cima do muro, e essa outra pessoa fugisse com ela.

A cena relatada permite perceber que, mesmo tendo a mãe do bebê expressado sua confiança em relação à observadora, a fantasia de sequestro permaneceu presente para a avó, demonstrando que, ainda que compartilhasse da mesma identidade racial, as tensões não desapareceram.

Dando continuidade à cena daquele mesmo encontro:

Ouço a avó com atenção e acolho o que é dito. Falo que a compreendi e agradeço por terem me recebido. Tive a sensação de que, através desta confissão, a confiança foi selada. Tenho observado menos rigidez e seriedade da avó, tanto em relação à neta quanto a mim, em comparação aos primeiros meses dos encontros. Lembrei-me de que a nomeei "guardiã inicial" no primeiro relato; acho que, hoje, ela pode conferir à minha presença alguma característica "guardiã" – e não mais de ameaça.

A cena evidencia como as marcas da racialidade atravessaram o campo transferencial e contratransferencial. A fantasia de sequestro, explicitada pela avó, inscreve a observadora em um lugar de ameaça e alteridade radical, ainda que partilhasse da mesma identidade racial. Essa projeção reatualizava a posição histórica de suspeição sobre corpos negros, sobretudo femininos, frequentemente associados ao perigo e à desestabilização. No movimento contratransferencial, ao acolher e sustentar a confissão, a observadora pôde transformar o

lugar de ameaça em função de guarda, sendo investida de atributos protetores. Assim, a cena mostra que a racialidade não se dissolve no pertencimento compartilhado: ela comparece como tensão, mas também como possibilidade de elaboração, reconfigurando o vínculo e abrindo espaço para a construção da confiança.

Observação 3 Pensando formas de confiança

Essa experiência de observação foi realizada por uma observadora branca, em uma família composta pela mãe do bebê, sua filha mais velha de um casamento anterior e a avó materna – todas negras – e pelo pai, que era branco. A família residia em uma comunidade do Rio de Janeiro, acessada pela observadora por meio de um longo, porém direto, trajeto de ônibus.

Em algumas ocasiões, quando a relação entre a observadora e a família já durava alguns meses, a mãe, com um sorriso aberto no rosto e entre beijos e abraços no filho, costumava brincar olhando para ele: "Olha, ele saiu branquelo! Mas é preto, viu, Emanuel? Você é branco, mas é preto! Sua família é preta!"

A fala da mãe evidencia como a racialidade atravessa seu modo de se relacionar com o bebê e de situá-lo no mundo. Ao insistir que, apesar da pele clara, o filho é negro, ela confronta a contradição entre aparência fenotípica e pertencimento identitário, transmitindo-lhe não apenas a filiação a uma linhagem negra, mas também as tensões raciais que marcam sua própria experiência e que, inevitavelmente, atravessarão a do filho.

As observações eram, em geral, realizadas na presença da mãe, que, não exercendo atividade remunerada, dedicava-se integralmente ao filho. Desde os primeiros contatos, mostrou-se receptiva e desejosa de iniciar a observação. O contato com a família foi estabelecido

por meio de uma conhecida da observadora. A avó do bebê havia trabalhado como empregada doméstica na casa dessa conhecida, localizada na zona sul do Rio de Janeiro. Não houve, por parte da mãe do bebê, sinais de desconfiança em relação à observadora. Pelo contrário, parecia haver grande confiança na profissional que acompanhava tanto ela quanto seu filho. Com o tempo, essa confiança inicialmente cordial passou a dar lugar a outras nuances.

No primeiro encontro, a mãe enviou a localização da residência sem fornecer muitos detalhes ou referências. Ao chegar no horário marcado, a observadora foi recebida com surpresa, e a mãe perguntou: "Conseguiu achar fácil aqui?". Em outra ocasião, perguntou como a observadora costumava ir às visitas – "de carro ou de táxi?" – e recebeu como resposta: "de ônibus". Em uma visita seguinte, foi notável novamente uma expressão de surpresa em seu rosto.

Uma situação ocorrida próximo ao término do período de observação chamou a atenção: durante a despedida da família em uma observação, a mãe "lembrou" que gostaria de entregar à observadora a chave do portão, para que ela não precisasse mais depender dela para acessar a entrada da casa. Desde o início, uma certa naturalidade marcou a construção da confiança, que se apresentou inicialmente sob a forma de uma cordialidade profissional, culminando, ao final do percurso, na oferta concreta e simbólica da chave da casa. No decorrer do processo de observação, a dinâmica transferencial foi atravessada pelas marcas da racialidade e da posição social da observadora. A confiança inicialmente estabelecida não permaneceu estática, transformando-se em tonalidades mais complexas, que incluíam movimentos de afirmação identitária, acolhimento e interpelações sutis sobre o lugar social ocupado pela observadora, sem, contudo, gerar desconfianças quanto à sua posição institucional ou à sua formação. Nesse sentido, a transferência se constituiu tanto a partir da receptividade e da abertura ao vínculo. No plano contratransferencial, a observadora carregava a expectativa de ser questionada a partir de um suposto "não lugar" decorrente de sua formação em área afim, o que lhe provocava insegurança. Entretanto, o vínculo se organizou de maneira a favorecer o investimento da presença da observadora, permitindo que ela se implicasse de forma criativa e reflexiva, produzindo um espaço fértil para a observação e para a elaboração de elementos relacionais e identitários.

Discussão e considerações finais

Embora a observação de bebês seja uma prática estabelecida no âmbito da formação psicanalítica, ainda se fala muito pouco sobre aspectos relativos às relações étnico-raciais, bem como sobre outros aspectos interseccionais. A escassez de discussões sobre a racialidade no campo da observação de bebês reflete, em grande medida, um silenciamento mais amplo presente na tradição psicanalítica. Historicamente, a psicanálise privilegia outros eixos de análise - como os vínculos primários, a sexualidade ou a constituição psíquica - relegando as questões raciais e sociais a um segundo plano, muitas vezes tratadas como elementos externos ao campo clínico. Essa ausência não significa neutralidade, mas revela a dificuldade da psicanálise em se confrontar com as implicações do racismo estrutural e suas manifestações na vida psíquica. Tal silenciamento atravessa também o campo da formação psicanalítica: sem interlocutores atentos e capazes de pôr sua própria racialidade em análise, esses elementos tendem a permanecer invisibilizados, como se não fizessem parte da composição dos vínculos e da experiência formativa.

Este trabalho, portanto, constitui-se como um esforço não apenas de fazer aparecer o que costuma ser apagado e/ou silenciado,

tensionando o que Bento (2022) nomeia como pacto narcísico da branquitude, mas também de abrir espaço na formação para um processo mais amplo de elaboração, que inclui a relação com a observação, com as supervisões, com a instituição e com o próprio campo psicanalítico ao qual vamos paulatinamente compondo. Reconhecer e elaborar a racialidade como parte constitutiva do campo transferencial é, assim, uma tarefa clínica, teórica e formativa, fundamental para ampliar os horizontes da psicanálise. É também "fazer falar o silêncio" (Bento, 2022, p. 24)

Embora o artigo tenha enfatizado os atravessamentos raciais como eixo central da análise, é fundamental reconhecer que outros marcadores também se inscrevem no campo transferencial e contratransferencial. As três observadoras eram mulheres cis em formação psicanalítica, condição que já delimitava modos de investimento transferencial, mas que se entrelaçava com outros fatores igualmente relevantes. Elementos como o território e classe social mostram-se decisivos para compreender como as relações foram constituídas. Ainda assim, os recortes apresentados sugerem que a racialidade opera como marcador inaugural, antecedendo os demais e estruturando o campo de diferenciação. O fato de as três observadoras integrarem o mesmo grupo de supervisão contribuiu para acentuar a escuta da diferença. Evidenciou-se, assim, o contraste evocado por um corpo branco, cuja presença na família pareceu despertar rapidamente confiança, a ponto de lhe ser confiada a chave da residência. Em contrapartida, diante das duas observadoras negras, emergiram conteúdos marcados pela desconfiança e por fantasias de ameaça e roubo.

As experiências apresentadas permitiram examinar como a questão da racialidade foi depositada sobre o vínculo. Observou-se que a possibilidade de uma escuta racializada favoreceu a elaboração psíquica, ampliando a capacidade de continência, sobretudo das

observadoras negras que, no campo transferencial, foram inicialmente investidas como objetos persecutórios. Por fim, este trabalho afirma a urgência de uma escuta que se permita afetar e ser afetada pelas diferenças, reconhecendo a racialidade como um vetor estruturante dos vínculos e da vida subjetiva. Apostar na racialização da escuta é, portanto, apostar em uma psicanálise mais potente, ética e comprometida com a complexidade da experiência humana.

Referências

Akotirene, C. (2019). Interseccionalidade (Coleção Feminismos Plurais). Pólen.

Bento, M. A. S. (2022). O pacto da branquitude (3ª ed.). Companhia das Letras.

Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytical training (R. S. Lang, Trad.). *International Journal of Psychoanalysis*, 45, 558-566.

Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist policies. *University of Chicago Legal Forum, 1989*(1), 139-167.

Munanga, K. (2004). Negritude: Usos e sentidos. Ática.

Nogueira, I. B. (2021). A cor do inconsciente: significações do corpo negro. Perspectiva.

Paim Filho, I. A. (2021). Racismo: Por uma psicanálise implicada. Artes & Ecos.

Paim Filho, I. A. (2024). Negritude e as trincheiras narcísicas implantadas pela branquitude: Caminhos para descolonizar a psicanálise. In M. J. T. Barbosa Irmã & R. Degani (Orgs.), *Uma questão de cor: Decolonialidade e psicanálise*. Blucher.

Souza, N. S. (1983). Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Graal.

Subjetividade, historicidade e singularidade no processo de formação do analista

May Guimarães Ferreira, Fortaleza may@ifma.edu.br

Resumo: O sujeito caracterizado pela historicidade, pela singularidade e polissemia. Subjetividade como trajetória histórica e pessoal na formação do analista, considerando também os aspectos inconscientes. Resgate da minha ancestralidade indígena no processo de análise pessoal. Contribuições da teoria psicanalítica sobre a escuta do inconsciente como processo de construção do sentido. O sujeito enigmático e a expansão do seu universo mental derivada da capacidade de simbolização.

Palavras-chave: subjetividade, psicanálise, inconsciente, ancestralidade.

Subjectivity, historicity, and uniqueness in the psychoanalyst's training process

Abstract: The subject characterized by historicity, uniqueness, and polysemy. Subjectivity as a historical and personal trajectory in the formation of the analyst, also considering unconscious aspects. Recovery of my Indigenous ancestry in the process of personal analysis. Contributions of psychoanalytic theory regarding the listening to the unconscious as a process of meaning construction. The enigmatic subject and the expansion of their mental universe derived from the capacity for symbolization.

Keywords: subjectivity, psychoanalysis, unconscious, ancestry

1 Sociedade de Psicanálise de Fortaleza (SPFOR).

1. Introdução

O tema do livro *Construções 9* está ancorado em três significantes centrais para a psicanálise: subjetividade, subjetivação e inconsciente.

Percorri os sumários da história da produção dos candidatos registrada nos livros *Construções de* números 1 a 8, durante o período de 2008 a 2023. Neles não encontrei nenhum artigo que explicitasse a questão da subjetividade em relação à clínica. Também não encontrei a publicação de artigos voltados para a subjetividade e importância identitária da influência cultural e simbólica da herança indígena e da afrodescendência na formação do psiquismo do caráter brasileiro.

Em que pese a importância étnica, não ousamos produzir e publicar, no âmbito do saber psicanalítico, o conhecimento sobre a identidade, subjetividade e sexualidade dos povos primitivos brasileiros. Os seus descendentes, que são muitos, não estão sendo vistos, nem reconhecidos como tal. "Apesar de haver miscigenação, ainda estamos distantes de experimentar um sentimento de comunhão com a criação de espaços compartilhados que tornem efetiva a ideia de nós, povo brasileiro, em sua diversidade" (Melo, 2023, p. 197).

Ao invés de discorrer teoricamente sobre essa temática, alguns autores dos livros *Construções* demonstraram por meio de suas narrativas os percursos singulares, a sua própria dimensão subjetiva, mergulhada em ideias resultantes do processo analítico. Melo, cujo artigo foi publicado no livro de 2023, mencionou uma candidata que se auto identificou como sendo afro-indígena, apontando para a necessidade de conseguirmos acessar a identidade e subjetividade dos povos originários no campo psicanalítico.

Considero, portanto, inaugurada no livro *Construções 8*, a existência de produção sobre os aspectos étnicos da diversidade subjetiva

existente em cada um de nós. Evidentemente, há uma mudança de perspectiva, no âmbito do quarto eixo da formação de psicanalistas, candidatos das federadas, que alcançará a curricularidade e os demais eixos teóricos e clínicos. Nesse sentido, posso pensar o futuro da psicanálise alcançando maior diversidade e a singularidade dos que se propõem a escutar as canções de ninar da cultura nativa brasileira.

Ao repensar a leitura daquele artigo publicado no livro *Construções 8* ressuscitei em mim a ideia de continuar a pensar o tema da subjetividade, ancorada na minha herança originária nos povos indígenas Guajajara, também chamados de Tenetehára. Na minha história familiar, houve um apagamento promovido pelo distanciamento e desprestígio da etnia indígena da minha bisavó paterna.

Pertencente ao povo Guajajara originário dos Tupinambás, componentes do grupo linguístico Tupi-Guarani, minha bisavó foi alijada do convívio com alguns netos durante muitos anos, inclusive pela sua condição socioeconômica e pelo seu silenciamento no grupo familiar.

Durante a minha infância na cidade de São Luís, cujo nome indígena original em Tupi-Guarani é Upaon-Açu, que significa ilha grande, não foi possível o contato com crianças indígenas. Os curumins eram vistos como pessoas estranhas, e ficavam abrigados na casa de acolhimento da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), no centro histórico daquela cidade.

No entanto, na casa da minha avó materna, eu costumava brincar com objetos artesanais de origem indígena, facilmente encontrados à venda nas feiras e mercados locais: arco, flecha, cocares, adereços, cofos, maracás, chapéus e muitos outros. No nosso cotidiano nos alimentávamos da culinária indígena abundante: cará, batata-doce, macaxeira, vinagreira, juçara, bacuri, murici, buriti, bacaba, urucum e diversos tipos de peixes. A indumentária das festas

folclóricas era feita com roupas bordadas com palha da palmeira de buriti, que também pode ser usada para confeccionar sacolas, sandálias, almofadas, centros de mesa, muito usados até hoje na indústria de moda nacional.

Apesar de minha ancestralidade indígena ter sido alijada do meu cotidiano, durante muitos anos, algo permaneceu latente na minha memória intuitiva e inconsciente. Ao iniciar uma formação em arteterapia, baseada no trabalho de Nise da Silveira e Jung, me surpreendi criando objetos com aspectos imagéticos indígenas em trabalhos de colagem, argila, fotografia, desenho, poesia e pintura.

Durante a retomada da minha formação psicanalítica pude revisitar aspectos adormecidos de uma infância esquecida, mas indicadora de elos ancestrais remanescentes em diversos hábitos, escolhas culinárias e opções de vida voltadas para a aproximação ao mundo desconhecido da minha avó indígena paterna.

Ao longo do tempo, pude resgatar informações históricas importantes durante meu processo de análise pessoal percebendo novos insights e de despertando para outros aspectos subjetivos singulares. Creio que essa elaboração decorrente da inserção na clínica psicanalítica me levou a buscar subsídios acerca desse tema no âmbito da filosofia, da ciência psicológica, da psicanálise e, também, a escrever sobre subjetividade na formação psicanalítica para o livro *Construções 9*, conforme exponho aqui neste artigo.

2. Subsídios sobre subjetividade em psicanálise

A subjetividade, enquanto ponto de chegada provisório de um complexo e longo processo de subjetivação, emerge em cada sujeito de maneira singular e historicamente determinada.

O sujeito se caracteriza pela polissemia, pela singularidade, pela sexualidade e pela historicidade. Inspiradas pelas bases filosóficas antecedentes, as teorias psicológicas aproximaram-se de diferentes vertentes epistemológicas que tentam compreender e descrever esse fenômeno multifacetado.

As diferentes concepções de subjetividade² perpassam os campos de conhecimento das Ciências Humanas, como Antropologia, Linguística, História, Psicologia e Psicanálise, tal qual um caleidoscópio de saberes, em busca da compreensão do fenômeno humano, sua gênese evolutiva e histórica.

Para a Psicanálise, a questão do sujeito enigmático e sua subjetivação é pós-paradigmática em relação às ciências e à filosofia cartesiana moderna. Essa questão se amplia e se aprofunda na compreensão dos determinantes inconscientes e pulsionais. Na origem de cada sujeito está uma plêiade linguística, intersubjetiva, corporal, sexual e cultural.

Freud, ao escrever "A interpretação dos sonhos" (1900/2000) sobre a dimensão inconsciente da mente na pesquisa, inaugurou o que se poderia denominar como o século da descoberta da subjetividade. "De fato, pode-se dizer com tranquilidade que é com a interpretação dos sonhos que a psicanálise deixa de ser uma psicoterapia da neurose para se preocupar com o sujeito do inconsciente" (Berlinck, 1990, p. 7).

Essa descoberta evidencia que a consciência não é o centro determinante do sujeito, tampouco da subjetividade. O inconsciente extrapola o tempo, o espaço, a ordenação, a classificação e também a lógica dos contrários.

2 Acerca das diferentes concepções de subjetividade na ciência psicológica recomendo meu livro *Concepções de Subjetividade em Psicologia* (2000).

Pensando sobre isso, tal qual se tece um palimpsesto, eu entendo a explicação e a escrita sobre o inconsciente como um fluxo representativo de afetos, desejos e intenções que promove prismas incomensuráveis e dinâmicos.

Pedindo licença para a tautologia, o inconsciente, como o nome diz, é inconsciente, se degrada, e se estiola diante de sua transformação ou da tentativa de explicação consciente. Se algo o tempo me ensina, eu diria que aprendo que o inconsciente é sempre mais inconsciente do que eu pensava. Assim como o infinito é muito "maior" do que sempre consigo imaginar. (Nosek, 2017, p. 72)

O tecido de elucidação de representações inconscientes mais se aproxima do trabalho de uma tecelã de renda de bilros do que do trabalho intelectual de um exegeta. Tecer significa tecer palavras, entrelaçar fios e ideias simbolizando os elementos conscientes e inconscientes na narrativa flutuante do sujeito e do par analítico.

Lembro do trabalho de uma rendeira que compõe o tecido escolhendo fios discrepantes, multicoloridos e disformes. Os fios de algodão, de linho ou de seda são enrolados nos bilros que passam a ser entrelaçados, manualmente, em pares. De dois em dois, fazem-se os movimentos rapidamente cadenciados pelo bater dos bilros um no outro, como uma dissonância repetitiva.

Assim, sucessivamente, os fios são passados por cima e por baixo, de forma alternada, como tramas e formas geométricas feito fractais. Aos poucos começam a surgir – em cima da almofada, em forma de uma barriga feminina arredondada –, as criações artísticas desenhadas (desenho chamado de "o picado"). O "picado" se transforma em renda, pacientemente trabalhada, muitas vezes em grupo de rodas de conversa e artesanato. A experiência aprendida a partir

da tradição cultural é cultuada por várias gerações de mulheres, também pela minha avó paterna, que preparam as toalhas, lençóis, roupas, enfeites religiosos e sagrados, das mais diferentes formas. São peças que cobrem e descobrem os segredos, os corpos, as histórias de vida e o cotidiano dessas pessoas.

Assim como as rendeiras de bilro, o analista exerce a tarefa de escutar os relatos associativos do paciente, quer sejam palavras, silêncios, gestos, sussurros, suspiros, e encontrar com seu estilo interpretativo os elementos potencialmente simbólicos em transformação.

Aquilo que é dito e que pode ser reeditado em cada sessão, permite a mudança do pensar, como em um movimento helicoidal que avança em direção ao desvelamento do mistério de cada um e ao desconhecido.

Sem haver passado pela experiência pessoal de análise, e sem o desenvolvimento da capacidade ampliada e flutuante de simbolização, o trabalho de percepção da realidade psíquica se torna inviável.

É preciso, segundo Bion, desenvolver a escuta no modo da função alfa para que ocorra o tratamento psicanalítico. "Descrevi anteriormente (numa Reunião da Sociedade Britânica de Psicanálise) o uso do conceito de função alfa como instrumento de trabalho na análise dos distúrbios de pensamento" (Bion,1988, p. 106).

Essa é uma função situada além dos sentidos, e vai além da racionalidade e da intuição imediata. Para que não se torne míope e surdo, o analista precisa estar presente, sem memória e sem sentido, para ir além do que foi dito e do que não foi falado.

Na "realidade psicanalítica", o paciente mostra uma coisa para você ver outra. Ele diz uma coisa para você escutar outra... e assim por diante. Em tudo aquilo que o paciente traz, o analista busca o objeto psicanalítico mais além do sensório. Simbolicamente, a função alfa

está para o objeto psicanalítico assim como os órgãos da percepção estão para os objetos sensíveis. A função alfa é a atividade de um "órgão sensorial" capaz de perceber o objeto psicanalítico no material diversificado que o paciente traz. (Rezende, 1999, p. 92)

Essa mineração de significantes, na cadeia associativa, permite a aquisição de sentidos, e sempre haverá mais sentidos, enquanto potenciais elementos encontrados pela atenção flutuante e que são responsáveis pela elaboração do conteúdo psíquico inconsciente. A expansão do universo mental de cada um, bem como da dupla analítica, deriva da capacidade de simbolização.

Pensar é também trazer e rever as paixões. "O que é uma sessão de análise? Um 'exame' das paixões trazidas pelo paciente. 'Fiquei com ódio de minha mulher'. 'Estou com medo da morte'. O grande assunto de nossas sessões são as paixões do paciente. O que é o paciente? O sujeito das paixões" (Rezende, 2017, p. 52).

As paixões do sujeito são o magma sobre o qual se pode pensar a realidade psíquica e o fluxo da transferência e da contratransferência. A contribuição da psicanálise para a compreensão do pathos permite a elevação do saber em relação aos aspectos simbólicos do sujeito e sua subjetividade.

Nesse sentido, a análise permite o desenvolvimento da capacidade de pensar e de lidar com aspectos inconscientes reelaborados e posteriormente traduzidos em ação pelo próprio sujeito. Frequentemente o analisando restabelece e amplia a sua possibilidade de pensar simbolicamente através do vínculo afetivo com o/a analista, tornando-se capaz de dar às palavras e pensamentos uma significação semântica que ressoa afetivamente em si mesmo. Uma das conquistas de quem passa ou passou pela experiência de análise

pessoal é a capacidade de nomear e sempre poder renomear seu padecimento psíquico e sua experiencia pessoal e psicanalítica.

Enfim, eu percebo como o trabalho de subjetivação constante pode ser explicitado metaforicamente por um escritor maranhense através da poesia Traduzir-se: "Uma parte de mim é permanente: outra parte se sabe de repente. Uma parte de mim é só vertigem; outra parte linguagem" (Ferreira, 2017).

3. À guisa de conclusão

A formação psicanalítica configura um tecido psíquico em permanente transformação pela experiência do sujeito em análise e na vida historicamente determinada. Por isso pode ser ao mesmo tempo um processo de estranhamento e/ou reconhecimento de aspectos inconscientes ainda não simbolizados.

A face oculta da psique difere de uma paisagem rural plácida fotografada em modo panorâmico. Alcançar o desvelamento da linguagem não verbal é perceber a qualidade da luz, como faziam os pintores impressionistas. Assim como, a criação de imagens inconscientes vai além da atenta escuta de associações livres, elaboradas ao longo do tempo analítico. A importância do vínculo que se estabelece entre analisando e analista permite a conversão de elementos sensoriais em material para pensamentos oníricos que se revelam na compreensão de si mesmo.

Considerando a subjetividade como construção histórica e singular, determinada pelo inconsciente e pela ancestralidade pude ampliar a minha experiência psíquica durante a formação analítica.

Ao abordar o tema da subjetividade aprofundando a reflexão a partir da minha própria ancestralidade indígena Guajajara resgatei as marcas históricas apagadas pela exclusão familiar. Ao relacionar essas vivências à psicanálise destaco que a subjetividade é resultado singular e histórico de um processo de subjetivação, atravessado por determinantes inconscientes e pulsionais.

A metáfora da rendeira de bilros, que por sinal era o trabalho primitivo da minha avó paterna, ilustra o trabalho analítico: tal como quem tece rendas por fios diversos, o analista constrói, pela escuta atenta e interpretativa, sentidos simbólicos a partir da cadeia associativa do paciente.

A inclusão no campo psicanalítico das dimensões identitárias e culturais dos povos indígenas e afrodescendentes amplia o alcance da teoria e da clínica, permitindo uma escuta mais plural, justa e enraizada na diversidade do povo brasileiro.

Referências

- Berlinck, M. (1990). Difusão e construção sobre a história da psicanálise em São Paulo. IFCH/Unicamp.
- Bion, W. R. (1988). Estudos psicanalíticos revisitados. Imago.
- Ferreira Gullar, E. S. (2017). Traduzir-se. In E. S. Ferreira Gullar, *Na vertigem do dia*. Companhia das Letras.
- Ferreira, M. G. (2000). Concepções de subjetividade em psicologia. Pontes.
- Freud, S. (1981). La interpretación de los sueños. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 1, 4a ed.). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1900)
- Melo, C. V. (2023). O que nós temos com isso? Brasilidade afro-indígena em questão de formação psicanalítica. *Construções 8* (pp. 187-204). Associação Brasileira de Candidatos.
- Nosek, L. (2017). Dentro da psicanálise, dentro da cultura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, número especial (50 anos Febrapsi), 69-86.
- Rezende, A. M. de. (1999). *Ser e não ser, sob o vértice do "O"*. Cabral Editora Universitária.
- Rezende, A. M. de. (2017). Pensando e repensando. O Lutador.

Da bissexualidade em Freud à transicionalidade das sexualidades e identidades de gêneros

Míriam Cristiane Alves, Porto Alegre miriamalves.ufrgs@gmail.com

Ezequiel de Candido Amaral,¹ Porto Alegre ezequielamaralpsi@gmail.com

Resumo: O presente ensaio tem como objetivo problematizar o conceito freudiano de bissexualidade, na perspectiva de forjar a ideia de transicionalidade psíquica como um conceito fundamental para a escuta analítica das sexualidades e identidades de gêneros na contemporaneidade. Nossas reflexões partem da escuta clínica psicanalítica de pessoas trans, travestis e transexuais, que em suas potências e existências nos fazem indagar: pode a psicanálise transicionar para um lugar no qual as sexualidades e identidades de gêneros sejam sentidas--vividas e postas em análise como campos singulares, espiralares, múltiplos e metamorfos? A transicionalidade psíquica exige a renúncia das idealizações dos objetos primordiais que estimam um destino restrito e exclusivo enquanto homem ou mulher, hetero e cisgênero. A escuta clínica de pessoas trans nos instigam a degustar e gingar sobre pistas do pensamento freudiano que, em muitas passagens e paragens, se mostra com uma abertura embrionária à diferença, nos convocando a escapar da lógica cis-hétero-normativa quanto às sexualidades e identidades de gêneros. Convocamos psicanalistas de nosso tempo a seguir dilatando essa fresta que se abre sobre nosso divã.

Palavras-chave: psicanálise, escuta clínica, sexualidades, identidades de gêneros, pessoas trans

1 Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

From bisexuality in Freud to the transitionality of sexualities and gender identities

Abstract: This essay aims to problematize the Freudian concept of bisexuality by proposing the notion of psychic transicionality as a fundamental concept for the psychoanalytic listening of sexualities and gender identities in contemporary times. Our reflections stem from the psychoanalytic clinical listening of trans people, travesties, and transsexuals, whose potentialities and lived experiences prompt us to ask: Can psychoanalysis transition to a place where sexualities and gender identities are felt-lived and analyzed as singular, spiral-like, multiple, and metamorphic fields? Psychic transicionality demands the renunciation of idealizations of primordial objects that prescribe a restrictive and exclusive destiny as either man or woman, heterosexual and cisgender. The clinical listening of trans individuals invites us to savor and sway through traces of Freudian thought that, in many passages and pauses, reveals an embryonic openness to difference, urging us to escape the cis-heteronormative logic surrounding sexualities and gender identities. We call upon psychoanalysts of our time to continue widening this crack that opens upon our analytic couch.

Keywords: psychoanalysis, clinical listening, sexualities, gender identities, trans people

Fricções² clínicas: Glória e os voos das rampas

- Hoje não sei por onde começar. Na verdade, eu queria fazer uma pergunta. Quando uma pessoa travesti ou trans chega em um consultório, o que um bom analista consegue sustentar?
- Importante o teu questionamento. Fico aqui pensando, sobre o que tu gostarias de falar e sobre o que já está falando com essa pergunta, Glória?
- A fricção é tomada "enquanto movimento de contato e esfregação de vivências e memórias do presente e do passado aquecidas na e para a produção e enunciação de um devir, de um porvir" (Alves; Sant'Anna Junior; Izidoro-Pinto, 2023, p. 4).

Glória se movimenta na poltrona e olha para o divã [silêncio].

- Além da poltrona, você pode experimentar o divã também, percebo que está olhando para ele. Quer experimentar? Quem sabe, assim, nos aproximamos mais dessas ideias que emergem na sua pergunta.
- Acho que vou ficar mais um pouco aqui. Quem sabe outro dia eu experimento? Bom, como disse na semana passada, faz anos que não faço análise, e nesse percurso me senti mais protocolada do que escutada. Sentia a patologização abafar a minha humanidade, os meus desejos [silêncio].
- Tá frio hoje, né, Vitor? Hoje acordei com um frio na barriga. Tive um sonho estranho, que não lembro muito bem, mas foi como se eu tivesse voltado para a minha adolescência e isso me deu calafrios.
 - O que esse sonho a fez lembrar?
- Talvez, das confusões que passei. Quando me descobri gay, e busquei espaço no movimento estudantil que se posicionava na luta LGBT, eu tinha por volta de 13 anos. Foi quando eu tive meu primeiro namoradinho, um rapaz branco. Logo em seguida, vi que tinha uma pegada diferente ser um viadinho preto, me via aprendendo uma astúcia para lidar com diferentes pedágios de opressão dessa estrada de vida, e foi parando nas encruzilhadas que me assumi uma bixa preta uma categoria viva, plural e política que me deu sustentação por um bom tempo, mas sentia que algo não se encaixava. Esse namorado falava comigo tentando impor como eu tinha que ser. Preferi ser eu, mas isso custou um término hostil.
- Talvez seja um sonho que diga de modo condensado como sentiu-se sozinha e desamparada nesse período? Mudanças precisam de um tempo para serem processadas e elaboradas, aqui podemos olhar para elas com cuidado.

- Sim, Vitor, acho interessante, não pensei sobre isso. Só foquei na minha vida, estudando muito e buscando outros espaços. ... Por volta dos 16 anos, quase no final do ensino médio, me descobri pansexual. Tinha atração por homens, drags, trans e travestis. No ano seguinte, em 2004, eu fui numa festa com salto alto. Era um salto babado, tipo drag queen, mas drag só nos pés [risos]. Eu já sabia andar de salto melhor que muitas mulheres [risos]. E depois daquele dia eu falei pra mim mesma: "Gente, não é bem isso que eu quero estar como homem! Eu sou mulher". Lembro bem, estava com 17 anos. Esse foi um ano importante pra mim, nunca me esqueço, pois comecei uma nova transição, sabe como é, né?
 - Não, Glória, não sei. Me explica como é.
- Então, eu fui mudando algumas coisas no meu guarda-roupas, tipo, uma calça eu pegava mais feminina, corte de cabelo era aquele que todo o ser humano passou nessa fase: uma franjinha para o lado. Um brilho aqui, um batom ali, uma depilação acolá. Foi quando eu saí definitivamente do interior e fui pra capital, pois eu falei pra mim mesma: "Se eu não me aceitasse e não respeitasse o meu direito de ser quem sou, como outras pessoas poderiam me aceitar e respeitar? Mas não quero que me aceitem, quero que me respeitem. Sou uma mulher travesti preta, sabes, Vitor?
 - O que é ser uma mulher, Glória?
- Eu sou uma mulher! Mas para ser uma mulher eu precisei passar por coisas que outras mulheres cis não passam. Teve a parte homo, bixa preta, pan, pra depois eu me aceitar do jeito que eu sou de verdade, que é ser uma mulher transexual. E tem toda a questão racial, heim! Eu sou a primeira mulher transexual da minha cidade, lá do interior, colonizada por descendentes de italianos. E fico feliz ao

saber que, depois de mim, muitas outras pessoas puderam vivenciar suas transições, afinal, todas as pessoas transicionam, né, Vitor?

- De que modo você entende que todas as pessoas transicionam? Como você vive as tuas transições, Glória?
- Hoje, no alto e no salto dos meus 39 anos, sei que o que eu passei me ensinou na pele preta o significado de transicionar, porque ser bixa preta no interior não é fácil. Ser mulher negra trans, travesti, transexual, então, nem se fala. Precisei buscar meus semelhantes e passei a militar pela vida no movimento LGBTIAPN+. Fui abrindo a minha mente, e, ao me sentir autora de mim, pude fazer pequenas aberturas na mente de minha família, da minha mãe, do meu pai, do meu terreiro, de outras pessoas da minha vida, entende? Gosto do quanto é boa a minha relação com meus pais, com minha família, com meu terreiro. Eu não fui expulsa de casa, como acontece com a maioria das travestis. Eu saí porque queria descobrir o mundo e me descobrir. O transicionar pressupõe descobertas, a cada descoberta uma transição. Não há linearidade na minha história, na minha sexualidade, na minha identidade de gênero, no meu tesão, mas sim muitas experimentações e paciência com as contradições, pois são processos, eu acho isso lindo, você não acha?
 - E o que não é lindo para você, Glória?
- Nesse momento, penso que a violência e a incompreensão das pessoas que caminham numa linha reta e querem impor essa mesma linha reta aos outros. Linhas retas me fazem associar às rampas dos navios escravagistas ou das rampas náuticas, que obrigavam as pessoas a serem obedientes, caso contrário, viravam comida de tubarão ou composição do abismo escuro do mar. Meu corpo sempre foi e continua sendo insubmisso. Prefiro voar das rampas.

No presente ensaio, nos propomos a transitar e perscrutar o clássico "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Freud, 1905/2016), em confluência com "Introdução ao narcisismo" (Freud, 1914/2010) e "O eu e o id" (Freud, 1923/2011), e em conversação com produções contemporâneas, como *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"* (Butler, 2019), *Desfazendo gênero* (Butler, 2022), *Transfeminismo* (Nascimento, 2021) e *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude* (Brasileiro, 2022), na perspectiva de produzir torsões no conceito freudiano de bissexualidade para pensar-sentir o lugar da *transicionalidade psíquica* em sua potência pulsional.

Nossas reflexões partem da escuta clínica psicanalítica de pessoas trans, travestis e transexuais, que em suas potências e existências nos fazem indagar: pode a psicanálise transicionar para um lugar no qual as sexualidades e identidades de gêneros sejam sentidas-vividas e postas em análise como campos singulares, espiralares, múltiplos e metamorfos? Nós, psicanalistas, estamos dispostas a renunciar conceitos, tais como "inversão", "perversão" e "degenerados", edificados pela ideia que flerta, desde o período colonial, com o olhar aos incivilizados, de normalização e patologização do dissemelhante? Estamos implicadas em perscrutar na própria obra freudiana pistas para a criação de conceitos que respondam às demandas da contemporaneidade? E se em vez de "inversão" acompanharmos a nomeação das pessoas trans sobre a "transição", sobre o "transicionar"? Em que medida o conceito de bissexualidade em Freud pode nos ajudar a pensar na ideia de transicionalidade das sexualidades e identidades de gêneros?

3 "O primeiro entendimento da inversão consistiu em vê-la como um indício inato de degeneração nervosa, e se harmonizava com o fato de os observadores médicos a terem encontrado primeiramente em doentes nervosos ou em pessoas que davam a impressão de sê-lo" (Freud, 1905/2016, p. 22).

Neste ensaio, temos como objetivo problematizar o conceito freudiano de bissexualidade, na perspectiva de forjar a ideia de *transicionalidade psíquica* como um conceito fundamental para a escuta analítica das sexualidades e identidades de gêneros na contemporaneidade.

Fricções metapsicológicas: o eu, o corpo pulsional e a transicionalidade como potência

Para pensar o Eu e o corpo pulsional, partimos de duas premissas: a primeira é de que "o Eu costuma transformar em ato a vontade do Id, como se ela fosse a sua própria" (Freud, 1923/2011, p. 31); a segunda é de que "O corpo, principalmente sua superfície, é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente" (Freud, 1923/2011, p. 31). A partir dessas premissas, você consegue escutar Glória? O que ela sussurra ao pé do ouvido do divã quando conta sobre o descobrir-se gay, bixa preta, pansexual, transexual e travesti? O que a potência desse corpo pulsional tem a nos ensinar? O afeto que trans(bordou) no corpo inúmeras vezes, por linhas de seda em movimento espiralar, foi ligado a representações verbais do que é ser "homem" e do que é ser "mulher" em uma sociedade marcada pela "cisgeneridade" (Nascimento, 2021, p. 97) e "heterossexualidade compulsória" (Butler, 2019, p. 165). "A palavra é, afinal, o resíduo mnemônico da palavra ouvida" (Freud, 1923/2011, p. 25).

É no corpo que palavras insubmissas bordam e inscrevem sexualidades e identidades de gêneros dissidentes; é na superfície desse corpo que o Eu, em constante *transicionalidade psíquica*, é acionado por percepções internas e externas, fortalecendo a identidade travesti em Glória. Não esqueçamos das palavras do inventor da psicanálise: "O Eu é sobretudo corporal" (Freud, 1923/2011, p. 32). Permitir sentir e viver a inteireza do corpo erógeno, pulsional, com seus desejos, atrevimentos e destinos, é o que permite à clínica psicanalítica se diferenciar de um confessionário como ferramenta de alívio da culpa e de adequação à cis-hetero-normatividade. Ou, ainda, como instrumento de poder e manipulação do outro, a partir da afirmação de que conhece sobre a alma desse outro, podendo dirigi-lo "à boa consciência e à salvação" (Butler, 2022, p. 272).

Transicionamos cotidianamente, ao longo de nosso amadurecimento psíquico, de nossos processos de subjetivação e em meio ao tempo espiralar que conecta passado no presente, presente no passado, possibilitando um processo de elaboração de conflitos internos e externos. Inspiradas no tempo espiralar de Leda Martins (2021, p. 42), ou seja, aquele "que não elide as cronologias, mas que a subverte", e no movimento pendular e em espiral da psicanálise freudiana, enunciado por Luiz Roberto Monzani (1989, p. 303) ao referir que "as mesmas questões são abordadas, 'esquecidas', retomadas, mas não no mesmo nível que estavam sendo tratadas anteriormente", tomamos o *tempo espiralar-inconsciente* como uma ideia fundamental para pensar-sentir a potência analítica da *transicionalidade psíquica*.

O tempo espiralar-inconsciente se movimenta em retomada ao vivido no presente-passado, de modo que o "prefixo re nos remete à necessidade de uma volta, de um fazer-se de novo, de uma retrospecção, de uma retroação, mas também nos aponta para uma repetição a vir, produzir-se à frente, como uma memória do futuro" (Martins, 2021, p. 205). Essa é a função dos itan – narrativas míticas transmitidas pela oralidade –, que anunciam marcas mnemônicas do futuro. Invocamos o provérbio africano, "Esu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje", para perguntar como os itan, das tradições iorubanas, nos mobilizam a pensar-sentir sobre o tempo espiralar-inconsciente e o porvir da repetição? O fazer repetir, intrínseco ao processo analítico, "significa invocar uma parcela de

vida real e, por isso, não é inofensivo e sem problemas em todos os casos" (Freud, 1914/2010, p. 157). Convidamos você a pensar em marcas mnemônicas do futuro a partir da *transicionalidade psíquica* de corpos trans que estilhaçam verdades fossilizadas sobre um domínio da sexualidade, calcada em restrições que "incluem o caráter radicalmente inconcebível de desejar de outra forma, o caráter radicalmente intolerável de desejar de outra forma, a ausência de certos desejos, o repúdio permanente de algumas possibilidades sexuais" (Butler, 2019, p. 167).

A transicionalidade psíquica envolve pensar-sentir os componentes aleatórios, imprevisíveis e perecíveis da vida a serem vividos e transformados nas concepções contemporâneas de parentalidade, gênero, sexualidade, clínica e ampliação da escolha de objeto. Envolve abrir-se para a realidade psíquica e factual de sujeitos singulares, recusando radicalmente qualquer ideal imposto pelo cis-tema hegemônico. Exige menos transparência, pois requer invisibilidade e certa indiferença enquanto proteção ao olhar julgador do outro; e mais diferença com "direito à opacidade" (Glissant, 2021, p. 140), para que seja possível a produção de si, com toda autoria e autonomia que o Eu seja capaz de experimentar. Tudo isso exige a renúncia das idealizações dos objetos primordiais que estimam um destino restrito e exclusivo enquanto homem ou mulher, hétero e cisgênero. Um tremor ao narcisismo secundário é produzido em meio a uma retração ou ausência de investimentos objetais primários e secundários, em um corpo ao qual é direcionado ódio e repulsa, fazendo emergir uma energia psíquica a serviço da defesa e conservação do Eu, em confluência com as pulsões sexuais e autoeróticas.

Se as pulsões autoeróticas são primordiais, pressupõe-se "haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo" (Freud, 1914/2010, p. 19). Tomamos

a nova ação psíquica como uma ideia-conceito em que o Eu toma o corpo como objeto de experiências, em um percurso que cruza os diferentes buracos, as diferentes zonas erógenas do corpo, complementando a experiência da sexualidade infantil. Salientamos que para pensar-sentir a formação do Eu, não partimos da dicotomia que pressupõe um salto da dimensão corporal para a mental, mas sim, assumimos a complementaridade entre elas. Na medida em que o Eu se encontra mais autônomo e autoral - mesmo diante da imprevisibilidade, provisoriedade e precariedade da vida -, escolhe a forma de prazer sexual que, em nossa gira hipotética, irá produzir o que socialmente denominamos como identidades de gêneros, considerando todas as possibilidades de fluidez. A nova ação psíquica é forjada no percurso do Eu pelo corpo próprio como objeto, experimentando ser, sentir, saborear, pensar, escolher e produzir o ser-sendo no tempo espiralar-inconsciente que não se movimenta de modo unidirecional ou evolutivo. A ideia-conceito nova ação específica, portanto, é ampliada a partir do conceito de tempo espiralar-inconsciente pensando o Eu como instância em constante elaboração, construção, movimento cujas fronteiras implicam múltiplas possibilidades de posicionamento subjetivo.

Falamos um ser-sendo que não está alheio ao ódio, à repulsa e à recusa direcionados ao transicionar de corpos dissidentes que, por sua vez, (d)enunciam no outro as conflitivas do seu narcisismo primário baseadas na herança de um mundo fundamentado na cisgeneridade. Diferente do nascimento e do investimento direcionado à Sua Majestade o Bebê – "como um dia pensamos de nós mesmo" (Freud, 1914/2010, p. 17) –, quando uma pessoa trans renasce, ressignificando suas atribuições de gênero⁴ impostas pela cisgeneridade, o Eu necessita se defender e responder a esse ódio objetal sustentados

4 Comportamentos, modos de se relacionar e até estereótipos de papéis de gênero.

pelo cis-tema hétero-normativo, que revela a destrutividade humana. A transicionalidade psíquica é o que garantirá certa onipotência a esse renascimento, possibilitando relações de amor-próprio e novos investimentos de objetos libidinais. Nesse processo, o Eu ideal, que tem como bússola a dualidade do certo e errado da cisgeneridade, dá passagem ao ideal de Eu, cuja autoria remete ao arbítrio de ser o que se pensa, o que se sente, o que se deseja: de ser uma pessoa trans. Ao falarmos em arbítrio e autoria, não nos referimos a um Eu idealizado e pleno de controle racional em um mundo também idealizado, mas da experiência de produção de si de pessoas trans em confronto com os discursos de um cis-tema hétero-normativo, branco-colonial – experiência que, mesmo sendo precária, podendo ser facilmente afetada por circunstâncias externas, pode ser significada como autoria subjetiva. Trata-se, portanto, de reconhecer o campo de forças em que o Eu opera: não fora da precariedade, mas a partir dela.

Eis a emergência das identidades de gêneros, aqui sentidas--pensadas a partir da autoria do Eu em estreita confluência com o social. Elas não se pretendem dizer sobre todas as possibilidades de gêneros dissidentes, pois estão assentadas na impermanência e não obrigam ninguém a se relacionar e ver o mundo a seu modo.

A transicionalidade nas pessoas trans abre uma nova ferida narcísica no mundo, na medida em que provoca tremores na cis-hétero-normatividade do humano branco universal. Castiel Vitorino Brasileiro (2022, p. 30) alerta: "Precisamos entender que a transmutação da carne não é algo particular da espécie *Homo sapiens sapiens*. Modificar a forma e o que há de mais comum no Planeta Terra". Ressaltamos, juntos a Castiel, que os animais também podem se transformar e nos contar de outros engendramentos do masculino, do feminino e do gestar, seja no mar ou terra. Não se trata de um

paradigma biológico, mas da perecibilidade ao qual tudo se transforma no universo, inclusive no aparelho psíquico.

Freud (1905/2016, p. 29), ao ecoar sobre a potência da bissexualidade dentro da realidade de sua época, refere que é esperado, na constituição humana, "um certo grau de hermafroditismo anatômico"; e desde o ponto de vista morfológico, que constitui o binarismo de gênero, "em nenhuma pessoa normalmente desenvolvida, homem ou mulher, faltam traços do aparelho do outro sexo, que continuam a existir sem função, como órgãos rudimentares, ou foram modificados para assumir outras funções" (Freud, 1905/2016, p. 29). Sem dúvida, uma construção teórica revolucionária para seu tempo. Contudo, Freud recua do seu posicionamento, ao considerar a bissexualidade como uma batalha a ser perdida para a monossexualidade, que será priorizada e estendida à todas as pessoas. Se não houvesse o recuo, como poderia ser recebida a ideia de Freud enquanto buscava consolidar a psicanálise? Hoje, quais ideias ampliam sua teoria inicial e podem ser acolhidas, respondidas como tumulto à normalidade de homens e mulheres cisgênero?

O interesse sexual de homens cisgênero por mulheres cisgênero, ou vice-versa, não é questionado no domínio da sexualidade, pois já ganhou status de normalidade e, possivelmente, um pensamento onipotente de ser o centro e vontade do mundo. Contudo, para Freud, essa é uma problematização que deveria ser objeto de análise: "também o interesse sexual exclusivo de homem pela mulher é um problema que requer explicação, não é algo evidente em si, baseado numa atração fundamentalmente química" (Freud, 1905/2016, p. 35, nota de rodapé). Além disso, Freud (1914/2010, p. 36) também entende que, na escolha narcísica de objetos, a "homossexualidade masculina" é algo que deve ser apreciado em outro cenário. Chamamos atenção ao significante "apreciar": atribuir um

valor/considerar ou fazer estimativa/julgar. Entretanto, qual o espaço nos processos de subjetivação na clínica para aprender e escutar com quem está transicionando?

Fricções em sobrevoo com Glória: o retorno

A escuta clínica de pessoas trans nos instiga a degustar e gingar sobre pistas do pensamento freudiano que, em muitas passagens e paragens, se mostra com uma abertura embrionária à diferença, nos convocando a escapar da lógica cis-hétero-branco-normativa quanto às sexualidades e identidades de gêneros. Convocamos psicanalistas de nosso tempo a seguir dilatando essa fresta que se abre sobre nosso divã. O conceito freudiano de bissexualidade (Freud, 1905/2016) ilustra uma criação radicalmente inovadora para seu tempo, ainda que fortemente ancorada inicialmente nos pressupostos da binaridade de gênero, masculino e feminino, desde um paradigma biológico.

Importante salientar que não temos dúvidas do quanto Freud foi além do biológico ao propor o aparelho psíquico, o que o levou a permutar do paradigma da filogenia – focado no estudo evolutivo dos organismos vivos – para o da ontogenia, colocando, na cena científica de seu tempo, a singularidade dos sujeitos para pensar-sentir os processos de subjetivação (Fanon, 2008).

Na filogenia, a morfologia anatômica da vagina e do pênis constitui-se a partir de uma herança biológica, cuja ação específica – que requer um objeto específico – pode estar atrelada à continuidade da espécie humana, tornando necessária a existência de um útero, de óvulos e de esperma. No entanto, quem pode ter pênis ou vagina? Homem tem vagina, útero? Mulher tem pênis, testículos? Quem pode gestar? A experiência trans nos convoca ao desencapsulamento e estilhaçamento da verdade sobre o que é ser homem ou mulher

em um cis-tema marcado pelo binarismo de gênero que se assenta na morfologia anatômica. Ao propor a transição da filogenia para a ontogenia, Freud deixa rastros, resíduos de conceitos politicamente indigestos que continuam atuando na manutenção de representações patológicas e nosológicas da experiência humana, sobretudo da experiência trans.

Na ontogenia, é aberta a perspectiva da singularidade do ser em torno das experiências de prazer – da pulsão sexual e da sexualidade –, o que leva o Eu à construção da autoria e autonomia, para além da ação específica de disposição biológica que busca a sobrevivência. O Eu, ao ser forjado pelo corpo e pelas identificações, constitui-se como autor de si, protagonizando experiências de prazer e transitando por diferentes possibilidades sexuais e modos de desejar, o que só é possível em confluência com o outro, com o meio, com o social. Eis a entrada da sociogenia, elemento fundamental para pensar-sentir os processos de subjetivação em torno das sexualidades e identidades de gêneros. Localizamos a sociogenia a partir da seguinte afirmativa: "A sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa à influência humana" (Fanon, 2008, p. 28). Portanto, ontogenia e sociogenia caminham lado a lado, e a psicanalista, ao se colocar como objeto na sua escuta analítica, pode se perguntar: como sinto, percebo, escuto a transicionalidade psíquica? Qual princípio de realidade que tem ancorado minha escuta de corpos dissidentes, especialmente quando mexem com minha própria história?

Lembremos que os ideais produzidos desde nossos objetos primordiais estão atravessados por interseccionalidades de raça, gênero, sexualidade e condição socioeconômica, que muitas vezes são tomadas como secundárias por dizerem das especificidades do outro. Mas não é da sua, também? É chegada a hora de criarmos novas pinceladas na pintura já feita da sexualidade. O próprio

investimento na escuta, no pensar-sentir, no saborear, no tatear a *transicionalidade psíquica* a partir deste ensaio, já é por nós entendido como uma abertura. Decolamos com Glória e sua pulsão de vida, tateando sobrevoos.

Referências

- Alves, M. C., Sant'Anna Junior, A. de, & Izidoro-Pinto, C. M. (2023). Mulheres pretas da enfermagem: escrevivência atrevivida em oralitura na covid-19. *Revista Estudos Feministas*, *31*(1), e83154. https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n183154
- Brasileiro, V. C. (2022). Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude. n-1 edições; Hedras.
- Butler, J. (2019). *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. n-1; Crocodilo.
- Butler, J. (2022). Desfazendo gênero. Unesp.
- Fanon, F. (2008). Pele negra, máscaras brancas. Edufba.
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2011). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 6). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Glissant, É. (2021). Poéticas da relação. Bazar do Tempo.
- Martins, L. M. (2021). *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Cobogó.
- Monzani, L. R. (1989). *Freud O movimento de um pensamento*. Editora da Unicamp.
- Nascimento, L. C. P. (2021). Transfeminismo. Jandaíra.

Agradecimento aos pareceristas

É com muita alegria que a Associação Brasileira de Candidatos (ABC) agradece o precioso trabalho realizado pelos pareceristas.

Adalberto Goulart

Alberto da Costa Lima

Ana Cláudia Zuanella

Augusta Gerchmann

Carla Caroline Freixo dos Santos

Carlos Pires Leal

Cláudia Antonelli

Elisa Lanzarini

Isabela Cardia

Josimara Magro Fernandez de Souza

Juliana Corte Vitoria

Iuliana Simczak Theuhrz

Luciana Almeida

Luziclaire Sanchez Colnaghi Silva

Luzia de Souza Patusco

Marcela Casacio

Marcela Pohlmann

Maria Arleide da Silva

Maria Fernanda Marques Soares

Miguel Calmon

Nadja Rodrigues de Oliveira

Patrícia Rebouças Malva Guiot

Renata Innecco Bittencourt de Carvalho

Silvana Maria de Barros Santos